

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Marta Isabel Ricardo Marecos Duarte

**VOZES CONSOANTES, VOZES DISSONANTES.
PINA E MELO E A CULTURA LITERÁRIA DO
SÉCULO XVIII**

SUJEITO AUTORAL, POLÉMICA E POÉTICAS

VOLUME 3

**Correspondência e Orações Académicas
(1724-1768)**

**Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa,
orientada pelos Professores Doutores Paulo Jorge da Silva Pereira
e José Eduardo Franco e apresentada ao Departamento de
Línguas, Literaturas e Culturas
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Dezembro de 2020

Marta Isabel Ricardo Marecos Duarte

VOZES CONSOANTES, VOZES DISSONANTES.

Pina e Melo e a Cultura Literária do século XVIII:
sujeito autoral, polémica e poéticas

VOLUME 3
CORRESPONDÊNCIA E ORAÇÕES ACADÉMICAS
(1724-1768)

Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, orientada pelos Professores Doutores Paulo Jorge da Silva Pereira e José Eduardo Franco e apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Bolsa Individual de Doutoramento: FCT SFRH/BD/101304/2014

Dezembro de 2020

FRANCISCO DE PINA E MELO
CORRESPONDÊNCIA E ORAÇÕES ACADÉMICAS
(1724-1768)

Conteúdo e objetivos

Neste volume que constitui o Apêndice II da tese de doutoramento intitulada *Vozes consoantes, Vozes dissonantes, Francisco de Pina e Melo e a cultura literária do século XVIII: sujeito autoral, polémica e poéticas*, pretendemos trazer a lume um conjunto de textos quase na totalidade inéditos (manuscritos na sua maioria), entre correspondência e orações académicas. Pelo seu interesse literário e cultural, julgamos importante a sua fixação e divulgação, tendo optado por levar a cabo uma modernização da grafia dos originais.

Da lista apresentada, apenas quatro das cartas assinadas pelo poeta não foram transcritas por nós a partir do original manuscrito. Três delas têm como fonte a obra *Theatro de Manoel de Figueiredo* (tomo XIV, Lisboa, Impressão Régia, 1815). Já o texto da “Carta crítica ao Doutor João Gomes Ferreira”, cuja cópia se encontra na *Colecção de Manuscriptos Historicos em especial de algumas sentenças* (Tomo VII, Manuscritos da Livraria, n.º 1052 (16) (ANTT), 1803, fls. 138-139), reproduzimo-lo a partir da transcrição de Teófilo Braga, inserida nas páginas 296-299 de *História da Literatura Portuguesa – A Arcádia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Chardron, 1899.

Entre a correspondência conhecida de Melo ficam por publicar, nesta antologia, as cartas trocadas com António Ribeiro Sanches, publicadas por António Ferrão, já em pleno séc. XX, em *Ribeiro Sanches e Soares de Barros: novos elementos para as biografias desses académicos: três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1960-1961)*, “Comunicação à classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa em 27 de Novembro de 1934”, Lisboa, Ottosgráfica, 1936; e em *O Poeta, Crítico e Moralista Francisco de Pina e Melo (1695-1773) – Apontamentos para a sua biografia*, Lisboa, Ottosgráfica, 1938. Ao conjunto de textos de Pina e Melo, acrescentamos a publicação de uma oração de Pedro Correia Garção, à semelhança das orações do montemorense, lida em sessão da Academia dos Ocultos (1755).

De um modo geral, os textos aqui reunidos são dotados de um conteúdo temático relevante para o conhecimento da história das ideias estéticas, dos paradigmas da crítica literária setecentista e dos embates em torno do “bom gosto”, que se fazem sentir no campo literário. Às questões de âmbito estético e de sociologia literária justapõe-se o

delinear de uma perspectiva acerca da introdução das Luzes em Portugal (entre 1724 e 1768), espelhando reações às reformas levadas a efeito nos campos das artes e letras, ciências e ensino, sobretudo já no contexto do reinado de D. José (1750-1777), em cujas balizas cronológicas se compreendem a maioria das cartas aqui inseridas.

Perfazendo uma sequência de três conjuntos (Correspondência I, 1724-1748; Correspondência II, 1754-1768; Orações, 1751-1755), ao todo, esta antologia conta com 30 cartas (3 delas obra de interlocutores do poeta) e 3 orações académicas, uma delas, da autoria de Garção. Seguidamente, apresentamos as referências dos textos em causa, adicionando alguns detalhes descritivos.

Índice das cartas e orações de Francisco de Pina e Melo no presente volume

Cartas (1724-1741), BNP, Ms. 55 n.º 1: 10 documentos, 10 cartas (incluem os destinatários António de Sousa Caetano, Manuel de Sousa Caetano e D. Francisco Xavier de Meneses); [p. 11]

Carta ao Senhor Luís Tomás de Lemos de Carvalho (Montemor-o-Velho, 24 de maio de 1748), BPE, cód. CI 1-4, 7 fls.; [p. 23]

Carta ao S.º L. A. V. [Luís António Verney], Montemor-o-Velho, a 26 de julho de 1754, BGUC, cód. 73, n.º 33, 2 fls. [impresso]; [p. 28]

Carta ao S.º D. J. M., Montemor-o-Velho, 22 de janeiro de 1755, BA-55-II-41(4), 1755, 7 fls. [impresso]; [p. 33]

Carta sobre o bom gosto, chamado moderno, de Francisco de Pina, e de Melo; a certo Religioso, seu particular Amigo (Montemor-o-Velho, 5 de abril de 1756), BPMP, PD ms. 30 n.º 2, 1756, 15 fls.; [p. 39]

Carta sobre a eloquência de Francisco de Pina e Melo (Montemor-o-Velho, 10 de abril de 1756), BPMP, PD ms. 568 n.º 4, 1756, 28 fls.; [p. 50]

Correspondência entre Francisco de Pina e Melo e José Xavier de Valadares e Sousa, BNP, cód. 4355, 1757-1758, 25 fls.: 13 documentos, 13 cartas, renumeradas por nós nesta

edição, dada a existência de lapsos na numeração dos documentos no maço da BN – o que parece sugerir a extração de alguns dos exemplares –, mas seguindo a sequência das mesmas no maço, aí ordenada cronologicamente. Duas das missivas são de Valadares e Sousa, tendo Pina e Melo como destinatário; estão ambas incompletas; [p. 68]

Correspondência entre Francisco de Pina e Melo e o Beneficiado João Baptista de Castro, BPE, cód. CXII/2-12, 1758, 4 fls.: 5 cartas, 1 delas de João Baptista de Castro; [p. 112]

[Cartas a Manuel de Figueiredo], “Montemor-o-Velho, 14 de abril de 1759”, “Montemor-o-Velho, 28 de maio de 1759”, “Montemor-o-Velho, 25 de junho de 1759”, in *Theatro de Manoel de Figueiredo*, tomo XIV, Lisboa, Impressão Régia, 1815, pp. 65-77; [p. 118]

Carta Crítica ao Doutor João Gomes Ferreira, na Collecção de manuscriptos Historicos em especial de algumas sentenças, tomo VII, ANTT, Manuscriptos da Livraria, n.º 1052 (16), 1803, fls. 138-139; in Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa – A Arcádia Lusitana – Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Chardron, 1899; [p. 124]

Carta ao Conde de Oeiras, José Sebastião de Carvalho e Melo, Montemor-o-Velho, a 3 de dezembro de 1763, PBA 616, 1 fl. [impresso]; [p. 126]

Cartas a Frei Manuel do Cenáculo, BPE, cód. CXXVII/1-9, n.º 36 (1778 e 1779), Montemor-o-Velho, 19 de dezembro de 1753 e 11 de abril de 1768, fls. 374-376: contém 2 cartas de Melo; [p. 127]

Prática (oração proferida a 28 de abril de 1751), BNP, AT 307, n.º 4, fls. 70-70v; [p. 131]

Louvar a Poesia (oração proferida a 18 de julho de 1751), BNP, Arquivo de Tarouca (AT) ms. 307, n.º 4, fls. 90-95; [p. 132]

Apêndice: Garção, Pedro António Correia, “Qual é e em que consiste o estilo sublime”, BNP, AT 307, n.º 6 (1754-1755), 1755, fls. 170-176. [p. 135]

Critérios e normas de transcrição

Na edição dos textos das cartas e orações não tivemos em atenção a preservação dos aspetos estilísticos no domínio da língua/grafia que presidem habitualmente à fixação de obras de poesia até ao séc. XVIII, preocupação de que se revestiu a edição do livro d' *As Rimas* (Apêndice I). Mais preocupados com a vertente de transmissão do conteúdo e das ideias do autor, levámos a efeito uma modernização do seu texto. Contudo, fomos prudentes no tocante à intervenção em alguns vocábulos cuja atualização implicaria supressão ou outro tipo de alteração significativa do ponto de vista morfológico. Por essa razão, conservámos algumas formas vocabulares pouco correntes no português contemporâneo. As citações em língua espanhola e em língua francesa foram alvo de atualização segundo a norma vigente.

1. Vogais

- i) Substituição da representação da semivogal *y* por *i*, em vocábulos como *mayor*;
- ii) Regularização da grafia das vogais e ditongos nasais de acordo com a norma atual (ex. *razoens* > *razões*);
- iii) Atualizámos as formas masculinas e femininas do artigo indefinido (*hũ* > *um*, *hum* > *um*, *hũa* > *uma*);
- iv) Atualização da representação dos ditongos nasais (*tam* > *tão*);
- v) Atualização da grafia dos ditongos orais, grafando com *i* e *u* as semivogais (*idea* > *ideia*; *vio* > *viu*).
- vi) Supressão do *e* intervocálico em formas verbais como *evidendeie* > *evidencie*; *lebrasteis* > *lebrastes*;
- vii) Introdução do *u* entre consoantes em *Carbunclos* > *Carbúnculos*;
- vii) Atualização da grafia dos ditongos orais crescentes (*agoas* > *águas*);
- viii) Atualizámos as formas *cousa*, *dous*, *enveja*, *reposta*, *peior*, *iverisemelhança*, *emprendido*, *receiava*, *sabidoria*, *desempara*, *derigido*, *armeria*, *deferenceie*, segundo a norma fonética e a grafia atuais;

2. Consoantes

- i) Supressão do *h* inicial (ex. *he* > *é*), em posição intervocálica (*comprehender* > *compreender*) e nos dígrafos helenizantes (*scientífica* > *científica*);
- ii) Simplificação das consoantes dobradas (*succede* > *suced*; *acção* > *ação*);
- iii) Normalização dos grupos consonânticos em posição medial, segundo o uso moderno, eliminando para tal a consoante etimológica (*condemna* > *condena*; *assumpto* > *assunto*; *prompto* > *pronto*; *suppor* > *supor*; *descripção* > *descrição*; *nacer* > *nascer*; *acrecentar* > *acrescentar*; *reposta* > *resposta*).
- iv) Substituição do dígrafo *ch* por *qu* nas oclusivas velares (ex. *Achilles*>*Aquiles*);
- v) Normalização da grafia nas formas em que se verificam ocorrências metálicas do grupo consoante + *r* (ex. *pertendem*);
- vi) Normalização da representação das consoantes fricativas segundo o uso moderno:
 - a) a fricativa labiodental surda passa a ser representada por *f* (ex. *hemispherio*>*hemisfério*);
 - b) as fricativas alveolares são representadas de acordo com as várias formas atuais: *cazas* > *casas*, *cañarmos* > *cansarmos*;
 - c) a fricativa palatal surda será grafada com *s* (*poz* > *pôs*);
 - d) a fricativa palatal sonora será grafada como *g* ou *j* (ex. *magestade* > *majestade*);
- vii) Eliminação do prefixo *es-* em *esmascarão*. Mas, conservação de algumas formas regionais ou arcaizantes dicionarizadas, como *ajuntar*, *quase*, *comua* (feminino de *comum*), *tão bem* (o mesmo que *também*);

3. Aspetos morfológicos

- i) Separação e união das palavras de acordo com o uso atual (*já mais > jamais; em quanto > enquanto; com tudo > contudo; por ventura > porventura*);
- ii) Desenvolvimento das abreviaturas (ex. *q~ > que, Sr. > Senhor*). Conservação das mesmas nos casos dos antropónimos que designam o destinatário de algumas cartas (ex. *D. J. M.*) e em *Mr.* (*monsieur* ou *mister*);
- iii) Manutenção de formas que denotam processos de redução silábica (ex. *inda, mui*).
- iv) Conservação do pronome *lhe* correspondente à terceira pessoa do plural (*lhes*) e da forma *escrevido* (=escrito);

4. Diacríticos

- i) Atualização do uso de acentos (ex. *tem > têm; vem > veem*);
- ii) Introdução de apóstrofo para assinalar contrações (*até'qui; até'gora*);
- iii) Regularização do emprego do hífen nas formas oblíquas átonas dos pronomes pessoais em posição enclítica (*discutilla > discuti-la, apartarse > apartar-se*);

5. Itálicos: colocação de itálicos *a)* em substituição de sublinhados; *b)* nas citações latinas; *c)* nos títulos de obras; *d)* nas citações de poesia;

6. Maiúsculas: conservação da maioria dos nomes iniciados por maiúscula (ex: *Nume, Secretário das Justiças, Plectro, Príncipe, Templo da Tipografia, Misericórdia*);

7. Pontuação: introdução ocasional de vírgula ou ponto de interrogação em falta. As primeiras, em algumas orações assindéticas carentes dessa marca ou outros contextos que a exigem por razões de ordem sintática/semântica;

- 8. Títulos de obras:** introdução de maiúsculas e de itálicos e atualização da grafia segundo a norma atual;
- 9. Outros sinais e procedimentos:** correção de pequenos lapsos do autor (ex. *pleble* > *plebe*; *concorcadarem* > *concordarem*), nos casos mais complexos indicando a intervenção dentro de [] (ex. sonori[da]de); o mesmo aplicando nos casos de rasuras ou fragmentos de difícil leitura no original. Introduzimos [...] quando o texto não é de todo reconstituível; e introduzimos (sic) para indicar situações “tal qual” no original. Por fim, apomos nota de rodapé em alguns vocábulos em desuso que requereram maior intervenção da nossa parte ao nível do ajuste à forma moderna.

CORRESPONDÊNCIA I
(1724-1748)

1.

Meu Senhor,

Se admitira algum alívio a lealdade portuguesa, no infausto sucesso do Senhor Dom Miguel, também eu seria daqueles que participassem, tendo a fortuna de lisonjear o heroico intento de Vossa Reverendíssima.

Por via do Senhor Dom Manuel de Sousa é que eu soube que Vossa Reverendíssima ajuntava todas as poesias deste assumpto, e as dava à Imprensa, com uma Oração Fúnebre, e pela mesma via se me mandou que eu concorresse, para o corpo de volume.

Bem feito é que as plumas lusitanas, no Templo da Tipografia, façam perene o culto da saudade, ao Nume de um Príncipe, que teve tão geral idolatria. Porem não me moveu, ainda tão superior motivo, que sou mais Pato, que Cisne de Hipocrene; e os meus epicédios, suposto que ajudem a construir-lhe o vulto, nunca lhe podiam fazer eterno o holocausto. A obediência é que venceu o impossível de me atrever a pôr à luz do mundo este tão defeituoso poema, que remeto a Vossa Reverendíssima.

Valha-me o martírio da vergonha, para merecer que na frágua de tanta erudição, se lhe consumam as fezes, que leva do meu discurso; e não só pela harmonia, que dela receber, mas pelo agasalho que nela achar se poderá então chamar todo seu, que de mim, não desejara que tivesse mais, que a vontade, com que o ofereço a Vossa Reverendíssima.

Para outra pessoa pareceria intempestiva confiança o chegar à sua presença sem a autoridade do conhecimento, mas aquele que eu tenho de Vossa Reverendíssima me tira o temor de talvez o não ter de mim; porque aos heróis, tão grandes como Vossa Reverendíssima não é necessário à oferta, mais prerrogativa, que ser vítima. E como deve ser tão aceita a humilde, como a fastosa, pois o valor consiste na devoção, e não no aparato, já sem receio vai direita as suas mãos, por me parecer também superfluidade buscar a dilação de outro caminho.

O Mondego comigo é rio, mais do esquecimento; que da fama, porém nada já me intimida, quando se pode fazer tão benemérito sacrificio com os Arganazes do Letes, como com os hipopótamos do Nilo; que cada um não está obrigado a dar o mais, do que pode, assim como é justo que não receba mais, do que lhe deve.

É certo que a peritíssima equidade de Vossa Reverendíssima quererá que se conserve uma lei tão natural, com que espero que me dê as suas ordens para não me defraudar do que me pertence.

Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho o 3.º de julho de 1724.

Reverendíssimo Senhor Dom Manuel Caetano de Sousa
Muito servidor de Vossa Reverendíssima
Francisco de Pina de Melo

2.

Meu Senhor, Se as relevantes ocupações de Vossa Reverendíssima me não houvessem de pedir restituição, ainda do breve tempo, que lhe tiro, com esta diligência, a fizera repetidas vezes, mas devo esconder-me à honra, e doutrina, que recebo da sua pessoa, e talento, porque o desperdício, que Vossa Reverendíssima faz comigo de um instante, vale mais, que o que outrem pode fazer de um século. Contudo o privilégio do agradecimento me obriga a chegar, segunda vez, à sua presença, significando-lhe que foi necessário empenhar toda a modéstia, para este favor de Vossa Reverendíssima me não levar ao absurdo do desvanecimento; que é o perigo dos aplausos.

Bem reconheço que não posso ter préstimo algum a Vossa Reverendíssima, pois além do seu gênio, merecimento, e dignidade se achar muito acima da Roda da Fortuna; pelo meu retiro, vivo tão fora dela, que nunca imaginei ter a alguém serventia, quanto mais à Vossa Reverendíssima. Esta desgraça herdei de meus avós, pois per si mesmos tomaram a de viverem em má terra, sem mais causa que avaliarem por melhor o sossego da aldeia, que as esperanças da corte; e como os homens estão obrigados a conservar o que eles lhe deixam, este motivo me faz sepultar nesta parte incógnita do mundo onde moro, muito apesar da minha inclinação.

Aquela que eu sempre tive às musas é que me incitou a cursar pela aspereza do Parnaso, com tanta fadiga; vencendo a trabalhosa dificuldade, de não ter conhecimento algum do seu caminho, mais que as pisadas, que nele divisava dos Padres da Poesia, e não consegui senão aquele espírito, que só será digno de se atender, com a iluminação, que agora tem de Vossa Reverendíssima. Enfim alguma desculpa tenho; porque onde só fumegam os holocaustos de Ceres, mal podem exercitarem-se dignamente os cultos de Apolo. Aquela mão que fez torpe e calosa o exercício do Arado, como há de ferir com suavidade e destreza as cordas do Plectro?

Tudo isto diminui o crédito para eu aspirar ao serviço de Vossa Reverendíssima, mas acrescenta-me a vontade e o sentimento, que só poderei suavizá-lo, conhecendo Vossa Reverendíssima que o meu desejo é tal, que pode suprir à (ou a?) minha inutilidade. E que assim como é estará sempre mui pronta às suas ordens. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho, 22 de julho de 1724.

Reverendíssimo Senhor Dom Manuel Caetano de Sousa.
Venerador muito obrigado de Vossa Reverendíssima.
Francisco de Pina de Melo.

3.

Meu Senhor, o correio passado escrevi a Vossa Reverendíssima, e agora o faço por este próprio; e em primeiro lugar devo pedir perdão de ocupar tantas vezes os grandes empregos de Vossa Reverendíssima com esta diligência; porém o aceitar, e usar da honra que Vossa Reverendíssima me faz, mais de culpa da sua benignidade que do meu atrevimento.

Por mão de Gaspar Galvão remete à Misericórdia desta Vossa uma petição ao Desembargo do Paço, em que eu sou muito empenhado, e buscou a via deste Secretário; porque a de Luiz Paulino está empenhada por outra parte. Não se pretende desta súplica mais que o conhecimento da Verdade, razão, e justiça, por isso me atrevo a pedir a Vossa Reverendíssima me faça o favor de que o dito Secretário das Justiças conheça que devo a Vossa Reverendíssima o favor do seu Patrocínio; e a minha obrigação ficara muito maior quando os desembargadores Gregório Pereira e António Baracho conhecessem o mesmo, que são os que hoje assistem no dito Tribunal. Este negócio não só necessita do auxílio de Vossa Reverendíssima, mas da brevidade dele porque 6.^a feira que são 4 de agosto há de chegar ao Desembargo uma informação mui afetada que supponho que há de prejudicar muito ao meu empenho, e antes dela se despachar espero dever a Vossa Reverendíssima que se mande tomar novo conhecimento da verdade, e este é o requerimento que a dita Misericórdia faz. Na aceitação que faço do favor de Vossa Reverendíssima desejara que conhecesse que a minha vontade era estar sempre tão obrigado a Vossa Reverendíssima que por mais que exercitasse as suas ordens não daria nunca cabal satisfação as minhas divisas. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho o 1.^o de agosto de 1724.

Reverendíssimo Senhor Dom Manuel Caetano de Sousa.
Mais obrigado venerador de Vossa Reverendíssima.
Francisco de Pina de Melo.

4.

Meu Senhor,

É verdade que tomei a confiança de buscar o patrocínio de Vossa Reverendíssima, mas a ambição de me honrar fez o meu rogo atrevido; e a insciência do decreto de Sua Majestade fará maior o absurdo, pois não só intento ser o mais observante das suas ordens, porém desejo que todos o sejam; mas desta ânsia vive muito independente a inflexível inteireza de Vossa Reverendíssima, porque para ela lhe basta a Vossa Reverendíssima a si mesmo. Não faltarão ocasiões isentas de tão superior obstáculo, em que me aproveite do seu generoso oferecimento, para que igualmente acredite o amparo, a minha dependência, e a autoridade de Vossa Reverendíssima a quem eternamente me confessarei obrigado, pois bem reconheço que este aplauso de Vossa Reverendíssima nasce mais da sua benevolência que do meu merecimento. E só poderei certificar-me que o tenho, quando Vossa Reverendíssima use da vontade, com que sempre estarei rendido à sua disposição. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho, 14 de agosto de 1724.

Reverendíssimo Senhor Dom Manuel Caetano de Sousa.
Venerador muito obrigado e cativo de Vossa Reverendíssima.
Francisco de Pina de Mello.

5. (4)

Meu Senhor

Resolvi-me a não esperar pela descrição funeral, que mandei pedir a Vossa Reverendíssima pera obedecer à sua recomendação, e assim entrei logo a cumpri-la, e fiz essa oração fúnebre, e essa écloga por não ser obra tão comua, e entre a nossa Poesia das espécies mais dificultosas, porque de sonetos, e canções irá cheio o livro, e eu quis estribar a boa aceitação mais na singularidade, que na excelência do discurso: Também me pareceu ser justo escrever ao Duque, porém remeto tudo a Vossa Reverendíssima para ir primeiro buscar a sua aprovação, e por isso vai aberta a carta, que Vossa Reverendíssima mandara fechar, e entregar, depois de receber a sua censura.

A Poesia está dividida em bandos no nosso Reino: aos que desprezam a antiguidade não lhe hão de parecer bem alguns termos de que uso na écloga; mas o que posso assegurar a Vossa Reverendíssima é que ela não tem vocábulo, nem frase, nem período, que não seja imitado dos padrões a quem se deve toda a veneração: se houver dúvida será fácil o desengano.

O estilo das éclogas também é mui questionado: uns o fazem totalmente rústico, outros querem que ele seja polido; eu uniformei estas distâncias: quando meto os pastores em prática sua, uso de alguma sorte do rústico, quando entro no argumento da obra enfureço o entusiasmo: Em estilo radicalmente Bucólico tenho feito um livrinho, que brevemente sairá a luz; agora me não pareceu usar todo este rigor.

A oração cuida que vai em frase panegírica; enfim é o que pode dar de si uma aldeia, que ainda que muito estranha do meu génio, não tenho mais remédio que purgar nela o mau gosto dos meus antepassados. Escuso de oferecer a Vossa Reverendíssima a minha vontade que por ser grande pode suprir o defeito do meu préstimo: Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor, 20 de setembro de 1728.

Amigo e muito servidor de Vossa Reverendíssima
Francisco de Pina de Melo

Reverendíssimo Senhor D. António Caetano de Sousa

6. (5)

Reverendíssimo Senhor

Meu Senhor Depois que o Reverendo Miguel de Santa Maria saiu à luz com as dissertações, que impugnaram a Nunciatura de Santiago às Espanhas, sempre lhe desejei opositor, que lhe rebatesse este arrojado, pois só amparado na elegância de um, e outro idioma, quis seguir esta quase peregrina opinião, apesar de tantas tradições e monumentos sagrados; que por muitos séculos tem movido a nossa piedade a que ouça com estranheza aos que querem arrancar esta glória do grémio da nossa Província: sei agora que Vossa Reverendíssima em dois volumes de bastante corpo nos restitui esta honra que parecia andar vacilante com as forças daquela eloquência; e também fio da sua generosidade, e dos antigos favores que lhe devo me enriqueça com esta repetida demonstração do seu imensurável talento, para que hoje mais propriamente me deleite a voz da verdade em cada cláusula destes livros; e conheça o mundo que posso merecer a Vossa Reverendíssima a cujas ordens sacrifico a minha obediência. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho, 14 de março de 1733.

Reverendíssimo Senhor
Servidor muito obrigado de Vossa Reverendíssima
Francisco de Pina de Mello

7. (6)

Reverendíssimo Senhor

Meu Senhor há obras que a sua melhor qualificação é o nome dos seus autores, e também as há que somente por elas se conhecem os seus artífices: *Mentoris haec manus est, haec Polyclate tua*: Uma e outra excelência tem gozado as de Vossa Reverendíssima neste nosso século; por cuja causa o tem feito felicíssimo a sua erudição, o seu engenho, e as suas virtudes.

E ainda que quase sempre o imaginado é maior que o possuído, também desta regra se tiram as produções do talento de Vossa Reverendíssima, e eu sei certamente que por mais que a minha admiração se tenha dedicado à fama dos seus escritos, que lhe hão de dar maior culto os olhos, que os ouvidos; e assim beijo a Vossa Reverendíssima a mão por ordenar este devoto exercício à minha fraca inteligência; mas na mesma devoção satisfarei a ignorância do que venero. Por este portador pode Vossa Reverendíssima conceder-me a entrega dos livros; e dar-me juntamente a honra de ter algum préstimo no seu serviço. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho, 29 de março de 1733.

Reverendíssimo Senhor
De Vossa Reverendíssima
Obrigadíssimo, e mais reverente servidor
Francisco de Pina de Melo

8. (7)

Reverendíssimo Senhor

Meu Senhor. Chegaram os dois tomos da expedição de Santiago à Espanha, em tudo grandes: grandes na estatura, grandes na erudição, na eloquência, no alento, na majestade, na constância e no triunfo; e finalmente na primorosa encadernação. Desde o tempo que os recebi até a partida do correio me não apartei da sua vastíssima literatura; por isso como testemunha de vista me atrevi a fazer esse juízo; e sem temeridade o pudera formar vendo somente no frontispício o nome de Vossa Reverendíssima, que é a verdadeira demonstração de tão preciosas qualidades. Beijo a Vossa Reverendíssima mil vezes as mãos por suavizar a minha ideia, na mortificação desta soledade, com este eruditíssimo encanto; pois desempenhando o preceito de Horácio, deleita e ensina, sendo tão raros os escritores que sabem misturar o doce com o proveitoso: Com maiores motivos me terá Vossa Reverendíssima sempre obediente às suas ordens. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho, 12 de abril de 1733.

Reverendo Senhor.
De Vossa Reverendíssima
Obrigadíssimo, e sempre reverente e afetuosíssimo servidor
Francisco de Pina de Mello

Excelentíssimo Senhor o Conde de Ericeira

Meu Senhor. Ver-me outra vez restituído à graça e memória de Vossa Excelência é um dos prodígios da sua generosidade, pois faz com que o merecimento seja menos nobre do que a fortuna; nem eu sei como posso temperar a modéstia com a vanglória; perigosa estaria a moderação se não conhecesse a grandeza do ânimo de Vossa Excelência.

Cícero era Senhor, e amigo de Tiro, Vossa Excelência não o imita, em si mesmo tem o exemplar, porque o excede no esplendor, e no talento.

Recebo com pasmo, e veneração o portentoso, e praticado desenho deste preciosíssimo erário de Minerva, e confesso fielmente a Vossa Excelência que toda a glória das minhas anotações a tenho dedicado a este corpulento simulacro.

Na elegância com que está distribuída a sua simetria não serei eu tão ousado que me intrometa: Competiam algum dia os pintores na sutileza das linhas, a arte de Vossa Excelência não brinca, atemoriza, porque só retrata gigantes; e como as suas linhas são maiores que as da esfera, ficam também inimitáveis, e inacessíveis.

[fl. 1v.] A modéstia de Vossa Excelência é mais escrupulosa do que devera: eu vejo a Biblioteca descrita, mas também a quisera ver elogiada, e não tenho forças para gravar o panegírico no ornato da figura, pois temo que o escravo se mortifique com a pena. A mão de Vossa Excelência é mais conhecida que a de Mentor, e Polícrates; ninguém pode ter o mesmo acerto, por isso só Vossa Excelência devia adiantar o rasgo.

Aqueles meus 14 versos poderiam parecer sonetos animados com a expressão de Vossa Excelência mais sonora que o clarim da Fama. A harmonia dos epigramas de Marcial recitados por Fidentino era dissonância; porém os meus desconcertos sempre são airosos na modulação de Vossa Excelência; e se Vossa Excelência cantava, como se não havia de comover a Academia?

Orfeu abalava os penhascos com a cítara, pouco foi suspender Vossa Excelência o Parnaso com a música. Estava o congresso alienado, esta seria a causa de eu ser aplaudido. Às portas do Areópago nunca chegou o lastimoso ruído das lágrimas, e do rogo: faltou a aqueles juízes o prevenirem-se contra a suavidade do canto: A consonância é o maior inimigo da liberdade, e do arbítrio. Posso dizer que a honra de se ilustrar o meu nome com as luzes da majestosa presença foi mais suborno que merecimento; e também direi [fl. 2] que se Vossa Excelência pendurar a Lira ficará outra vez aquela memória na sua antiga desgraça. Eu de pouco servirei a Academia, ainda que a vontade de servi-la é muito especial; e duvido se é obséquio se natureza. Este desejo unido com o meu génio, que sempre aborreceu a soledade, me arrebataria para a assistência da Corte, se nela pudesse conservar o decoro, que mais que ao sangue, devo ao patrocínio de Vossa Excelência. Se a minha pessoa fora digna do quarto do Senhor Infante D. António, e a minha inclinação benemerita do seu agrado, tinha ânimo de persuadir a vontade deste Príncipe com minha veneração, e fidelidade; porém o meu retiro não só me oprime o espírito, mas a fortuna. De qualquer sorte devo aceitar, e agradecer a Vossa Excelência a honra de me querer unir a um corpo tão ilustre como o da Academia Real da História.

Sempre estimei muito as prendas de meu parente Martinho de Mendonça; e agora devem ser mais dignas de estimação com o abono de Vossa Excelência; e com a prerrogativa tão pouco usada de não mudar de memórias com a mudança da fortuna.

As minhas *Rimas* estão muito mal impressas, e puderam ficar melhores se advertira naquele tempo o perigo que padecem os livros nas edições; por isso as julgo indignas da presença Real: nestes termos [fl. 2v.] duvido se devo emendar os absurdos do Prelo, se

devem ir manuscritos, para aproveitarem o crédito, com que Vossa Excelência quer ampará-las em trono tão soberano.

Também julgo por igual favor o conceder-me Vossa Excelência a sua *Henriqueida*; e bem parece Deidade em vir procurar o sacrifício, e ainda melhor se justifica o Númen na fé que lhe tenho consagrado, pois semelhante culto pende menos dos olhos, que dos ouvidos.

Virgílio fatigou-se doze anos com 90900 (sic) versos; em muitos menos compôs Vossa Excelência 120800 (sic): Naquele dilatado espaço, não houve tempo para a lima, neste breve discurso, sai sem escrúpulo o magistério. Renda pois a *Eneida* estas três coroas às plantas da *Henriqueida*, e para maior glória acabe de confessar o triunfo. Permita-me Vossa Excelência com a possível brevidade este inestimável tesouro. No Louriçal está António Luiz de Andrade que mo pode remeter, com recomendação de Vossa Excelência; para que com esta advertência venha tão venerado, como cuidadoso.

O mesmo António Luiz me tinha dado a notícia da discreta eleição das senhoras espanholas. Minerva, como deusa das armas, e das letras, às vezes confunde a lança com a pena. Os quartéis não só fazem ilustres os heróis na campanha, também [fl. 3] no gabinete. De quantas vezes Vossa Excelência tomou o estoque para escrever com sangue o estrago dos inimigos empunhe agora o estilo, e execute com ele os golpes da sua eloquência, para que Madrid não tenha inveja a Londres com a generosidade portuguesa.

Remeto a glosa do quartel como Vossa Excelência ordena: no meu punho será espada de Príamo, no de Vossa Excelência montante de Hector. A emenda lhe comunicará o impulso, para que de vapor se converta em raio.

Se Vossa Excelência permitir que eu me ponha mais vivo na palestra, desculparei o arrojo com a obediência. Para o correio enviarei as inscrições que se perpetuarão melhor na memória, que nos caracteres; pois duvido que aos mármoreos concedam tanto respeito a inclemência dos anos como oferecerão à lembrança de Vossa Excelência. Sinto extremamente as moléstias do grande Marquês de Valença, de que não tinha notícia, ainda que as receava pelo silêncio do Conde seu filho. O maior contrário da vida é o talento. Talvez que seja precisa esta experiência da humanidade para separar o aplauso da adoração. Daquela que tributo a Vossa Excelência será eterno testemunha a minha vontade e o desejo de servi-lo. Deus guarde a pessoa de Vossa Excelência [fl. 3v] por muitos anos, Montemor-o-Velho, 10 de outubro de 1733.

Excelentíssimo Senhor

Mais reverente e obrigado e afetuosíssimo servo de Vossa Excelência
Francisco de Pina de Melo

10. (9)

Meu amigo e senhor,

Sinto as moléstias de Vossa Paternidade em que lhe tenho feito companhia com a minha hipocondria que como procedeu de algum excesso na aplicação, e a causa se não evita pelo génio e soledade de Montemor é difícil extinguir a queixa. Estimarei que Vossa Paternidade se restitua a uma perfeita consistência para nos honrar a pátria com os seus estudos de que não é menor testemunho o tomo que me remeteu o Duque, em que deve ter uma grande glória a Casa de Bragança. Não se descuide Vossa Paternidade de me ir continuando este gosto com a remessa do livro.

Fico mui satisfeito de que tenhamos um tão bom abridor de sinetes, como justifica o que Vossa Paternidade me mandou do nosso Bispo; porque está aberto perfeitissimamente, e ainda que ele pelo meu se não contenta com pouco, como necessito dele, não há outro remédio senão sujeitar ao preço que ele quiser. Mereço a Vossa Paternidade o querer tomar esta encomenda por sua conta, e depois de preparado o sinete me avisará Vossa Paternidade de todo o custo para lho remeter; e pelo que toca à Coroa, isto foi ideia da pessoa que a debuxou e Vossa Paternidade lá lha mandará pôr como quem sabe esta matéria melhor que ninguém. Fico sempre como devo as ordens de Vossa Paternidade a quem Deus guarde muitos anos, Montemor-o-Velho a 9 de abril de 1741.

Muito amigo e cativo de Vossa Paternidade
Francisco de Pina de Melo

**CARTA DE FRANCISCO DE PINA E MELO
AO SENHOR LUÍS TOMÁS LEMOS DE CARVALHO**

[fl. 223] Senhor Luís Tomás de Lemos de Carvalho,

Em todos os livros políticos, que tenho lido, e em todas as pessoas de honra com quem tenho falado nunca achei matéria que mais se recomendasse, nem que se tratasse com maior vigilância e delicadeza, que a palavra de um homem de bem. Aquele infame Provérbio – “Deshago en mi palavra, por hacer en mi provecho” – que inventou a incultura de Castela em tempos mais bárbaros, e que tanto aproveitaram os Franceses pela vizinhança, ou pelo génio da Província, foi sempre desatendido no nosso Portugal; pois ainda [fl. 223v] os seus Reis, que se presumem superiores não só aos preceitos humanos, mas à fragilidade da natureza se mostraram neste ponto tão escrupulosos, que assim os seus vassallos como os Príncipes estranhos, parece que se confiavam mais no que proferiam as suas resoluções, que nas cerimónias de um solene juramento. E era uma máxima bem comua, e sabida entre os nossos Príncipes, que o ser Rei não diminuía antes acrescentava a obrigação de Cavalheiro. Esta geral imaginação fez emendar neste Reino aquele Provérbio com outro, bem que menos culto mais (sic) honrado, que dizia – “o Boi pelo corno, e o homem pela palavra”: Nesta religiosa ligadura do trato humano é que se estabeleceu todo o pundonor e toda a honra portuguesa. Ainda o mais humilde faz timbre de sustentar a sua promessa. Algum astro soberano nos influi este heroico pensamento; querendo nesta parte os Portugueses serem semelhantes ao Altíssimo que proferiu no cap. 24 de S. Mateus: “Que o Ceo, e a terra [fl. 224] se mudaria; mas que a sua palavra sempre estaria firmíssima.

A palavra Divina, que edificou, e tomou para si este Reino, tão bem quer que a palavra dos Portugueses seja o fundamento mais sólido da sua honra. E suposto que conheço a muitos que lhes será menos custoso perderem a vida, que consentirem, que um simulacro tão ilustre descenda de um lugar tão benemérito; há outros (bem que poucos) que arrebatados com tudo o que é França não só se agradam das suas modas, mas dos seus costumes.

Por certo que vos não tinha eu neste conceito, pois não vos reputando por muito Francês no traje, devia inferir que mau seríeis no génio. Quem me diria a mim, que um cavalheiro como o Senhor da Trofa adornado das ações gloriosas, com que os seus ascendentes assombraram a Ásia, e dos timbres excelsos, com que os Lemos constituíram uma casa tão esplêndida, houvesse de faltar ao que tinha prometido, bastando só [fl. 224v] esta inconstância para escurecer o carácter de tal nobre progenitura, e derribar as torres, e as ameias de um edifício tão luminoso? É possível que tendo-se-vos ajuntado ao de Lemos o apelido de Carvalho vos esquecêsseis tanto deste novo adorno, que transfigurásseis em vime um tronco tão robusto, tão antigo, e perdurável? Se tanto pode a falta de uma promessa, com razão a reputavam os nossos Avós pelo crime mais sórdido da honra, e da civilidade Portuguesa.

Esta mácula meu Amigo será eterna nos fastos de Trofa: será notada com uma fava negra nas suas veneráveis memórias: Ainda – (se lhes fosse concedido) pretenderiam os vossos Ascendentes erguerem-se com os mármores sepulcrais sobre os ombros para apagarem este borrão daquelas lâminas, que tanto lhe custou a polir a sua heroicidade.

Por mais que os Genealógicos intentem introduzir-vos nas veias a claridade do sangue, esta nódoa não só lhe eclipsará os Resplandores [225], mas quererá negar-lhe a sucessão dos vossos apelidos.

“Que vos parece que será um Fidalgo revestido somente de uma herdada nobreza? Pois não é mais que um tronco enfeitado de escudos, de lanças, de tambores, de estandartes, e de outros despojos honoríficos, que lhe servem mais de peso, que de ornamento quanto melhor pareceria Hércules coberto com as Relíquias da Fera Némia”, aonde se via no semblante, e ainda melhor na ação o desempenho do seu alto nascimento!

Quem só quer vestir a pele do Leão, mais como herdada que ao (sic) querida, não deve esperar outros obséquios, que os que deram às feras aquele bruto, que apareceu nos bosques com esta gala. São os homens que pretendem unicamente gloriar-se das virtudes alheias, como as personagens da Comédia, que forcejam no teatro para representarem o carácter de Príncipes, e no vestiário se conhecem por uns pobres farsantes. [fl. 225v] Que importa, que o Íris apareça com uma fachada colorida, se ali não há mais que água, e nuvem: água para afogar as esperanças da sua existência, e nuvens para transformar em vento a sua vaidade.

Nenhum homem de juízo, que vê em um sucessor degenerados os egrégios costumes de seus maiores saúda nele mais que a lembrança dos seus antepassados dissimulando talvez a lástima no cortejo.

Conta-nos Alciato, que vendo os Povos caminhar pelas terras o Ídolo de Íris, concorreram as estradas para adorá-lo; e quem o levava lhe parecia, que a ele é que se davam as adorações.

Certamente que a nobreza é dos Ídolos mais estimáveis dos homens; mas se quem o leva não é homem e homem de palavra deve entender, que quando o estimam não é por quem é, senão pela carga que leva; que neste caso menos o honra, que o injuria. E por isso dizia um cortesão de outro tempo, que a maior carga que podia ter o homem era ser [fl. 226] honrado. E isto mesmo fez dizer a S. João Crisóstomo sobre o Evangelho de S. Mateus que “pouca honra tinha aquele, que só se podia gloriar da honra dos seus Progenitores. Que aproveita (continua este grande orador em outro lugar) o descender de uma clara estirpe se houver ação, que escureça as luzes desta ascendência? Melhor é que os Pais se gloriem nos filhos, que os filhos nos Pais”.

Meu Amigo nascer Faetonte de um solar tão ilustre como o do Sol, é dos maiores benefícios da fortuna, mas acabar pela sua inconsideração nas humildes ondas do Eridano, é das maiores desgraças de um berço esplêndido.

Para que os Fábios, os Metelos, e os Camilos (que todos procedem do arado) constituíssem as mais dignas estirpes do Capitólio, foram necessárias as continuadas proezas da sua família, e desta intolerável sucessão de façanhas é que teve princípio o que se chama nobreza das casas; pois vendo os homens que todas aquelas vergôntes seguiam os vestígios dos seus troncos vieram a formar a conjectura [fl. 226v], que dali não sairia aluno, que não fosse nobre.

*Assim como a Majestade
não é mais do que um conceito,
que no Rei forma o decoro,
e no vassalo o obsequio:*

Assim a nobreza não é mais, do que um indicio (da mesma sorte que se herda o sangue, se há de herdar a imitação: e nesta ideia é que se fundou Ovídio, para dizer: “Que os costumes passam para os fastos, como o humor das raízes para as árvores”. Mas perdida a esperança de que a Águia não gera Águias nem a Pomba Pombas: ficará sem algum valor a série daquelas espécies, que não souberam manter a herança dos seus exemplares: Por esta causa adverte Salústio no prefácio da Guerra Jugurtina, que todo o

cuidado dos cavalheiros romanos era fitarem muitas vezes os olhos nos luzeiros das suas origens: Eis aqui porque o Herói de Virgílio (como ele afirma na sua Épica) pretendia que Ascânio se lembrasse sempre de seu Pai Eneas [fl. 227], e de seu Pio Heitor.

Quási que estou certo que se vos quisésseis lembrar daqueles varões, que iluminaram a casa da Trofa, seria incrível que formásseis a resolução, que praticastes comigo. Direis-me que a Senhora D. Juliana Luiza de Meneses minha Senhora, e vossa Nora vos pedira a Igreja, e que estimastes a ocasião de lhe fazeres esta primeira lisonja: Reconheço quanto devem ser respeitadas as insinuações, quanto mais os rogos das senhoras, mas há casos, em que precisamente se devem contestar, sendo dos primeiros, e dos mais fortes aquele, em que estamos.

Se vossa nora soubesse, que estáveis ligado com um vínculo tão sagrado, como o da vossa palavra quem poderá duvidar, que ela antes quereria, que a cumprísseis, que satisfazer a um empenho estranho, e que talvez a não obrigaria mais, que a favorecer um pretendente desconhecido? Vossa Mercê poderá duvidar que ainda que fosse coisa muito sua este afilhado [fl. 227v], estaria primeiro na sua estimação a vossa honra, que a conveniência alheia? Quem poderá duvidar, que estando vós obrigado a dizer-lhe que me tínheis prometido a Igreja; ela mesma se valesse de todo o seu respeito para vos obrigar, a que ma désseis, sabendo que eu era um nobre descendente daquela casa, em que esta senhora fez a primeira aliança? E se nada disto se ponderasse era necessário, que o lembrar-vos da casa da Trofa, e que éreis Neto daqueles ilustres Portugueses, que tanto observaram a Máxima Divina: “Que o Céu e a terra se mudaria; mas que nunca se havia de mudar a sua palavra”.

Meu bom e egrégio amigo, e vosso cunhado o Senhor António Carlos de Castro me escreveu na mesma ocasião, dizendo-me, que fora tal o alvoroço, que concebestes de Vossa nora vos pedir a Igreja que vos não lembrastes de me teres prometido. Não estranho esta grande comoção do vosso ânimo; pois toda seria necessária para explicares o justo contentamento destas núpcias, de que vos dou o parabém: Mas só vos advirto que nenhum dos [fl. 228] vossos Avós, ainda em caso semelhante se perturbaria tanto, que faltasse a sua promessa; porque os varões desta distinção são sempre os mesmos assim nos infortúnios, como nas felicidades; e assim todos os que souberam a desculpa, que me destes na vossa resposta assentarão que esta fora um pretexto para me interpretares a vossa firmeza.

Eu tinha muito maiores fundamentos para este conceito pois em meu poder se acha algum papel; por onde se prova com bastante evidência que a Senhora D. Juliana tal Igreja vos não pedira; e para fazer mais clara esta demonstração, e levar ao Teatro do Mundo a inaudita incivilidade, que tendes com um Amigo tão fiel, e de tantos anos: aí tendes agora carta da mesma Senhora em que vos pede a Igreja para mim, e que certamente não fizera, se a tivesse pedido para outro.

Esta carta não vai a patrocinar outra vez a súplica de me dares a Igreja, vai somente a fazer-vos o processo de um engano, ou de um desacordo que são as palavras mais honestas com que posso explicar-me.

Confesso-vos [fl. 228v] que se me acontecera um sucesso tão formidável que não sei o que fora de mim: seria talvez o meu primeiro pensamento entrar na caverna mais escondida da terra, para me servir com um eterno aborrecimento meu, de confusão, e de sepultura.

A lástima será, que vos fiqueis nesta ação, como quem se descuida, ou despreza, e que eu a sinta vivissimamente; não pelo que me toca; mas pelo que vos respeita.

Digo não pelo que me toca, porque ainda que tenho bastantemente provado que sou mais perdido que ambicioso, é certo que o intento de ir para a Trofa, era para estar

mais perto de vossa companhia, era para exercitares comigo a vossa amizade, era para ter o meu afilhado sempre defronte da vossa casa; porque sem esta Igreja passaremos pela bondade de Deus com a mesma decência, e abundância; que na minha pobre casinha se experimenta; e quem vive com honra e moderação não lhe tiram o sono as coisas supérfluas. Digo [fl. 229] sim, pelo que vos respeita, porque antes quisera perder tudo o que possuo, do que ter-vos pedido a Igreja da Trofa, tanto porque me aflige muito o desengano do pouco que vos merecia, como pelo muito tão bem que há de padecer a vossa reputação.

Bem sei, que me podíeis dizer o que disse o enforcado do Padre da Companhia: “Se eu não sou para que sua Vossa Paternidade?” Porém sou tão sincero, e inocente que não posso desfazer-me desta compaixão.

Comovido só deste afeto é que me resolvi a escrever-vos agora, e a escrever-vos por este modo. Algum dia achei entre os Mestres, que dão regras para as cartas, que tão bem a havia de desagrar; mas nunca imaginei, que me fosse permitido usar destes preceitos para convosco especialmente com um motivo tão árduo, e que convém tanto ao meu crédito o fazê-lo público.

Não só por esta causa vos não podeis estimular das minhas expressões; mas devíeis supor, que eu as não podia deixar em silêncio, e que preciso o proferi-las em um acontecimento tão estranho, e tão pouco [fl. 229v] usado.

Eu tenho sido mais extenso do que desejava; mas a pena correu ao arbítrio do estímulo, e da novidade sem eu a poder suspender em um giro tão natural como arrebatado, e tão bem por me persuadir, que esta seria a última carta que vos escrevesse: Porém ainda nestas considerações é tal o meu afeto para convosco que me não posso apartar de ser sempre

Muito vosso amigo e criado
Montemor-o-Velho a 24 de Maio de 1748
Francisco de Pina e Melo

CORRESPONDÊNCIA II

(1754-1768)

CARTA DE FRANCISCO DE PINA E MELO
A LUÍS ANTÓNIO VERNEY

Senhor L. A. V.,

A Doze de Abril recebi a Carta de Vossa Mercê com a data de três de setembro. Se volto tarde à sua presença, não foi minha a demora, foi do portador, que se encarregou da entrega. Não posso dar no motivo de Vossa Mercê me responder em Latim, escrevendo-lhe em Português: Os Hebreus, os Gregos, os Romanos, e ainda os mesmos bárbaros falavam, e escreviam na Língua materna: Por que causa o não fará Vossa Mercê comigo, e eu com Vossa Mercê, sendo ambos da mesma Província? Ignoro que haja aqui alguma necessidade de recorrer a dicções estranhas: entenderá Vossa Mercê que eu sou tão peregrino no Lácio, que poderia embarçar-me com a dificuldade do idioma? Certo que não imagino que Vossa Mercê concebesse este pensamento: E se acaso lhe veio ao discurso, faria uma coisa bem inútil; porque *in his linguis, quas non intelligimus, surdi profecto sumus*. Eu não sacrificara a esta suspeita o amor, e a veneração, que devo ter à elegância da minha pátria: Confessarei de boa vontade que não tenho forças para me explicar, como C. Cesar, Qn. Hortensio, M. Tullio, ou F. Quintiliano; e a não poder falar assim em uma eloquência imprópria, será melhor que o faça na do meu nascimento. Esta foi a razão, que teve Monsieur Fleury para não escrever em Grego, ou Latim a sua *História Eclesiástica*. “J’écris en François au hazard de ne pas asses bien exprimer la force du Latin, et du Grec, et de ne m’écarter de la pureté de ma langue”. Isto suposto, em bom, ou mau Português, satisfarei, como puder, à Carta de Vossa Mercê.

Nela sou acusado de que lhe impute a composição do *Novo Método*; e depois de Vossa Mercê chamar a esta Obra um *feto expositivo*, se admira de que eu lha atribuisse com uns fundamentos tão vãos, como o da semelhança da Ortografia, o do carácter do estilo, e o da informação, que me tinha dado Ant. de M. E eu imaginava que não seria necessário tanto para se provar a filiação de um *Enjeitado*.

Aquela admirável Lógica, ou *L’Art de penser*, que nos deu a França no fim do século passado, uns a atribuem ao Doutor Analdo, outros a Nicole, outros a um certo médico de Grenoble, chamado Pedro Mounyer; e nenhum deles se scandalizou desta atribuição: Vossa Mercê se scandaliza tanto de que lhe atribuam o *Novo Método*, que nos dá uma prova bem evidente de que ele não é tão bom, como alguns o pretendem fazer.

Dois são os motivos com que os autores se fazem Anónimos: um pela sua modéstia, outro pelo seu receio, ou talvez pela sua vergonha: Sempre se nega o que não parece bem feito: Se havia de negar-se, não seria melhor não fazer-se? Vossa Mercê nega com tanta eficácia a instituição deste livro, que a sua mesma negação é que justifica mais a sua indignidade. Reconheço que os homens que se ensoberbecem com a sua ciência, sempre rejeitam a genitura destes alunos bastardos; porém uma coisa é rejeitar, outra envergonhar; e para esta rejeição quisera eu a Vossa Mercê mais ingénuo, que elevado. O juízo que os *Metodistas* fazem de Vossa Mercê em Portugal, é mui digno da sua literária fadiga: se o mesmo se faz em Roma, isso dirão os Italianos. Contudo ouço dizer que Vossa Mercê converte em granizo o Orvalho da eloquência, e que os impulsos da sua pena são como o dos raios, que ao mesmo tempo que resplandecem, atemorizam. Quem o diz de Vossa Mercê, talvez, sem o imaginar, o faz semelhante ao maior Orador da Grécia: No caso que assim seja, que eu não o sei, não deve Vossa Mercê estranha, que o suponham artífice do, quando o desafio da sua erudição se parece tanto com a liberdade do livro. Apenas na nossa Lusitânia desembarcaram estes volumes, a maior parte dos Portugueses clamou com as vozes, e com os dedos, e unanimemente disseram: *Mentoris haec manus est*. E aqui se viu que se podia conhecer o Leão pela garra, e a Sarça pelos

espinhos. Eu, que não conhecia a Vossa Mercê, e esta foi a primeira vez, que ouvia o seu nome, que muito foi que seguisse as turbas? Faltando-me a Luz para o conhecimento, não se me deve culpar que eu entregasse o meu arbítrio ao conceito alheio. Se fui talvez, *non quo eundum est, sed quo itur*, é certo que não fui voluntário, mas impellido com a força do tumulto: Não me parece que houve aqui alguma novidade, pois em menos arrojados, *non ad rationem, sed ad similitudinem vivimus*. Quis ao depois, à imitação de Diógenes, voltar as costas ao concurso; porém as vozes, que também clamavam na Carta de Vossa Mercê, em lugar de me chamarem para a retirada, me fizeram suspender no caminho; pois quando notei a veemência com que Vossa Mercê falava de Ant. de M; de seu Irmão Fr. J; e de M. de S. se me fingia que estava lendo alguma Carta do *Método*. Apesar desta semelhança me quis persuadir por duas razões muito fortes que Vossa Mercê não era o seu instituidor: uma, porque Vossa Mercê negava que o fosse, e nenhum homem honesto deve negar o que tem feito: Outra porque estimando Vossa Mercê tanto a nobreza, como se mostra no título da sua Carta; se Vossa Mercê fosse o Autor do *Método* a não tivera condenado com todo o seu esforço nesta obra.

Mas também imaginava que estas três pessoas, que tropeçaram no desagrado de Vossa Mercê, podiam merecer-lhe alguma benevolência, ao menos quando me escrevia. Os dois irmãos; porque Vossa Mercê não desconhecia a amizade, que eu tinha com eles; e pondo-me no aperto de defendê-los havia precisamente de molestá-lo com a minha contestação, ou prostituir a minha fé a uma lisonja criminosa: a primeira ação não quisera executá-la; a segunda, nem concebê-la. M. de S; porque o carácter, que tinha de Enviado, devia conceder-lhe entre os Portugueses, se quer a mesma imunidade, que gozava entre os Romanos; e parece que convinha ao decoro de Vossa Mercê sacrificar a sua inimidade ao Ofício público: Se Vossa Mercê aborrecia a pessoa, era justo que respeitasse o ministério, e ministério da Nação, contra o qual se desafiariam debalde as paixões do ânimo. Argumentando Vossa Mercê com as Santas Leis do Evangelho contra as sátiras, que se fizeram ao *Método*, e com [fl. 16v] aqueles honestos, e justos princípios, que reconhecem todos os homens só com a luz da Natureza, esperava eu que também Vossa Mercê se argumentasse a si mesmo para tratar as pessoas de quem fala com mais piedade; e me devo admirar, de que pudesse alguma sombra estranha eclipsar aqueles suaves resplandores em um espírito tão instruído como o de Vossa Mercê. Não seria necessário que cintilasse os seus raios a Ética cristã para Vossa Mercê exercitar a sua suavidade com M. de S.; e com os dois M. M. da Gentílica Roma, e da supersticiosa Atenas estão gritando a todas as nações os escritos de Séneca, e os costumes de Sócrates. De que serve reter na memória os dez livros da *Ética* de Aristóteles, se talvez se vive com a mesma destemperança do mestre, e da de seu discípulo Alexandre? De que aproveitaram as varas de Quíron ao filho de Tétis se levou a ferocidade para o cerco de Troia? Estudar só para saber, é vaidade: Melhor é ser néscio, e obrar como sábio, do que ser sábio, e viver como ignorante; e este é o caso em que a ignorância é mais ilustre, que a Sabedoria. “Qu’importe après tout (diz Mr. Fleury) que l’on parle, et que l’on écrit mal, pourvu que l’on croie bien, et que l’on vive bien?”

Eu permito que M. não fosse douto, que seu Irmão J. se quisesse mostrar sebastianista, que S. estimasse mais os interesses, que os estudos; mas o primeiro, e terceiro pudera Vossa Mercê entregá-los ao esquecimento, já que o círculo dos seus dias os tinha levado à sepultura. *Parce sepulto: Parce pias scelerare manus*: O segundo bastava ter-se acolhido a sagrado: Se falou na vinda do Rei Sebastião, presumo que não falava de veras, e se o não disse zombando, nunca o podemos considerar tão ridículo como Vossa Mercê o representa, por terem caído nesta apreensão muitas pessoas conspícuas do nosso reino. Semelhantes conceções são muito frequentes nos maiores espíritos: Quem

mais sábio, penetrante, e advertido (com licença do *Método*) que o grande Padre Vieira? e qualificou como profecias as trovas do Bandarra: Quem mais douto, que João Pico, de quem disse Escalígero que era *monstrum sine vitio*? E foi o maior partidário dos cabalistas: Eis aqui porque disse Aristóteles: *Nullum ingenium sine mistura dementiae magnum*.

Não se devem desprezar os homens por estas extravagâncias, nem os que sabem mais aos que sabem menos: nem por esta causa se deve desatar a aliança, com que nos uniu a Natureza. Devemo-nos sofrer mutuamente: aos eruditos, para que nos ensinem; aos néscios, para que os ensinemos. Antes de Vossa Mercê chegar à garganta do Pindo, bem se vê que não gostaria de que alguém o desprezasse na fralda: Considere-se Vossa Mercê na raiz do monte, ou *nel dolce tempo della prima etade*; e então verá se a ignorância é digna de tão grande desprezo: Os homens, ou no cume, ou no vale, ainda que mudam de adornos, nunca mudam de espécie. Nem tão pouco se deve rasgar a humana sociedade por algumas desordens, que são inseparáveis do nosso descaído temperamento: Se Vossa Mercê tem tomado o empenho de falar só com os doutos, e com os gênios sumamente concertados, cuidado que ainda no meio de uma Cidade tão populosa, e científica como Roma, se achará muitas vezes solitário. Se cada qual se despir do amor-próprio, e olhar advertidamente para as suas ações, terá muito de que se acuse, e muito que desculpe nos outros. Aos grandes, aos pequenos, aos instruídos, aos incultos, e aos mais, ou menos virtuosos, se deve estender a convivência, e a afabilidade racional. A mesma Sabedoria Divina não se dedignou de praticar, tanto com os mestres, como com os pescadores; e ninguém pode estar tão inflado com a sua ciência que não possa ser advertido por um ignorante: “Que no hai loco, de quién algo no pueda aprender el cuerdo”. Talvez que Vossa Mercê encontre algum homem, que nem a Minerva conheça pelo nome, e que só com o lume da razão lhe inculque uma ciência bem desconhecida destes famosos doutores; que fazem tanto ruído no Mundo: Se Vossa Mercê lhe quisesse representar toda a fachada da *Enciclopédia*, lhe diria ele, com bastante vergonha de um discurso especulativo: *Quid me doces scientiam inutilem? Ego te doceam voluptatem, et gloriam contemnere*.

Ainda que eu fosse tão sábio, como Fernando de Córdova, eu trocara toda esta profunda notícia das artes, e das Ciências pelo reto espírito do Bárbaro Muçoço, que com a heroicidade das suas ações fez admirar aos Castelhanos na entrada da Flórida.

Mas para que a Carta se não converta em Sermão, e eu me reduza ao mu principal intento, digo que Vossa Mercê me pretende acusar, em nome de outros, que o juízo que fiz sobre o *Método* não está fundado em argumento literário; e que procurei este modo de escrever para mais facilmente o censurar, ou morder (que tudo significa aqui o verbo *Vellicare*, de que Vossa Mercê usa) e também para mostrar, segundo Vossa Mercê diz (e quem tal dissera!) a minha malevolência. Ninguém melhor, que Vossa Mercê, podia saber o desagravo, que está pedindo uma injúria tão intempestiva: mas já que Vossa Mercê se esquece outra vez dos preceitos da Ética, e das Santas Leis do Evangelho, eu quero mostrar agora que me lembro de tudo para não fazer caso dos desconcertos de um ânimo apaixonado: e só direi que me pareceu desempenhava o título daquela minha obra quando lhe pus o nome de *Balança intellectual*; e que podia afirmar, entre o estrondo dos Peripatéticos, e Metodistas, *ego Palaemon*: Por esta razão se censurei o *Método*, não mordi na Clava, e todos os meus patrícios reconhecem que tenho a boca mais cheia de riso, que de sangue.

Sempre me persuadi que não seria agradável a nenhum dos partidos: Não ao do *Perípato* pelos louvores, que dava ao *Método*: não ao do *Método* por alguns reparos, que lhe fazia: Obrigado de um preceito é que aceitei a Censura, e não entrei neste ofício por

minha vontade; porque reconhecia que não há pior ocupação, que a de Juiz, e a de Censor, porque na sentença sempre algumas (sic) das partes há de sair queixosa; e na minha *Balança* ainda foi maior o perigo, porque ambas as partes ficaram estimuladas: Porém em uma coação não pode haver culpa; e se a houve, foi mais do juízo, que da vontade. Com esta reposta que dou à Carta de Vossa Mercê farei pública a satisfação, que devo dar aos *Metodistas*; e com as mi[n]has *Conferencias expurgatórias*, mostrarei brevemente com a mesma publicidade o que devo responder aos *Peripatéticos*. Não sendo, pois, minha a culpa, parece que o é de Vossa Mercê em me supor malévolo numa ação, que se executou com uma obediência cega. Em semelhante caso dizia Cícero: *Si tu mihi, ut vitia, objicis, temeritas tua reprehendetur, non mea vitia culpabuntur*. Mas se este conceito não é de Vossa Mercê, mas sim daqueles, que Vossa Mercê diz o informarão sobre o argumento da *Balança*, será fácil que se descarregue deste [fl. 17] delito, entornando a carga sobre os ombros dos culpados: estas coisas facilmente se dizem, e com dificuldade se provam: Se basta negar (dizia Delfídio contra Numério diante de Juliano) quem já mais será culpado? E se basta acusar (respondeu o Imperador) quem já mais será inocente? Vossa Mercê diz que os Aristarcos são muito doutos, mas também deve confessar que são muito iníquos. Na *Balança* não há instância, sem consequência, e sem Patrono; e a isto é que chamo *argumento Literário*: os Informantes negam, e é sinal evidente de que não viram a Obra, e julgaram sem conhecimento da Causa: Quem duvidará que sejam sectários do *Método*, achando-se nele tão frequente esta injustiça? enfim a *Balança* não pareceu bem a estes *Areopagitas*, tendo sido louvada pelas pessoas mais doutas, e de melhor gosto deste Reino: estamos em outro caso de M. Tulio. *Non placet M. Antonio consulatus meus; at placuit P. Servilio placuit duobus Luculis, M. Crasso, Qn. Hortensio Sed quid singulos commemoro? Frequentissimo Senatui sic placuit*.

Porém vejamos se podemos compor esta contenda: Se Vossa Mercê pretende que eu creia debaixo da sua palavra contra a comua opinião de uma Província, que não é o instituidor do *Método*, também me deve crer a mim, não só debaixo da minha fé, mas da minha índole, que eu não *mordo na Clava*: eu proponho a Vossa Mercê uma coisa bem fácil, e me obrigo à mais difícil: Proponho, que se persuada ao que todos entendem, e me ofereço a não crer o e que ninguém duvida.

E também me parece que Vossa Mercê se não deve queixar de que lhe atribuam o *Método*, porque se o Livro é bom, é razão que Vossa Mercê converta a queixa em agradecimento: Se mau, a sua mesma maldade provará que Vossa Mercê o não fez; pois não se pode imaginar que uma pessoa tão douta, como Vossa Mercê, quisesse desacreditar-se com semelhante Composição. E quanto a mim, eu nunca afirmei que Vossa Mercê a fizesse, só lhe disse que assim se dizia; e para me tirar desta dúvida é que lhe escrevi: *Scripsi tanquam ad Civem, tanquam ad bonum virum, non tanquam ad sceleratum*. Fui com tudo tão infeliz, que procurando uma verdade, encontrei com uma injúria: Indigna recompensa da minha singeleza, e de um Escritor, que tinha dado preceitos à Adolescência.

Estranha Vossa Mercê de que se acaso fosse o Autor do *Método* me atrevesse eu a entrar no empenho de censurá-lo na minha *Balança*; e me torna a afirmar que o não é, porque a sê-lo, poderia por si mesmo separar o negro do branco, sem necessitar de que eu lho advertisse. Eu assim o confesso; mas ainda não achei esta proposição em nenhum dos autores, que tenho lido, e posso assegurar a Vossa Mercê que tenho lido alguma coisa. *Multa memini, multa audivi, multa legi, nihil ex omni seculorum tale cognovi*. Mas eis aqui a diferença que vai da minha rusticidade à cultura de Vossa Mercê: Eu não me envergonhara de que qualquer pessoa me pudesse ensinar: Vossa Mercê escandaliza-se de que eu intentasse adverti-lo: Vossa Mercê segue o seu mesmo exemplo, que na verdade

é muito grande: Eu sigo o de Santo Agostinho, que Vossa Mercê não pode negar que é muito maior: *Paratus sum a puero doceri*.

Finalmente devo agradecer a Vossa Mercê mil vezes a instrução com que me favorece no fim da sua Carta; e muito mais em ma dar quando eu não tinha confiança para lha pedir: São mais estimáveis as mercês, que se recebem quando menos se esperam: Eu faltaria, sem querer, à recompensa, e poderia ser acusado pelo crime da ingratidão, se Vossa Mercê me não ensinara a satisfazer-lhe estes favores na mesma moeda. Lembrado, pois, do benefício, e confiado na sua benevolência, é que só agora me atrevo a dizer-lhe, que a suavidade, e o comedimento, assim nas práticas familiares, como nas públicas, assim nas Cartas, como nos Livros, é o mais amável, e distinto carácter dos bons escritores: Para um homem ser sábio, não é necessário, que tenha os outros por ignorantes, nem que lhes dê com este defeito na cara: A maior parte dos aplicados se engana com a sua sabedoria: Sabe-se muito do que importa pouco; e do que devera saber-se, é o que menos se sabe. Regular os costumes, vencer as paixões, ser sociável, e viver para a pátria, é em que consiste a verdadeira ciência. As outras notícias científicas, divertem mais, do que ensinam; e são mais úteis pelo tempo, que ocupam, que pelo fruto que nos dão. Nelas se poderia procurar *implicita solvere, ambigua distinguere, obscura perspicere*; e disto bem pouco, ou nada se alcança. Que sábio haverá, a quem eu não possa dizer com toda a firmeza: *Magna promisisti, exigua video*? Saber para satirizar, é a pior resulta, que se pode tirar dos estudos. Este é o modo com que pretende instruir-nos o *Novo Método*; e já que Vossa Mercê não é o seu Autor; não o queira parecer em defendê-lo. Para que quer Vossa Mercê indiciar-se do que devera eximir-se? O mesmo que o fez, o conheceu indigno de lhe pôr o seu nome: Seria pelo ver tão monstruoso, que logo nos braços da parteira lhe cresceram as barbas, e lhe saíram os dentes: e Vossa Mercê não é homem que pretenda, nem por indícios, adotar um filho que outro despreza: Deixe Vossa Mercê a defesa deste aluno para quem o gerou: a defesa destes abortos é o maior sinal da genitura. Com ela conheceu Salomão a Mãe Verdadeira do infante, que mandava dividir; e se eu conhecesse o Pai desta Criança, ainda que me respondesse com uma sátira, eu lhe diria com as vozes de Cícero. *Define bonos petulantissima consecrari lingua: Desine morbo procacitatis isto uti his moribus amicum tibi facere non potes; videri velle inimicum habere*.

Todas estas reflexões, e tudo o que tenho dito nesta Carta nasce de um ânimo ingénuo, plácido, e oficioso: Vossa Mercê perdoará as minhas negligências, que eu também lhe não perdoou pouco nesta sua resposta. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos. Montemor-o-Velho a 26 de julho de 1754.

Muito servidor e venerador de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

CARTA AO SENHOR D. J. M.

Senhor D. J. M.

Vossa Mercê me diz, que em uma das Conversações dessa Cidade, afirmara, estando Vossa Mercê presente, que eu estava escrevendo contra a Companhia. Nunca eu poderia acreditar, que uma Religião das mais sábias, e ilustres do Mundo Católico me daria motivo, para que eu tomasse esta vingança: e ainda que mo desse, e por maior que ele fosse, mal podia aceitar semelhante despique, porque sempre julguei por mais virtuosa a queixa, que o desagravo.

Creia Vossa Mercê que isto é uma grande trapaça; porque nenhum impulso estranho me poderá separar daquele antigo obséquio, com que sempre cultivei a minha fraca eloquência nos elogios desta egrégia Sociedade: e não deixarei de me firmar no conceito de que sendo ela tão sábia, económica, pontual, e generosa, pretenda contrair alguma dívida, que a não pague em melhor moeda, da que recebeu o empréstimo.

Talvez que a impostura de que eu vibro a pena contra um objeto tão sublime me possa fazer igual ao que não tem igualdade; porque todos reconhecem a heroica paciência, com que toleram as calúnias os filhos de Santo Inácio, e imitando eu este esclarecido exemplo, não só me assemelho, com o que não pode comparar-se, mas confundo melhor a maligna ociosidade destes faladores. A Companhia vai prosseguindo na sua luminosa carreira, sem fazer caso de latidos inúteis, e eu vou também continuando com os meus obséquios, sem se me dar destas ridículas acusações.

Quem propôs esta notícia na presença de Vossa Mercê, nem conhecia o meu ânimo, nem o meu nascimento: em um espírito tão curtido, por não dizer que, purificado, em muitos trabalhos, e doenças, não se devia supor alguma ira, que não tivesse resolvido em fumo o costume da tolerância: e em um sangue nobre, não se podia considerar estímulo, que não tivesse extinto a qualidade do incêndio. Em Alemanha ainda se poderia achar algum *fidalgó Tudesco*, como Gaspar Scioppio, que satirizasse a Companhia, em Portugal só algum homem indigno se resolveria a tão bárbaro atrevimento.

Eu tenho lido a História dos Jesuítas, e não há página, que não me encha de alvoroço, e de assombro. A religião, a fé, a modéstia, a caridade, com que tem seguido o curso do Sol, desde o ocidente até o oriente, e em que não há povoação, ou deserto, que não esteja santificado com o seu sangue, e estremecido com os seus brados, representa um mapa tão maravilhoso, que se não pode notar, sem se inundarem os olhos de lágrimas, e de admiração a memória. Eles acabaram de encher o texto: *In omnem terram exivit sonus eorum*. E nem contudo se acha delineada pelos seus Cronistas toda a sagrada pompa deste dilatado planisfério: Uma grande parte dos seus portentosos progressos se não tem ainda resgatado da tirania do silêncio: mas que volumes seriam necessários para referi-los? *Si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum, capere posse eos, qui scribendi sunt, libros*. [fl. 2]

Que pessoa haverá no Universo Católico, que não deva respeitar a Companhia, como em um nicho dourado? As vidraças, que neste lugar lhe prepara o obséquio, não são, como as dos telescópios, que aumentam por uma parte as superfícies, e pela outra as diminuem: Aqui não se necessita de que se ajuntem simultaneamente as espécies: Cada uma lança de si tantos raios, que não cabem na esfera dos olhos. Os que se deslumbram com tantos luzeiros deviam confessar na sua própria cegueira a multidão dos resplandores. Se os meus votos pudessem servir de exemplo, certifique-se Vossa Mercê que seria louvável o nome da Companhia *À solis ortu usque ad occasum*; mas isto seria aspirar a um impossível: *Impossibile est* (diz o Historiador da Natureza) *et homum esse, et placere pluribus, siquidem haec est sors fatalis rerum optimarum*.

E não se podendo conseguir, ainda no mais excelente, um aplauso universal, bem pode estar satisfeita a Companhia de o ter alcançado entre os homens bons, bem que se apartem deste conceito os malévolos, que não dão, nem tiram o preço às coisas, que o merecem. E assim se não devia supor de mim, que eu me quisesse ajuntar a este concurso, e que eu fosse tão inimigo da minha opinião, que pretendesse ganhá-la, aonde todos a perdem. Nem seria necessário que eu conservasse o respeito, com que sempre tratei os Jesuítas, para não mover contra eles a minha pena: O meu próprio decoro me faria abster deste delito, e a minha própria estimação o representaria horrível ao meu conceito.

Nem tão pouco a incerta notícia, de que alguns deles se tinham desgostado dos meus cadernos, e que desejavam arrancar do alfabeto as letras do meu nome, me impeliaria a voltar as setas contra o mesmo arco, que as despedia. Não faço caso destes ímpetos inúteis: isto são umas exalações sulfúreas, que apenas se inflamam, se desvanecem: Ainda quando estes incêndios fátuos pudessem sair de tão consistentes labaredas não diminuiriam o meu cortejo, nem poderiam eclipsar as luzes, com que a Companhia tem desterrado as trevas da ignorância; pois não há corpo algum por mais luzido, que seja, em que se não perceba alguma refração dos seus raios. Na diafanidade dos Céus descobriu manchas a perspicácia de Job; e na face do Sol as têm descoberto os Astrónomos: e se a terceira parte dos Anjos se converteu em demónios, a que perigos não está exposta a Sociedade mais purificada?

Depois que entre os Discípulos de Cristo houve um desertor, ninguém deve estranhar que possa também haver algum entre tantos Apóstolos.

A Companhia confessa com os seus mesmos Institutos este mesmo receio, pois na suposição que pode havê-los, reserva o arbítrio de expulsá-los.

Admirável economia, e que a livra da contaminação, e a tem sustentado na sua primitiva pureza pelo espaço de três séculos? Uma parte perversa não destrói a excelência do composto, mas de uma partícula inficionada se pode originar uma gangrena. *Si oculus tuus te scandalizat, enite aum... Si dextra manus tua scandalizat te, abscide eam. Si pes tuus te scandalizat, amputa illum.* Esta divisão se funda em melhor filosofia, que a da infinita divisão os que seguem esta doutrina, sempre costumo separar de um corpo tão resplandecente estas porções estranhas, para sustentar o conceito de um objeto, que não tem parte, que o contamine.

[fl. 3] Esta mesma confissão me fará sempre inseparável do espanto, com que a Companhia enobreceu a Corte da Igreja na sua gloriosa fundação; e quem não deixará de perseguir aquelas aves noturnas, que não podem sofrer esta suavíssima claridade?

Qual será o espírito, que se não comova com o inumerável esquadrão de Mártires, que produziram estas chamas inextinguíveis? Com a imensidade de Santos, de Varões insignes, e de Escritores ilustres? Em medalhas de bronze, e de pórfido estão representados os triunfos da Igreja militante, assim nas conversões dos Hereges, como dos Gentios: As Casas, e Seminários, repartidos por toda a redondeza da Terra servem de eternos padrões às ciências, e às virtudes, e de ornamento indelével aos elogios, e privilégios, que tem concedido à Companhia o Oráculo do Vaticano ilustrado com as púrpuras dos Jesuítas, tingidas menos com as conchas de Tiro, que com a escarlata do seu sangue.

Aqui tem Vossa Mercê em um pequeno disco toda a face do Sol, ou debuxados aqueles imensos aspetos, que nos propõe a Crónica da Companhia. Nem eu tenho mais que dizer, nem a ela se pode fazer maior panegírico, nem talvez se lhe fará mais afetuosa confissão de seu alto merecimento. E quem venera tanto a parte essencial da sua Instituição, bem se lhe pode permitir, sem desgosto, quanto mais com desprezo, que se

aparte em alguma coisa da sua escola, especialmente, sendo esta uma circunstância tão accidental, que não dá, nem tira a estimação de uma Sociedade tão venerável.

E se se presume que ela se desagrade de me supor Cartesiano, Newtoniano, ou Gassendista, que importaria que eu o fosse, ou que partido poderia eu fazer com os meus grosseiros discursos, que causasse descontentamento a tão superior Minerva? Se eu entendera que poderia dar-lho com as minhas opiniões, seria fácil mostrar que ainda até'gora não fui partidário, nem de Gassendo, nem de Newton, nem de Cartesio. Persuada-se Vossa Mercê com os Senhores Jesuítas, que em matéria de Sistemas me reputo por um indivíduo vago, que aqui tropeça, e ali cai: não porque eu deseje andar errante na estrada filosófica, mas porque ainda não achei caminho, que me conduzisse à verdade; e este desconhecimento faz com que não dê passo, em que não escorregue; e o mesmo susto, com que prossigo, é que desconcerta a minha inteligência.

Como imagino a Vossa Mercê um dos maiores partidários da escola Peripatética, e que este empenho o promove ao desagrado dos que não querem jurar na doutrina do Liceu, para que Vossa Mercê me separe da sua displicência, eu lhe exporei brevemente, e quase de corrida as razões, que me ocorrem para não ter tomado algum partido, assim na antiga, como na filosofia moderna.

Apareceu Renato Descartes com as suas meditações no passado século, adornadas daqueles falsos resplandores, em que costuma brilhar a singularidade. A extravagância do seu juízo, aliás subtilíssimo, e engenhoso, o fez levar ao empenho de instituir um novo Mundo, por uma forma totalmente adversa da que o tinham concebido todos os Filósofos, que lhe precederam: Não disputo agora se nesta empresa foi Descartes inovador, ou plagiário, direi só que dispôs esta fábrica intelectual em um puro mecanismo, fundando-o nas leis do movimento. Desprezou os quatro elementos de Aristóteles [...] [fl. 4] dos Espagíricos, e reduziu os seus princípios a três espécies de matéria, a que chamou *subtil*, *globulosa*, *estriada*. Daqui formou os seus famosos Turbilhões, que rodaram, menos na esfera, que nos miolos dos Cartesianos, e com eles pretendeu explicar todos os fenómenos, assim celestes, como terrenos.

Não era necessário empenhar-se tanto o sábio, e engenhoso autor da *Viagem ao Mundo de Descartes* a ridicularizar este sistema, pois qualquer filósofo o julgaria bastantemente faceto, notando as contradições do seu estabelecimento. Nem também me devo agora empenhar nesta demonstração, porque bastará dizer, para exemplo, que pretendendo Descartes dar a conhecer o fenómeno da luz, supõe para isso rodeado o Sol de um Turbilhão rapidíssimo, aonde a matéria subtil procura o centro, e a globulosa a circunferência: e bem se vê que esta hipótese é uma contradição patente à nossa experiência, porque nos remoinhos, v.g. da água, as porções mais leves nadam na circunferência; e as mais pesadas no centro. Porém não me admira que ele caísse nesta, e noutras incongruências; pois estando determinado a seguir a opinião do *Vazio*, mudou de parecer, só por lhe dizerem, que se não recebia bem este conceito na Corte, prostituindo a sua ideia à política, e dando no extremo contrário encareceu tanto a impossibilidade do mesmo *Vazio*, que o chegou a tirar da jurisdição da Omnipotência. Poucos são os Filósofos, que reconheçam a moderação do *medio tutissimus ibis*, pois quase sempre entregam ao excesso o rapto das suas inteligências.

Pedro Gassendo, coetâneo de Descartes, ainda que foi um engenho menos atrevido, não deixou de exceder a raia do temperamento intelectual: Ou por discurso próprio, ou por emulação a Cartesio admitiu o *Vazio*, cuido, que prova com bastante demonstração que, ainda no sistema dos Turbilhões, se faria indispensável; porque sem haver alguns interstícios nas partes, que compõem o Universo, se não poderia considerar nenhum género de movimento. Renovou a filosofia de Demócrito, e do Epicuro, em que é não só

preciso admitir-se estes espaços, mas aquela desocupada imensidade, em que estes dois Filósofos conceberam, que nadavam os átomos. Gassendo também os fez insectíveis (sic), ao mesmo tempo, que simples, e figuráveis: o que parece um contraditório insanável, pois repugnando a simplicidade, e a composição, é certo, que nenhum ente, sendo figurável, deixará de ser extenso, e a ser extenso necessariamente há de ser composto. Os Escolásticos não sei que espinhas pressentem nas combinações desta filosofia, quando as intentam levar para os diversos estados da alma: Se Vossa Mercê ler algum dia as minhas *Conferências Expurgatórias*, lá encontrará discutida esta dificuldade, que não me permite repeti-la a brevidade de uma Carta.

A filosofia de Newton, tão decantada no Século presente por todos os que se arrebatam ao primeiro relâmpago de uma brilhante novidade, tem reduzido toda a sua explicação, e todo o conhecimento dos fenómenos naturais aos dois efúgios da atração, e da gravitação. Admitido este modo de filosofar, e de se conhecer a Natureza, a bem pouco custo de palavras, e de discursos, se podem soltar quantos nós Gordianos nos propõe a Física: A gravitação e a atração são Primas com-Irmãs das qualidades ocultas, que é dos asilos mais grosseiros, a que pode recorrer a inteligência, prova evidente da fraqueza da nossa compreensão.

[fl. 5] Estes são os trânsfugas da doutrina Peripatética, estabelecida há mais de quatrocentos anos em todas as Academias da Europa. Pudera ser desculpável esta deserção, se com ela se chegasse a melhorar, ou vencer a jactância do Perípato; porém com todos os esforços, que têm feito os Modernos para que jogue o mecanismo nas suas *elastes*, ainda estamos no mesmo desconhecimento da Natureza: e nenhum deles, por mais que insulte a memória de Aristóteles, pode competir com a vastidão do espírito, do engenho, e da penetração deste incomparável filósofo. Os seus livros da Ética, da Política, da Retórica, e da Poesia são umas produções, que servem mais para o espanto, que para o exemplo, e justificam, apesar dos seus émulos, a sublimidade da sua intelecção. A indigestão, que se lhes acusa, é um vício transcendente na idade, em que foram compostos. Se foi na filosofia menos feliz, está ainda por averiguar; porque não nos chegaram os seus originais naquela pureza, com que ele os entregou a Neleu, e daqui, a muito custo, puderam passar para a posteridade. A ignorância dos Amanuenses, e dos Tradutores: as substituições, que se fizeram naquelas páginas, que tinha roído o tempo, ou a humidade da terra em que estiveram sepultados mais de cento, e cinquenta anos, acabaram de apagar as luzes, que tinham recebido na sua origem: A promessa, que Aristóteles fez a Alexandre, de que não comunicaria a outro discípulo os segredos da sua doutrina, o fez também escrever com alguma escuridade, o que deu motivo aos Árabes, não só para lhe perverterem o texto, mas, para lhe introduzirem, com os seus comentários, quantos delírios lhe propôs a extravagância de um capricho arbitrário. Na arte do silogismo tinham eles menos que perverter, e por isso é esta a obra mais pura, que nos resta de Aristóteles, e por isso a mais excelente. Em toda a antiguidade se não acha Tratado de igual desempenho.

Os Modernos gritam que é inútil, porque no ardor do argumento se não podem convocar as proposições para se pôr o silogismo em *Barbara*, ou *Celarent*; assim como na fúria do combate, se não lembram os gladiadores das feridas, que aprenderam na esgrima. Porém bem se conhece nesta acusação a debilidade, com que a inveja pretende inutilmente ferir um objeto, que está tão distante dos seus impulsos. E assim regulando as outras obras por esta, se pode atribuir à Versão dos Árabes, ou de algum copiador ignorante os lugares, que se acusam nos escritos de Aristóteles; e por isso duvidarei de que ele dissesse, como se pretende com o texto do livro 7 da *Metafísica* capítulo 3 que a *Materia prima, nem he quid, nem quale, nem quantum, nem nenhuma daquelas coisas,*

com que se faz um ente determinado. E ninguém pode deixar de dizer que esta *tal coisa*, aqui definida, mais parece um *nada*, do que a *matéria*.

E da mesma sorte se me representa outro *nada* a outra *tal coisa*, que se chama *forma substancial*. Pois querendo a Escola que isto se conceba, como uma *meia substância*, ou uma *substância incompleta*, que está *in fieri*, e que não pode subsistir, sem ter o seu complemento na *matéria*, não me é possível alcançar uma ideia clara desse *tal ente*, que ainda não é, e está para ser, e sabe Deus se será. De sorte que predicando-se como *substância*, quando se chama *forma substancial*, se deve julgar como *occidente*, quando se [fl. 6] afirma que não pode subsistir sem ser em outro sujeito. E se pretendo saber se esta chamada *substância* é corpo, ou espírito, se me diz, que nem espírito, nem corpo: Se pergunto, se é eterna, ou caduca? Se me responde que está todos os instantes acabando com as mudanças, que na *matéria* acontecem: como por exemplo, a forma substancial de um lenho vegetante, se acaba, e entra em seu lugar a do garavato, e depois desta perda, entra novamente a da cinza.

Pode ser que por este modo de filosofar se ministre uma terrível, e bem perigosa apreensão aos Libertinos, para que possam imaginar que assim como há *formas substanciais*, que não são *matéria*, que assim como há *entes*, ou substâncias, que não são corpóreas, e que estão continuamente perecendo, também pode perecer a *substância* da alma racional.

Na infinita divisibilidade da *matéria* se me finge também uma ideia incompatível com a minha intelecção. Não posso compreender como um contínuo em *potência* possa produzir tantas porções, que encha a infinidade daqueles Mundos, que Anaxágoras debuxava a Alexandre; e que todas estas porções estejam em *ato* à perna de um mosquito, ou ao bico de um alfinete. Eu não desconheço a instância de que a *matéria* por mais extenuada, que se represente, nunca se pode reduzir a uma verdadeira aniquilação depois de criada; e que assim por mais, e mais que se divida, sempre há de ficar alguma parte, que se possa dividir em outra; porém venerando a saída, nunca a posso acomodar ao meu discurso: E será talvez porque à minha rústica compreensão lhe falta o esforço para subir tão alto. Devem louvar muito a Deus os Senhores Peripatéticos, que lhe deu inteligência para alcançarem tão sublimes dificuldades.

Contudo eu não achei até'gora quem mas fizesse compreender; e é tanta a minha grosseria, que me sucede o mesmo com outras, que podiam parecer menos difíceis; pois tendo sempre desejo de que se me ensinasse que coisa era *homem*, *bruto*, ou *árvore*, e quais eram os princípios da Natureza: e além disto, como se formava a *luz*, o *vento*, a *chuva*, a *neve*, e outros fenómenos, que cada dia se nos põem diante dos olhos, e podendo dizer com verdade, que tenho lido alguma coisa, digo também ingenuamente, que estou na mesma negligência, em que dantes estava, e que me parece que nesta *matéria* tanto sabe, como eu, o meu Lacaio, em que só pode haver a diferença, que eu o poderei dizer com as vozes facultativas, e ele com as que aprendeu dos seus camaradas.

Aqui verá Vossa Mercê a injustiça, que se me pode fazer, se alguém me considerar Sectário de algum Sistema: Para mim tanto vale o Peripatético, como o Cartesiano, o Newtoniano, como o Gassendista: Todos gritam, todos ralham, todos dão punhadas sobre a banca; mas quem demonstre, quem evidencie, procura-se, e não se encontra.

O único proveito, que tenho tirado desta fadiga, é somente a reflexão, de que não havendo ciência, que possa conseguir-se senão pelos sentidos, o que é um prólogo Peripatético, e que não podendo a alma receber outros informes mais verdadeiros, mal pode conhecer a verdade pela representação de ministros tão fraudulentos. E daqui é que tem procedido a imensidade de conceitos falsos, que se tem levado a tantas Seitas filosóficas, discorrendo [fl. 7] cada Gefe [sic], segundo a enganosa concorrência, que lhe

vinha dos objetos, ocupando ao depois o seu discurso daquelas confusas espécies, que se figuram no cérebro dos enfermos.

Tales disse que a Água era o princípio de todos os Entes: Ferecides, que a Terra: Anaxímenes, que o Ar: Arquelau, que o Fogo: Zenão acrescentou a estes quatro princípios o Destino: Plínio, em lugar do Destino, meteu o Sol: Anaximandro defendeu, que este princípio era o Infinito: Xenófanos que a Unidade: Anaxágoras, que as partes homogêneas: Pitágoras, que os números: Parmênides, que o calor, e o frio: O médico Ateneu ajuntou o húmido, e o seco: Leucipo disse, que o cheio, e o vazio: Platão, que a Divindade: Aristóteles, que a matéria, a forma, e a privação.

Assim deliraram os Antigos: e não fizeram menos os Modernos, Descartes formou os seus três princípios do subtil, do globuloso, do estriado: Gassendo não admitiu outro mais, que a Divindade, e o movimento: Os de Newton parece que estão constituídos na atração, e gravitação: Os Espagíricos, de quem foi Corifeu Paracelso formaram os seus princípios no mercúrio, enxofre, sal, fleuma, e cabeça a que eles chamam morta.

Depois de tão várias, opostas, e extravagantes conjeturas, parecia-me que nem a escola, nem outra alguma seita, se devia desgostar de que cada um pudesse também discorrer, conforme o seu bom, ou mau juízo. Deixe-se Vossa Mercê com os Senhores Peripatéticos de tomarem a peito uma coisa de tão pouca importância, e permita-se, que cada qual delire ao seu modo, porque a discórdia das opiniões filosóficas, não tem nada com os costumes, nem com aquelas virtudes, e excelências, que todos veneramos na Companhia. Certifique-se Vossa Mercê e certifiquem-se também os ilustres filhos de Santo Inácio, que ainda que eu não sou Peripatético, que não me falta mais para ser Jesuíta, do que a roupeta. E entre uns Mestres tão sábios, bem se pode sofrer um Leigo pela grande devoção, que sempre teve a esta santa, e científica Comunidade. Deus Nosso Senhor a prospere para glória sua, e para ornamento do Reino, e de todo o Mundo Católico, e guarde a Vossa Mercê muitos anos. Montemor-o-Velho a 22 de janeiro de 1755.

Muito Servidor, e Venerador de Vossa Mercê
Francisco de Pina, e de Mello

CARTA SOBRE O BOM GOSTO, CHAMADO MODERNO, DE FRANCISCO DE PINA E DE MELO; A CERTO RELIGIOSO, SEU PARTICULAR AMIGO

[fl. 1] M.R.P.M.

Vossa Paternidade me pergunta; (como se eu lho soubera dizer) que seria uma coisa, que uns certos Monsieus do nosso Portugal chamam: “De bom gosto Moderno”; assim na Prosa, como no Verso; e que tudo o que não é França, têm por incultura, ou rusticidade? Eu tenho procurado este tal Ente da Razão, ou desvario; por becos, e esquinas; e confesso, que ainda o não pude descobrir; e vim a assentar, que isto era um nome, sem configuração, e daqueles diabretes, que se metem nos couces das portas; e que se não pressentem mais que pelo ruído, que fazem nos pratos, ou nos tarecos da cozinha.

Se o procuro entre os livros dos bons autores do nosso reino; vejo, que isto, que se pode chamar “Bom gosto”, assim na oração [fl. 1v.] ligada, como na soluta, consiste no estilo Agudo, Polido, e Majestoso. Se o inquiri entre as estantes castelhanas, me aparece na mesma figura. Se entre as dos italianos, se me finge cheio de “flores”. Se entre as dos ingleses, me sai embuçado nas “alegorias”. E só entre as dos franceses, se me põe diante dos olhos, naquele miserável estado, em que ficam os cadáveres, depois da batalha, despojados pelos soldados inimigos. Veja, Vossa Paternidade, se pode haver Trasgo, ou Proteu; que, depois de se correr por todo o Mundo Erudito, nos apareça com tão diversas formas, mudando de feições, em cada Província!

Com esta experiência; que posso eu imaginar; senão, que o Bom gosto do Juízo, pretende ser de tão várias espécies, como o da língua; e que assim como se não pede a razão; porque um gosta de túberas, e outro de pão, e manteiga, este de mel, aquele de vinagre; também se há de esperar, que no “gosto” da inteção, se não dê causa bastante de não concordarem as Nações; ou no sabor, ou no fastio dos escritos.

Porém, aqui há um erro bem claro, que se não conhece por inadvertência: quando se intenta; que o “gosto” do paladar se regule pelo do entendimento; o único motivo, para estabelecer a diferença do “gosto”, que se experimenta nos manjares, aprovando uns, o que outros rejeitam; é porque nas túnicas de cada uma das [fl. 2] línguas, se constitui uma diferente configuração, para causar um desagrado na mesma comida, com que a de outro se saboreia: e na Razão, que é a que governa o Discurso, não se conhece esta diversidade, porque é sempre a mesma, ou ao menos o deve ser em todo o género de indivíduos; e quando acontece alguma variedade nas compreensões, não é por outra origem, senão pelo abuso, que o capricho, ou a extravagância pretende fazer das operações da nossa alma. De sorte, que no gosto material, como da língua; não se pode firmar alguma regra, por serem heterogéneas, e opostas as causas, donde procede; porém no “Gosto” Intelectual, que é simples, e indivisível, e em todos os homens tem a mesma homogeneidade, deve reconhecer os preceitos dos que se reconhecem, ou reputam corifeus das Artes e das Ciências, e que têm gravada sua Autoridade no consenso de todas as Nações científicas.

Entre espanhóis, italianos, ingleses, e em todos os mais, que cultivam as letras, se tem aceitado a divisão, que fez Grécia, e Roma, com as três espécies de “Estilo”: *Sublime*; *Ínfimo*; *Medíocre*: esta mesma divisão foi dada nas Instituições Retóricas de Demétrio Falério, e Aristóteles, de Cícero, e de Quintiliano; Mestres da Eloquência, e por tais venerados, desde a fralda, até à sumidade do Pindo.

Destes três Estilos, comumente falando, [fl. 2v] não usam os Franceses, se não do *Ínfimo*: Digo; falando comumente; porque desta Regra se excetuam alguns; especialmente Monsieur de Fénelon, no seu *Telémaco*, e Monsieur Flechier, nas suas *Orações Fúnebres*; em que tem o primeiro lugar, a que ele fez nas Exéquias do Marechal de Turena.

E ainda, que se possa conceder; não sem violência; que em França há conhecimento do *Estilo Medíocre*; é certo, e sem disputa, que o *Sublime* nunca foi conhecido nesta Monarquia, na especulação; bem que contra si mesmos falam nele bem eruditamente alguns doutos franceses, mais com a autoridade de Longino, que com a de Aristóteles, equivocando o conceito das suas espécies; pois Longino no seu *Tratado de Sublime*, atendeu mais à elevação dos pensamentos, que dos termos; e desta é que falam propriamente os mestres de Retórica; pois é certo, que há uma grande diferença no *Sublime*, que pertence às vozes, e no que tem este mesmo nome nos discursos: com vozes bem incultas, se pode expressar um pensamento sublime, e com vozes bem sublimes, um conceito bem humilde. E esta é a razão, porque disse Donato: *Oratio in sensu; stilus in verbis*.

Há tanta equivocação nesta matéria, que também caiu nela o P. Domingos de Colónia; sendo aliás um bom Mestre de Retórica; pois avaliou por *Estilo Sublime*, a resposta, que deu Alexandre a Parmenião, [fl. 3], quando Dário lhe ofereceu uma de suas filhas, e por doze, dez mil talentos, com a metade do seu reino: a cuja oferta disse Parmenião: *Acciperem, si Alexander essem: Et ego*; respondeu Alexandre: *Si Parmenio essem*. Aqui não se dá sublimidade d'Estilo; mas só uma elevação de pensamento.

Tomando pois os Franceses para si o *Estilo Ínfimo*, e deixando aos outros o *Sublime*, e o *Medíocre*; bem se pode dizer, que o seguirem nesta eleição aos Franceses, é “Gosto Moderno”; porém, que seja “Bom Gosto”, quem o pode julgar, senão uns certos marinheiros, que antes querem comer biscoito, que manjar branco? Mas para terem alguma desculpa, é necessário, que primeiro nos persuadam, que os Franceses têm melhor “Gosto” que os Gregos, e os Romanos, que fizeram tantos prodígios com estes três gêneros de Elegância: É necessário provar, que todas as Nações, que os imitam, e que se não apartam dos veneráveis vestígios, que deixavam impressos pela ladeira de Helicon, são rústicos, e que só os Franceses são os Discretos. Atrever-se-á algum Francês com toda a sua discricção a sustentar a República, só com a sua palavra, na constância de resistir a um poderoso inimigo, como fez Demóstenes, em Atenas, com as suas violentas irrupções de Filipe? Atrever-se-á a fazer cair os autos da acusação dum réu, das mãos dum Rei ofendido, como fez Cícero com César, na defesa de Ligário? Depois da simplicidade [fl. 3v] Francesa nos testemunhar estes milagres, então consentiremos, que ela diga, não que é melhor, mas que é tão boa como a Elegância, que recebemos de Grécia, e de Roma.

Eu não sei, que tentação é esta de nos empenharmos tanto com os usos Franceses, perdendo o respeito às veneráveis cãs dos nossos maiores: Confesso a grande glória, com que esta polida Nação tem adiantado as Letras, e cultivado as Armas, desde o reinado de Francisco: Sou dos mais arrebatados para venerar o seu engenho, a sua erudição, o seu valor, o seu governo, e a sua Política, e se há algum impulso que me faça encolher as asas,

é o defeito da sua grande ambição; mas parecia-me, que não devíamos cegar o nosso alvedrio, para sacrificarmos o nosso raciocínio à sua Autoridade.

Os Franceses não deixam de serem tidos por uns espíritos ligeiros, e assim o representam os autores, que cotejaram o génio das nações. Lourenço Graciano atribui esta leveza aos contínuos ventos desta província: ao menos na precipitada, e contínua variedade dos trajes, não deixa de se provar este conceito; e não é este sinal inatendível, que por ele se não indique a sisudeza dos outros Estados: Os Venezianos, os Polacos, os Húngaros, os Persas, os Turcos, os Chins, os do Japão sempre conservam a mesma figura nos vestidos: e os Patriarcas das [fl. 4] Religiões achavam que não havia melhor modo de insinuar a gravidade, que o de darem um hábito uniforme aos seus súbditos: e a primeira porta, por onde entra a divisão, e a relaxação nos conventos, é pela diferença nos hábitos. Os nossos Antigos nunca se atreveram a alterar o uso das calças da lapa, do jubão, e da gorra. Os castelhanos sempre conservaram a sua golilha, e há bem poucos anos, apesar de muitas contradições, se vestiram à Francesa.

Agora entre nós o chapéu, a meia, o sapato, a cabeleira, a casaca; e ainda todas as alfaias caseiras, se não cheiram a francesada, e dela se não diz: Isto é de França; ainda que sejam cobertas de ouro, e de diamantes, não têm algum valor no nosso conceito: e já se não reputa por uma das propriedades de homem douto a instrução da Língua Latina, da Grega, ou da Hebraica, pois em não tendo alguma tintura da francesa, é avaloado (sic) por um miserável pedante.

Porém se os franceses se agradam daquela mesma prenda, que tanto gaba Homero em Aquiles; nós ainda parecemos mais ligeiros, com o ridículo apetite, não só de imitarmos, e refinarmos as suas modas; mas os seus usos, e costumes.

Eles, posto que tenham tanta variedade nos trajes, sempre se mantiveram constantes no estilo da sua elegância, sem [fl. 4v] nunca quererem adotar o das outras províncias; e nós que estávamos muito bem com o nosso, não nos contentamos só com lhe tomar a figura, mas agora lhe queremos tomar a palavra: Eu estou esperando, que venhamos a perder também a Língua Portuguesa; e que todos venhamos a ser “Monsieurs”, assim no feito, como na linguagem. Enfim esta é uma nação, como a dos romanos, que não contentes de dominar o Mundo com as Armas, também o quis sujeitar com as vozes: acabemos pois de ser em tudo franceses, e veremos então como conservamos a glória de ser Portugal, o Reino de Cristo: Veremos, como na sementeira evangélica se pode colher o trigo sem a zizânia: Veremos como fechamos as nossas barras às mercadorias de Calvino, de Quesnel, e de Jansénio: Duvidamos porventura, que com os afetados costumes, se introduzam também os perigos da Religião?

Todos aqueles escrúpulos, com que os romanos se empenharam em conservar a pureza do seu idioma, não querendo nunca adotar nenhum vocábulo estranho, se veio a perder com a irrupção, que fizeram os Godos na Itália: Não só com ela se corrompeu a honestidade virginal do seu dialeto, como hoje vemos na língua italiana; mas também se perderam todas as preciosidades, com que a cabeça do Mundo tinha apurado o “Bom gosto” das Artes e das Ciências: Desfigurou-se a eloquência, a pintura, a escultura, a arquitetura; e todas as artes liberais, que se tinham [fl. 5] enobrecido com o primor daqueles artífices, de que ainda se veneram, como relíquias civis, os fragmentos de suas obras: E nunca se pôde renovar outra vez o conhecimento da verdadeira cultura, sem se

extinguir aquele bárbaro domínio; e então é, que tornou a aparecer o “Bom gosto”, e a sair daquela masmorra, em que o tinha fechado esta violenta barbaridade: Eis aqui o que espero, que suceda com esta modernice da “simplicidade francesa”: depois que acabemos de reconhecer a violência, com que França nos quer arrastar para a Infimidade do seu Estilo; então voltaremos para a nossa antiga liberdade, e seguiremos as leis estabelecidas pelos gregos, e romanos, e recebidas de todas as outras nações, para tornarmos a advertir na diferença, que a Retórica descobriu entre o *Sublime*, o *Medíocre*, e o *Ínfimo*; e usaremos de cada um deles, conforme o decoro, e a diversidade dos argumentos.

Mas para amplificarmos mais esta demonstração, e ouvirmos a mesma doutrina da boca dos Antigos, seria talvez necessário, que eu transcrevesse à Vossa Paternidade os mais distintos lugares de gregos, e latinos, para neles se alcançar a evidência, que nos propõe a verdadeira elegância, e a diferença, com que a praticavam nas três espécies de estilo, de que tenho feito menção: Porém como os escritos da Grécia são pouco conhecidos no nosso Portugal, e nenhuma das suas versões [fl. 5v] desempenha a energia das originais; oferecerei somente, como de corrida, (porque uma carta não dá licença para outra extensão) as regras, e as figuras mais principais daquela Retórica ditada por Demétrio, e Aristóteles, e ilustrada por Cícero, e Quintiliano, em que concordam todas as províncias letradas; e trarei também alguns exemplos latinos dos melhores génios, que as praticaram. E se Vossa Paternidade quiser ver esta matéria mais difusamente, eu lha poderia mostrar no meu *Teatro da Eloquência*.

A Retórica é uma Arte de falar bem. *Rhetorica est Ars, seu Disciplina bene dicendi: hoc est: gaviter, ornate, et copiose loquendi*: Disse Quintiliano no segundo Livro das *Instituic.* “As partes principais da Retórica, são: *Invenção; Disposição; Locução; Pronuniação*. E destas 4 partes, só a Locução, é que agora nos pertence. A Locução, conforme a doutrina de Cícero: *Est idonearum verborum, et sententiarum ad res inventas accomodatio*.

E para se verificar nesta acomodação o *ornato*, a *gravidade*, e a *cópia*, que Quintiliano prescreve, nos havemos de valer daquelas elegâncias, que na Retórica se chamam figuras. Figura est: *Ornamentum quoddam Orationis; seu loquendi modus illustrior, eta comuni consuetudine remotus*.

As “Figuras” se dividem em sentenciosas [fl. 6] e verbais. As Figuras das Sentenças são estas: Exclamação: Imprecação: Dubitação: Obsecração: Interrogação: Sujeição: Preterição: Exornação: Epifonema: Apóstrofe: Hipotipose: Prosopopeia: Etopeia: Antítese: Sustentação: Comunicação: e Correção.

As Figuras das Palavras; umas se chamam Tropos; outras não. Os Tropos: *Fiunt tantum in verbis translatis; hoc est; a sensu sibi proprio in alienum sensum traductis*.

Entre os Tropos, se conta a Metáfora; a Alegoria; a Metonímia; a Sinédoque; a Ironia; e o Sarcasmo. As Figuras propriamente verbais, que não têm nome de Tropos, se fazem por três modos: por Adjeção, por Detração, por semelhança: nas Figuras, que pertencem à Adjeção, entra a Repetição, a Conservação, a Complexão, a Conduplicação, a Gradação, a Sinonímia, a Tradução, a Polissíndeton; Nas de Detração, a Reticência, a Adjunção, a Disjunção; Nas de Semelhança, a Paronomásia, a Semelhante Cadência, e a Semelhante Dissidência.

Parece, que convinha agora, que eu definisse a propriedade, e a força de todas estas elegâncias, e exemplificasse com o uso, que dela fizeram os poetas, e oradores de maior autoridade: mas por duas razões me não meto nesta empresa: a primeira; porque não duvido, que alguns dos [fl. 6v] escritores franceses, e os que estão no conceito de mais elegantes, praticassem, em muitas ocasiões, aquelas “Figuras”, que se chamam “sentenciosas”; distinguindo-se muito entre eles, o Bispo de Nîmes: a 2.^a, porque a nossa questão é sobre o “Bom gosto do Estilo”; e como Aristóteles no segundo Livro da *Retórica*, e no título da “Metáfora”, nos diz, que o Estilo não é outra coisa, mais que uma traveção de verbos, e nomes; saíra fora da pergunta de Vossa Paternidade, se aqui tratasse das “Figuras” das “Sentenças”; e assim me compete somente a averiguação dos Tropos, e das que chamam propriamente “verbais”. Bastam umas, e outras, para se conhecer, se temos errado com Demétrio, e Aristóteles, e com os seus dois comentadores; ou se podemos acertar com os Franceses, na sua amada, e encarecida Simplicidade.

A primeira, e a mais principal elegância dos Tropos, é a “Metáfora”: E se a Figura, como deixamos dito; é um certo ornato da Oração; ou um modo de falar mais ilustre, e mais apartado dos termos vulgares; em nenhum dos Tropos se logra melhor esta definição, que no uso da mesma Metáfora; porque ela não é outra coisa, que um termo, ou uma palavra, com que se transfere o próprio significado de uma dicção, para outro significado alheio, por causa da semelhança, que se descobre na significação de dois vocábulos diversos. E com esta consideração, é que dizemos, em virtude da mesma Metáfora [fl. 7], que os prados riem, e as fontes choram: e com esta engenhosa translação, se atreveu a dizer Gabriel Pereira de Castro, na sua *Ulisseia*, aquela agradável agudeza, de que tanto se agradava Lope de Vega:

*A bela Aurora;
Que quando nos céus ri, nos campos chora.*

Se via necessário um grande vagar, para expor a Vossa Paternidade todas as espécies de Metáfora, e a dexteridade, com que nos havemos de haver no seu uso; porém, como faço carta, e não livro; passarei a outro Tropo, que se chama “Alegoria”; que não é mais, que uma continuação da mesma Metáfora; e para ela lhe não posso dar melhor exemplo, que a que se fez na eleição de Pontífice de Urbano VIII, com as abelhas da Casa Barbarini; no seguinte Diálogo:

Disseram os Franceses:
Gallis mella dabunt; Hispanis spicula figent.
Os Espanhóis:
Spicula si figant, emorientur Apes.
Os Italianos:
*Mella dabunt cunctis: nullis sua spicula figent;
Spicula nam Princeps figere nescit Apum.*

[fl. 7v] A “Metonímia” se consegue por quatro modos: primeiro, tomando a causa pelos efeitos; ou o inventor pela invenção. Virgílio tomou Baco pelo vinho:

Georgic. Lib. 2. v. 114: Bacchus amat colles; Aquilonem, et frigora taxi.

Segundo, tomando o efeito pela causa; como o fez o mesmo Poeta, quando atribuiu todas as traições dos Gregos, à que praticou Sínon com os Troianos:

Aeneid. Lib. 2 v. 6566: Accipe nunc Danaum insidias, et crimine ab uno Disce omnes.

Terceiro, tomando o continente pelo conteúdo: A mesma Palavra eterna não se dedignou de usar desta Figura, quando tomou a Moisés, e aos Profetas pelos seus livros: *Habet Moysem, et Prophetas.*

Quarto: tomando o sinal da coisa, pela mesma coisa, como fez Cícero, quando tomou a Toga pela Paz:

Cedant Arma Togae, concedat Laurea Linguae.

A “Sinédoque”, se faz por quatro modos. Primeiro; quando se toma a parte pelo todo, como a quilha pel[a] nau: Virgílio:

[fl. 8] *Non anni domuere decem, non mille carinae; Aeneid. lib. 2. v. 198*

Segundo; tomando o todo pela parte: o mesmo Poeta:

Aut Ararim Parthusbibet, aut Germania Pigrims; Bucolic. éclog. 1 v. 64

Terceiro; tomando a coisa pela matéria, de que ela se faz. Ovídio:

Nos fragili ligno vastum sulcavimus etquor: Lib. 1 de Ponto eleg. 5. Ad Uxorem, v. 35.

Quarto, tomando a espécie pelo género: Juvenal:

Qui curios simulant, et Bacchanalia vivent.

A “Ironia” se consegue, quando dizemos:

*Portum, et saepe nefas violare, aut frangere morsu,
Oh sanctas gentes, quibus haec nascuntur in hortis lumina.*

O “Sarcasmo”: é uma espécie de Ironia mais picante, e amarga: a mesma elegância divina o praticou, quando disse: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est.*

Eis aqui tem Vossa Paternidade os “Tropos”: seguem-se [fl. 8v] agora as “Figuras Verbais”, em que eu não devo dilatar-me com mais repartição de exemplos, porque não principie a enfastiar-se de ouvir-me, e talvez de se arrepender de me ter feito aquela pergunta.

A Figura verbal, que se chama “Repetição”, se propõe, quando começam os períodos da oração, com a mesma palavra. A “Conversão”, quando se fecha o período com o mesmo vocábulo. A “Complexão”; quando ao mesmo tempo, se usa da

“Conversão”, e “Repetição”. A Conduplicação; quando há muitas Repetições, ou no princípio, ou no meio, ou no fim da oração. A “Gradação”; quando se desce, ou sobe, por vários degraus no discurso. A “Sinonímia”; quando se introduzem muitos vocábulos, que têm quase o mesmo significado. A “Tradução”; quando se varia nos casos, nos gêneros, nos modos, nos tempos, repetindo sempre a mesma palavra. A “Polissíndeton”; quando se usa de muitas conjunções. A “Reticência”; quando se subentende algum verbo, ou nome, que se omite na Oração. A “Adjunção”; quando a um só verbo correspondem muitos substantivos. A “Disjunção”; quando se omitem as partículas, e as conjunções nos períodos. A “Paronomásia”; quando algumas vozes semelhantes se tomam em diverso sentido. A “Semelhante Cadência”; é uma quase harmonia na correspondência [fl. 9] continuada de palavras. A “Semelhante Dissidência”; é quando os artigos, e membros da oração, ou do período se terminam, pelo mesmo modo.

Já se vê, que eu tomei a impertinência desta cansada exposição; não para a oferecer a Vossa Paternidade, a quem reconheço, e venero por um grande Retórico, como tenho experimentado nas suas Orações Evangélicas: mas sim, para dar àqueles faladores, que nos andam clamando, com o “Bom gosto do Estilo”; sem talvez abrirem uma Arte de Retórica, nem conhecerem os seus Autores, senão pelos ouvirem nomear. E não é uma grande miséria o querer ser Mestre, sem nunca ter sido Discípulo? Pergunte Vossa Paternidade a qualquer desses secretários do Estilo Moderno, pelo uso dalgumas das Figuras, que eu tenho nomeado, e se a eles lhes parecer, que qualquer dos seus nomes não é um Minotauro, que saiu do Labirinto de Creta; eu me ofereço a queimar o meu *Teatro da Eloquência*; ainda que se não perca muito neste incêndio.

Contudo, agora podem eles conhecer a diferença, que observam os Retóricos entre o falar próprio, e o falar figurado, entre o falar simples, e o falar eloquente; entre o falar sem eleição, ou com escolha. Ao falar figurado, chamaram os Gregos, e os Romanos, Elegância; e este também é o nome, que lhe dão os espanhóis, italianos, e [fl. 9v] ingleses. Do falar próprio, singelo, ou simples, pretendem os franceses, que seja exatidão na sua língua, e na sua Eloquência: assim o afirma Francisco Voltaire, no *Ensaio da Épica*; sendo um dos melhores poetas, que no presente século, teve esta Nação: e acrescenta, que esta sua propriedade consiste em não admitirem termo, ou palavra, que necessite de desculpa. Se Vossa Paternidade tiver bem reparado na definição de todos os Tropos, ou Figuras, que deixo expressados, reconhecerá, que não há termo, ou vocábulo, que se não desculpe com o método desta Elegância; pois se fundam as mais principais, e as de mais uso, em se levar de uma palavra para outra, a genuína significação, com a ideia de semelhança; e a isto é, que se chama entre os Retóricos, como duas vezes tenho repetido: “Ornamento da Oração”, e “modo mais ilustre de falar”, e por onde se distinguem os sábios dos plebeus; e por onde, queriam os idólatras, que também se distinguissem os deuses dos homens.

Desejo agora perguntar; não aos Franceses; aonde é irremediavelmente a emenda; porém àqueles Portugueses, que nos querem meter entre as modas esta novidade de Estilo; que Estilo havemos de seguir, nesta grande diferença? Se o daquela venerável Antiguidade, se o desta: Estou para lhe chamar ridícula Modernice?

Parece fatalidade de França que [fl. 10] todas as corrupções, que pretende introduzir nas outras Províncias, se convertam em epidemia; e receio, que o mesmo contágio, que temos experimentado naquela corrupção, a que chamamos “gálico”, se venha a sentir neste novo estilo, que também se pode chamar “doença”.

Bem rara será a obra dalgum Poeta, ou Prosista Francês, em que se tome Marte pela Guerra, Ceres pela sementeira, Vulcano pelo fogo, o Ferro pela Espada, a Quilha pela nau; e que da mesma sorte se achem em alguma delas, os outros gêneros de Figuras, que deixo referidas: Pois aonde consistirá a Eloquência Francesa? Pode causar alguma comoção no ânimo, ou alguma admiração na inteligência; que é todo o fim da oração elegante; ou seja ligada, ou seja soluta; o ouvir nomear todas as coisas, com aquelas expressões, que se ouvem na boca do Vulgo? Causar-nos-á alguma admiração, ou comoção, em chamar ao Pão, “Pão”; ao queijo, “queijo”; que é toda a gravidade, em que se funda toda a exatidão francesa? Não haverá criança, que não nos admire, e comova com as suas vozes; pois isto mesmo dirão todos, apenas saírem das mantilhas. E para isto escusavam os Gregos de fazerem a sua *Retórica*; escusavam os Romanos também de ilustrá-la; e também se via escusado, que Cassandro vertesse a de Aristóteles, no idioma vernáculo.

[fl. 10v] Pela opinião de Cícero, tomada de Aristóteles, e seguida por Quintiliano no 8 das *Instituições*, não se pode chamar Eloquência, donde não resulta admiração.

Nam Eloquentiam, quae admirationem non habet, nullam judico.

Esta é a regra; e estando tão pervertida em França, como todos sabemos; parece, que se não pode crer o que dizem os Franceses sobre esta matéria. O P. Rapin; que nestes Estudos é dos seus melhores escritores, e que tratou de propósito este argumento; nos fala por este modo, nas suas *Reflexões sobre a Épica*.

Depois de dizer, que o *Estilo Sublime* deve ter cinco propriedades: cômgruo, claro, natural, brilhante, e numeroso: e acrescenta, que no “Brilhante”, se deve usar daquelas vozes, que não sejam humildes, nem vulgares, mas que produzam expressões fortes, de cores vivas, e impulsos ardentes; que no “Numeroso” se deve sustentar aquela majestade, de que se serve a Poesia, para exprimir toda a força, e dignidade dos grandes objetos.

Eis aqui o que dizem também os ingleses, os espanhóis, e os italianos: porém se passamos à observância destes preceitos; vemos, que muitos dos nossos escritores, o desempenham. Estimara ver, ao menos um francês, que os observasse. [fl. 11]

Todas aquelas vozes, que eles intentam, que produzam expressões fortes, cores vivas, impulsos ardentes, todo aquele número, que deve sustentar a majestade do Estilo, e a dignidade dos grandes objetos; tudo isto se reduz a dizer, que não se há de admitir palavra, que necessite de escusa; e que o pão é pão, e o queijo queijo; e a isto mesmo, querem os *Monsieurs* de França, e também os do nosso Portugal, que se cinja toda a fachada Retórica, e toda aquela grandeza, a que eles chamam “Noble simplicité”; escrevendo uma coisa, e fazendo outra; bem se pode afirmar, que estão zombando, connosco; e há alguns tão embasbacados, que têm por doutrina, e por exemplar a zombaria.

Eu não desconheço que alguns dos nossos Poetas, e dos nossos Oradores, quiseram encarecer de sorte a pompa do Estilo; que, se os Franceses o estropeiam com a singeleza; os outros o desfiguram com uma afetada, e quase ininteligível cultura: Contudo se deve observar o conselho de Dédalo: *Medio tutissimus ibis*: nem tão elevado, que se derretam as asas; nem tão rasteiro, que se rocem as asas pelos tojos: os Franceses, por não serem

escuros, se lavam tanto, que ficam deslavados; alguns espanhóis querem dar tantas cores ao semblante, que em lugar de o adornarem, o enfarruscam.

[fl. 11v] Que coisa mais ridícula; que dizer Francisco Botelho, em uma das oitavas do seu *Afonso*, falando dum deslumbramento: “Agito do esplendor; surdos los ojos”. Que coisa mais fátua; que dizer Luís de Góngora, no Soneto, em que louvou a História Pontifical do Doutor Bahia:

*Pluma pues, que claveros celestiales
Eterniza en los bronces de su Historia,
Llave he ya de los tiempos, y no Pluma.
Ella a sus nombres puertas inmortales
Abre, no de caduca, no memoria,
que sombras sella en túmulos de espuma.*

Para que bem se conheça a ideia frenética, que compôs estes seis versos; ideia daqueles enfermos, que não concebem imagem, que não seja um delírio: *Agri somnia vane fingentur species*, será necessário declarar o que nem os portugueses, quanto mais os franceses, poderão entender: Góngora entende aqui pelos “Pontífices”: “Craveiros celestiais”: “Bronzes” pelos “Escritos duma História”: por “Chave dos Tempos”, a “Pena”: gravar “sombras”; na fantasia deste Poeta, quer dizer “escrever”, ou “imprimir”; e os “Túmulos de espuma”, são as folhas, em que se escreve, ou imprime. Sobre estes últimos versos, diz Luzán no livro segundo de sua *Poética*. cap. 15: “Confieso, q’al principio no le entendía, pero me reí [fl. 12] muchísimo, cuando con algún trabajo llegué a desentrañar el sentido; y apuré, que; sellar sombras, quiere decir, escribir, ó imprimir; y los túmulos de espuma, son el papel, en que se escribe, o imprime”.

Que custasse tanto a entender a Luzán, estes dois termos de Góngora, estando ele na opinião, ainda entre os espanhóis, de ser o mais escuro, e intrincado dos seus Poetas; parece, que tem desculpa: mas que desculpa dará o P. Rapin, quando nos diz, que também é muito escuro o nosso Camões? Pode haver maior preocupação? Pois não posso dizer ignorância; por ser este Padre muito douto nestes, e em outros estudos; do que achar escuridade em uma obra, que, em semelhante assunto, não tem outra alguma, que a iguale na clareza: e não tendo corrido as águas da Hipocrene mais líquidas, ou mais cristalinas na gravidade da Epopeia, do que quando iluminaram o Estilo das *Lusíadas*? Este conceito do P. Rapin, acaba de declarar, até onde chega, ou até onde se sepulta a vulgar Simplicidade da Poesia Francesa. Acabem pois de reconhecer os franceses, e todos os seus Secretários; que, como Camões não chamou ao pão, “pão”; ao queijo, “queijo”; por mais claro, que fosse no seu estilo, sempre eles o haviam de reputar por escuro: E por esta razão, reconheçam também, que não podem ser admitidos no Coro das Musas, se não naquelas Festas, a que são [fl. 12v] convidados os Galegos com as gaitas de fole.

Este também é o motivo, porque eles chamam *Galimatias*, a todas as cadências, que não correm como aqueles ribeiros, em que se veem os seixinhos no fundo; e havendo alguma torrente, ainda que seja de grande cabedal, que esconda na sua profundidade, a sua riqueza; ou lhes acrescentam o viso das águas com a sua irrisão; ou choram, como os Israelitas sobre o rio de Babilónia. Porém, já o seu Despréaux advertiu, que este *Galimatias* era uma capa da ignorância, com que se cobriam os que não penetravam as agudezas poéticas.

E assim, não nos devemos fiar com os Franceses, na demasiada claridade do dia, para lhe entregarmos todo o nosso gosto; porque às vezes resplandece menos o dia, que a noite; e talvez, que por isso dissesse o Ilustríssimo Huet aos que chamavam escuro ao Estilo de Tertuliano; que esta escuridade era como a do Ocaso, que quanto mais escura, mais brilhante.

Não obstante a sensaboria Francesa; tenho reparado, que quando algum destes Monsieus nos dá preceitos Retóricos, em lugar de os exemplificar com autoridade (sic) dos que têm constituído nesta Arte, um indisputável Magistério; que não nos traga outros exemplos, que os destas chançonetas (sic) dos seus escritores, e com tantos louvores, e encarecimentos das suas belezas Poéticas, que se envergonharia Plínio [fl. 13], depois deles, de ter dado o nome de Panegórico à Oração, que fez no Senado, a Trajano: Aqui se verifica bem o: *Conatii Magno, nugas tractant*: E há bem pouco tempo, que se distinguiu nesta; que lhe posso eu chamar, se não insofrível futilidade? O Abade Batteux, no seu *Curso das Belas Letras*: Bem se pode dizer agora, o que dizia dos Gregos o Doutíssimo Lactâncio: *Res levissimas per maximas semper habuerunt*; eles as têm nesta conta: E porquê? Porque quem é pobre, com pouco se contenta: E também, porque a sua influência os não convoca para aquela altura, aonde se arrebatava o entusiasmo da Poesia.

O seu mesmo Voltaire nos confessa no já referido *Ensaio da Épica*; que declarando a um Francês, tão douto, como sesudo, a empresa da sua *Henriade*; que este lhe dissera; que mudasse de intento, porque o espírito dos Franceses não era para tão alto assunto.

Rousseau, que entre eles foi o que mais se ia chegando às vizinhanças da Iliona (sic), se reputou no conceito sublime do Duque Regente, pelo único Poeta, que tinha conhecido em França; e não era voto suspeito; porque em todo o seu governo, o não quis admitir em Paris.

Sendo pois esta a causa, que têm os Franceses, para nunca saírem da raiz do monte; e não se dando em nós; porque nunca nos intimidou a dificuldade da [fl. 13v] subida; ainda não sei, qual seja a razão de se gostar destas *Francesadas*; e para que se pretenda em uma Província espirituosa estabelecer esta “Seita ridícula do desmaio, e da fraqueza Retórica”: o que na verdade é mais vergonhoso para nós, que para os mesmos Franceses; porque se a estes lhes falta o espírito, sobra-lhe a erudição: e nós, por não nos cansarmos com a erudição, pretendemos desprezar, e envilecer o nosso espírito.

E para dissimular esta miséria, andamos apregoando pelas ruas, a modo de Bufarinheiros: “Estilo Moderno”, “Estilo Moderno”: Não é isto, apregoar fitas, e vender maravalhas? Não é isto, andar às costas com uma tenda contrafeita? Não é isto, vender gato por lebre? Não é isto, perverter, com um zelo falso, a instrução da Pátria? Não é isto, uma pobreza de ânimo, e um interesse próprio, dissimulado no engano alheio? Não é isto, ter, como sepulcros dealbados; muita brancura por fora, e muita imundície por dentro? E ver então esta casta de Franchinotes, com todas estas boas qualidades, empunharem a vara censória, e a porem-se no meio da Praça, com a Granacha de Críticos? Ora se Cícero viesse hoje abafada (sic) Casa de Minerva desta sórdida caterva; e que pretendia assentar sobre o Trono da Sabedoria este “Bom gosto moderno”; não exclamaria, outra vez: *Oh Domus antiqua, oh quam dispari Domino dominarei?* Quer [fl. 14] Vossa Paternidade reconhecer o deplorável estado, a que nos leva a nossa alucinação? Pois considere no bom uso, que têm feito os Franceses nos outros estudos: Eles têm aperfeiçoado, com as lições

dos Romanos, a Pintura, a Escultura, a Arquitetura: Eles têm cultivado a Náutica, a Astronomia, a Geografia, e todas as Artes Mecânicas, que podem servir de proveito, e utilidade à República: Eles têm instituído o Verdadeiro Método de Estudar a Medicina, a Botânica, a Matemática, a Filosofia, a Teologia, e um, e outro Direito; e tendo só errado no “Estudo”, e no “Gosto” da Poesia; neste somente é que os seguimos, e em todos os mais, os desprezamos, sem quereremos sair daquela escuridade, em que nos sepultaram as sombras da nossa ociosidade.

Quer Vossa Paternidade saber também a causa, porque intentamos fundar este “depravado gosto da Elegância Francesa” no nosso Portugal? Pois não é outro, que a de quererem, que não haja diferença entre os Poetas, e Oradores; entre os Oradores, e os Arengueiros. Querem, que quem anda à caça dos mosquitos, tenha tanto alento, como o que se remonta sobre as nuvens; e querem outras coisas, que é vergonha considerá-las, quanto mais o dizê-las; e quem quer tudo isto? É necessário perguntá-lo? Querem-no os Pedantes, os Besouros, os Moscardos, e todos aqueles insetos, que não fazem mais, que zunir, e picar; [fl. 14v] de quem já disse D. Francisco Manuel:

*Tamanitos, um por um,
Não valem nada os malditos,
E andam sempre zum, zum, zum.*

Porém esta praga, mais enfadonha, que as do Egipto, podia ter um fácil remédio; que era o separar os ganços das águias: Quem puder voar; para que se lhe não cortar as asas? E quem não puder levantar as patas da terra, arraste-se por ela; e se não se atreve a falar, com o Demóstenes, e M. Tulio, fale com o nosso Pai Adão; assim como falam os Franceses, chamando a tudo pelo seu nome: Isto mesmo já eu disse na *Égloga 7* da minha *Ética Pastoral*:

*Se não pode com ornato
Ajeitar uma oração
Fale como o Pai Adão,
Que é melhor, e mais barato.*

Eu também tenho falado mais do que queria; porém muito menos do que a Pergunta de Vossa Paternidade necessitava; e por não abusar da sua paciência; só me resta dizer; que me tem sempre pronto para cumprir todos os seus preceitos.

Deus guarde a Vossa Paternidade muitos anos.
Montemor-o-Velho, 5 d’abril de 1756

Amigo, e muito venerador de Vossa Paternidade

Francisco de Pina e de Melo.

CARTA SOBRE A ELOQUÊNCIA

DE FRANCISCO DE PINA E DE MELO

AO M. R. P. M. SENHOR FREI MANUEL DA RESSURREIÇÃO,

GUARDIÃO DO COLÉGIO DE S. BOAVENTURA

Para responder à segunda pergunta, que Vossa Paternidade me faz de qual seja a verdadeira eloquência, será preciso advertir primeiro que ela se pode conseguir por dois modos: um que vem da arte, outro da natureza. Sem natureza não vale a arte, e ainda que haja natureza nunca sem estudo se aperfeiçoará o génio. A eloquência é como os Ursos, que nascendo com todos os membros é preciso que a língua da Mãe os melhore para alcançarem a figura da sua espécie.

A perfeição da eloquência depende das regras, mas de nada servem as regras, se não se ajudam com o esforço do espírito. *Nihil praecepta* (diz [fl. 264v] Quintiliano) *atque artes valere, nisi adjuvante natura.*

O Padre Feijó pretende que seja inútil a Retórica para se conseguir a eloquência, parecendo-lhe que nunca lembram os preceitos, quando se fala, ou se escreve; porém este Autor não advertiu que na Retórica sucede o mesmo que na gladiatória; que ainda que não vem à memória as principais feridas na força do combate, sempre se logra pelo costume o modo de atalhar, e acometer. O escudo vai para o peito, sem advertência, mais que pelo uso da defesa; e posto que as regras não servissem para a composição, seriam necessárias para a lima, aonde não deixa de se perceber o que está segundo a arte, ou contrário a ela; e então ainda pode ter lugar uma emenda, que se não deve confiar de um gosto arbitrário, mas da doutrina, que estabeleceram os Mestres.

Outro juízo não menos estranho nos traz também Martinho de Mendonça na sua excelente *Educação do Menino Nobre*, dizendo que a Retórica não tem hoje alguma serventia; porque os homens se persuadem agora melhor com o peso das razões, que com o concerto das vozes; e para prova deste conceito nos dá o exemplo do Duque de [fl. 265] Marlboroug, que usando da língua Francesa (que falava muito mal) para se explicar com os Estados das Províncias Unidas, sempre lhes persuadia quanto desejava por mais que os Holandeses estivessem prevenidos para lho não concederem: Porém o que estiver instruído nos sucessos daquele tempo, especialmente nos manuscritos de Dom Luís da Cunha, conhecerá muito bem, que ainda que Marlboroug falasse, não digo eu na língua Francesa, mas na Turca, aos estados de Holanda, sempre seriam felices suas práticas; porque quem persuadia esta Assembleia, não era tanto o peso das razões deste General, como a dependência da liga, e a glória, que tinha alcançado o mesmo Marlboroug, assim na campanha, como nos Parlametos de Londres, e no Gabinete da Rainha Inglesa.

Ainda que o Mendonça foi um dos engenhos mais eruditos do nosso século, e de quem eu tomava de boamente a defesa, não só por esta razão, mas pela do parentesco, que tinha comigo, é necessário confessar que ele estava muito preocupado do método francês pois em França é que recebeu todo o conhecimento, que teve das artes, e das ciências.

Não duvido que valha para a persuasão [fl. 265v] mais o peso das razões, que o concerto das vozes; porém qual será o que se atreva a negar-me, que quando ao peso se ajunta o concerto, que é mais segura a vitória a que pode aspirar a eloquência. Para

declarar todo o meu sentimento a Vossa Paternidade, lhe direi que não confio tanto de uma Retórica, sem natureza, como de uma boa razão, sem artifício:

É certo que os Citas não sabiam alguma coisa da arte, e ainda assim se admiraram os Gregos, que eram os Mestres dela, quando viram orar os Embaixadores daqueles bárbaros na presença de Alexandre: os Franceses também ficaram surpreendidos, quando ouviram a descrição, com que orou um Embaixador de Marrocos diante de Luís decimo quarto. Entrando os Castelhanos na Conquista de México mandou dizer Fernando Cortés a um dos Régulos, que habitavam na costa, que escolhesse, “ou a paz, ou a guerra”: a que respondeu o bárbaro: “Que pois lhe davam a escolher, que escolhia o melhor que era a paz”: que mais diria Demóstenes, Cícero, ou Quintiliano, com todas as suas regras de Retórica! Sem ela fazia tanto Cíneas, que confessava Pirro, que devia mais vitórias à sua língua, que à força das suas tropas.

[fl. 266] Contudo podendo tanto a eloquência natural, já se vê que poderá muito mais, se for ajudada com o auxílio das regras: a esta concórdia se devem os milagres, que fizeram com a palavra os oradores de Grécia, e Roma; ela foi a que nestas duas Repúblicas se fez senhora da paz, e da guerra: a que chamava as sedições, a que fazia tomar as resoluções ao Senado, e à Plebe; que lavrava as Leis, e a que obrigava a reconhecer os interesses a um, e a outro partido.

Nunca melhor se conheceu o impulso desta eloquência, que naquelas três famosas orações de Cícero contra Rulo: são mais louvadas as com que perseguiu Catilina; porém na minha opinião nenhuma destas pode competir na dexteridade, com que desarmou este invencível Retórico as ideias daquele Tribuno. Na diferença das coisas se conhece melhor a do triunfo. A conspiração de Catilina era por si mesma odiosa; e por si mesma amável a de Rulo: aquele aspirava à tirania com o estrago de Roma, e este com os benefícios, que afetava fazer ao povo: aquele matando, e extinguindo os melhores Republicanos, este repartindo as riquezas dos patrícios pela ordem Plebeia com a observância das Leis Agrárias: pouco seria necessário para [fl. 266v] mover os Romanos contra um inimigo declarado; mas que eloquência não seria precisa, para que quisesse condenar a Plebe a um homem, que se empenhava tanto nas suas utilidades?

Enfim Cícero mostrou com toda a arte, com toda a destreza, e força da palavra, que os intentos de Rulo não se fundavam no benefício, mas no domínio: e entre as mesmas vozes, que tinham aplaudido a proposição do Benfeitor, já se não ouviam outras, que as de falsário, e de tirano.

Estes eram os prodígios, que naquele tempo fazia a eloquência: fazia voltar para traz uma torrente precipitada; e conseguia aquele mesmo impossível, que pretendia ver Enone no rio de Troia.

Xanthe, retro propera, verraque recurrite Ginphoe: conseguiu o de mover os penhascos, convocar os arvoredos, domésticas as feras, como fingiu a Grécia no músico da Trácia, o que tudo é menos, que amansar um povo colérico, e suspendê-lo no seu precipício.

Se outro tanto se fizera agora, nem Feijó diria que era inútil a arte, nem Mendonça, que aonde havia razão, se escusavam palavras.

Considerando eu algumas vezes nos motivos de [fl. 267] ser a força da eloquência antiga tão diversa da nossa, vim de novo a confirmar-me, que nunca basta a razão para se convencerem os homens: eu bem sei que há razões de carreteiro, mas também posso afirmar a Vossa Paternidade que em algumas matérias, em que a razão não podia ser mais forte, nem mais evidente achei muitos homens testarrudos (sic), que se fecharam à banda, e que se firmaram no prolóquio: *Stat pero ratione voluntas*. Estes é que se podem chamar penedos, que nunca se abalam, e brutos que nunca se amassam: aqui não faria coisa

alguma a arte de Cícero, nem a Cítara de Orfeu: com que a debilidade da eloquência, e ainda a da razão, não depende tanto algumas vezes das faltas do orador, como da rudeza, e indocilidade dos ouvintes.

Na Grécia até as regateiras se picavam das Retóricas, e o povo de Roma era racional, e polido: eis aqui outro motivo, porque os Demóstenes, e os Cíceros eram bem ouvidos, e pela contrária razão os nossos oradores são desprezados. Além disto não estamos nas mesmas circunstâncias, em que estavam gregos, e Romanos com este estudo. Este era o único, que levava naquelas duas Repúblicas os homens às maiores dignidades; e por isso se empenhava tanto nele a sua aplicação como [fl. 267v] quem esperava deste exercício toda a sua fortuna. E por esta causa se fizeram em Atenas tão admirados Péricles, Lísias, Esquines, Sócrates, Demóstenes, e em Roma os dois Gracos, o famoso Bruto, Cornifício, Hortêncio, Marco Túlio, e outros, que de uns nos restam ainda as obras, de outros os fragmentos, e de alguns somente a memória. E também é esta a razão, por que entre nós se não faz caso da Retórica; porque à Eloquência, e à Poesia se lhe teceu a grinalda de uns ramos, que não frutificam; e quem as cultiva é, menos por utilidade, que por divertimento: lastimoso espírito de um século de ferro, e especialmente do nosso Portugal, aonde as belas letras se têm convertido, de Ninfas, em saloias, trocando a lira, e a cítara pelas castanholas, e pandeiros.

Os que pretendem desculpar a sua preguiça com o desprezo desta arte, dizem que a eloquência não é tão boa como se pinta; porque ainda não se sabe se tem dado mais proveito, ou prejuízo ao bem público: e acrescentam, que se fez a paz também fez a guerra: se persuadido para o bem, que igualmente persuade para o mal; e não advertem, que o mal, e o bem andam tão juntos, que parecem gémeos: tudo tem seus [fl. 268] descontos; e da mesma parte, donde nos vem o proveito, nos pode vir o dano.

*Terra salutare herbas, eadem pece nocentes
Nutrit; et urticae proxima rosa est.*

Esta gente fala do mau exercício da arte, eu falo da vontade, e da inocência das suas regras: eu louvo a eloquência e não o seu abuso. Nada haverá por mais excelente, que se considere, que tomado por esta ilharga, se livre da acusação. O sol, que vivifica o Mundo com os seus raios, também com eles nos abrasa: a água nos refresca, nos entorpece: o ar, que nos alenta, nos penetra: a terra, que nos sustenta, nos sepulta: até na mesma Escritura Sagrada, manancial da pureza, e da virtude, descobriu a heresia, em que fundar a sua impiedade: isto é, ser como as aranhas, que das próprias flores de que as abelhas tiram o favo, extraem elas o veneno. Eu não pretendo agora convencer a miséria destes juízos, basta que lhes diga com Santo Agostinho, falando da Retórica:

*Non est facultas ipsa culpabilis, sed ea male
utentium perversitas.*

Cingindo-me outra vez à pergunta de Vossa Paternidade [fl. 268v] duvido que possa satisfazê-la, como desejava; porque para isso seria necessário trasladar aqui todos os preceitos de Aristóteles, de Demóstenes, de Cícero, de Quintiliano. E eu não tenho tempo para me dilatar, nem Vossa Paternidade teria sofrimento para me ouvir. Direi somente, nem ainda o mais principal, mas algumas particulares reflexões, que tenho visto, e também produzido nesta matéria para o que devo supor sabidas todas as regras, de que se compõe a arte de falar bem.

Pode parecer que a melhor eloquência se deva reduzir ao Estilo Sublime, porque nele se admite toda a formosura, pompa, força, agudeza e elegância dos termos; e por lhe serem mui próprias, as figuras sentenciosas, as verbais, os tropos, os perífrases, os epítetos reflexivos, os verbos, os nomes, os advérbios, que se redobram, e se estendem com a significação: Contudo, tanto se pode lograr a eloquência no estilo sublime, como no ínfimo como no medíocre: em se proporcionando os termos com o assunto, ou seja nesta, ou naquela divisão, está conseguida a maior, e a melhor parte da eloquência. No estilo medíocre, bem que se possa usar abundantemente das figuras sentenciosas [fl. 269] se deve ir com muita atenção, com os tropos, e figuras verbais: poucos perífrases, epítetos moderados: verbos, nomes, e advérbios pouco atrevidos; atendendo-se mais ao seu genuíno significado, que à arrogância das vozes.

No estilo ínfimo não se pode aproveitar nenhum dos ornatos, de que se agrada a Retórica: tudo deve ser natural, modesto, simples, significativo, sem que nunca se desfigure o carácter daquela locução, de que usamos nas práticas familiares.

O primeiro foi só destinado aos Poetas; porque supondo-se, que falam com um Dialeto Celeste, por serem inspirados do mesmo Nume, que invocam, é verosímil que a sua eloquência seja mais excelsa, e arrebatada, que a dos outros homens.

O segundo estilo está prescrito aos oradores; porque os supomos com menos ardente impulso nas suas expressões; e não fingimos comovida a sua ideia com algum superior entusiasmo, que os levante sobre as forças da nossa humanidade.

O terceiro é para a conversação dos amigos, para o trato económico, para as Églogas, Diálogos, Apólogos, Parábolas, e Cartas.

Mas ainda nestes três estilos [fl. 269v] pode haver dentro de cada um uma grande diferença. Em todos os objetos heroicos deve a poesia estender as asas sobre as nuvens: nos líricos deve encolhê-las; e assim o mesmo raptó, que se concede na Epopeia, não se permite nas sátiras, nas canções, nas odes, nos madrigais, nas décimas, nas Redondilhas, nos Romances; porque aqui tange a fruta, e na épica a trombeta. E muito menos se deve permitir quando a Poesia apare [sic] na Cena dos Apriscos, porque aqui não pode haver palavra, nem termo, e talvez que nem pensamento, que não tenha o sabor da montanha.

Suposto que o estilo medíocre seja peculiar dos oradores, podem passar com a devida moderação ao dos Poetas em algumas ocasiões patéticas, especialmente nos Panegíricos, e orações fúnebres; e também no estilo ínfimo se pode admitir o medíocre assim como nas cartas, que se escrevem a pessoas eruditas, ou eloquentes, ou de mais alta jerarquia; pois também aqui milita a regra de se corresponder o estilo com a matéria, ou com a pessoa, a quem se fala.

O melhor protótipo para o estilo sublime da Poesia podia ser a *Ilíada*, e a *Odisseia*; porém eu não me atrevo a dar este modelo nas suas [fl. 270] versões; pois todas se enfraquecem no cotejo do original, segundo as advertências de Madame Dacier, que é um voto de grande peso, pelos muitos anos de estudo, que deu a esta averiguação; mas se entre nós não podem servir de modelo as Épicas de Homero, sirva a de Virgílio.

E se pela mesma razão não nos serve Demóstenes para o Estilo dos Oradores, sirva Marco Túlio, mais nas Filipinas, que em todas as outras obras. Isto é para os Latinos, que para os vulgares (que também necessitam de exemplar pela diferença do idioma) darei para a Poesia (e dando este não tenho outro, que dar) ao nosso nunca bem louvado Luís de Camões. Para a Oratória dou ao grande Vieira, e também com ele fica satisfeito o mais ambicioso desejo: Para o estilo ínfimo é um excelente original Francisco Rodrigues Lobo, e com muita especialidade na sua *Corte da Aldeia*.

Há também outras espécies de estilo, que se deduzem destes três ramos, ainda que pareça que se figuram com diverso carácter; porque há estilo agudo, picante, sentencioso,

conciso, reflexivo, e de outras semelhantes feições de que formou os seus *Anais* Cornélio Tácito. [fl. 270v] A qualidade do estilo de António Solís na *Historia de Mexico*, e a de Diogo de Saavedra nas suas *empresas políticas* está cheio de tantas prerrogativas, que eu antes quisera ter feito estas obras, do que ser autor de quantos livros têm fatigado as imprensas.

O *Retrato político de D. Afonso VIII* por Dom Gaspar Mercader, Conde de Cerbellón é um dos grandes esforços da eloquência Espanhola. O nosso Jacinto Freire é inimitável na *Vida de Dom João de Castro*. O Telémaco de Mr. de Fénelon é o mais alto voo do espírito, e elegância Francesa. A oração de Mr. Flechier ao Marechal de Terena, não lhe falta nada para bater as asas sobre o cume do Pindo. Na Itália foi uma torrente sagrada a elegantíssima missão do P. Segneri. Em Inglaterra basta ver as orações dos Parlamentários, para se alcançar o quanto pode na eloquência esta sábia, e polida Nação. Eu tenho algumas, que me fariam admirar se não me levasse todo o assombro as respostas, que dava o famoso Roberto Walpole para enfraquecer as invetivas, com que a liberdade Inglesa arguia o procedimento do Ministério.

[fl. 271] Além destes três géneros de estilo, se tira das mesmas regras da Retórica outro género, que se pode chamar Rústico. Aristóteles nos diz na *Arte poética* que nas Dramas deve falar o Rei, com majestade, o sábio com erudição, o soldado com ardor, o rico com soberba, o pobre com humildade: sobre esta doutrina se pode fazer esta instância: se cada um há de falar com a propriedade da figura, que representa, deve também o montanhês falar com rusticidade.

Nem Teócrito nos seus *Idílios*, nem Virgílio nas suas *Éclogas* nem Garcilaso, Camões, e muitos Italianos, que compuseram poesias rústicas observaram esta lei; pois os seus pastores falam como se se criassem na Cidade, e não nas choupanas. De outra sorte o fizeram Francisco Rodrigues Lobo, e D. Francisco Manuel; a quem eu me resolvi a seguir na minha *Ética Pastoril*.

Ele pare (sic) mal o querer acertar com estes dois por não errar com tantos, porém o acerto não consiste no concurso de muitos; e é melhor acertar com um, do que errar com todos. Eu entendi por este modo Aristóteles: dirão que não está bem entendido; porém seja difícil provar-me que só eles o entenderão melhor.

[fl. 271v] Não só Dom Francisco Manuel, e o Lobo seguiram esta inteligência, mas também esteve por ela o famoso João Batista de Molière, primeiro Mestre de Teatro Francês, pois em todos os montanheses, que levou às cenas, se lhes ouve falar na mesma língua, que se conserva nas choças. É verdade que Despréaux condena esta licença com o fundamento, de que se estropeia o idioma; e dizia, que, salvo este defeito, não conhecia algum cómico, que excedesse a Molière na elegância, e no espírito.

Porém eu não entendo bem estes Senhores Franceses, ainda que alguma coisa sei da sua língua; de sorte que eles também não querem que se faça em verso o Diálogo, só porque não tem verisimilhança que em uma prática familiar se estejam medindo as sílabas; porque estariam a maior parte do tempo em êxtase os que conversavam: mas pergunto: e não é um rigoroso Diálogo a Comédia? Pois por que consentem aos seus cómicos, não só que eles a façam em verso. Mas em verso rimado, aonde cresce mais a impropriedade?

Além disto os Poetas não têm lei para não [fl. 272] dizerem as coisas como foram, senão como deviam ser?

Esta mesma lei a trazem quase todos os Autores Franceses, que escreveram da Poética: Pois não seria a prática comua mais gostosa, se todos os que nela falassem, pudessem falar em verso? Logo isto que devia ser, e não é, é que os cómicos fazem que seja.

Tornemos atrás: A única coisa que dão os Franceses para quererem o Diálogo em prosa é por não se faltar à propriedade, e verisimilhança; e têm elas tanta força no seu conceito, que ainda que o Diálogo possa ficar mais insípido na prosa, não consentem que ele se faça em verso: pois para o Diálogo importa tanto que se observe, e se procure o próprio, e o verosímil, e não há de importar nada para as Églogas?

Eis aqui como os Franceses nos ditam, e propõem a lei dos estilos; e agora julgará Vossa Paternidade se eles são bons mestres para nos ensinarem a Retórica, e que caso se deve fazer daqueles palradores, que andam sempre gritando *per vicos, et plateas*: “estilo moderno: estilo moderno”?

E voltando ao meu intento, continuo: ainda que no estilo sublime se permita todo o ornato, e [fl. 272v] abundância de vozes, e de figuras, não se há de enfeitar tanto a noiva, que lhe fique encoberto o rosto, com a multidão das maravilhas.

Nem tudo tropos, epítetos, perífrases, agudezas; nem tudo singeleza, descuido, simplicidade.

O estilo sublime há de voar com as penas da águia, que com a mesma facilidade, com que sobe a beber os raios do sol, com essa mesma desce para os vales. Os objetos grandes pedem que se busquem nas alturas, os pequenos nas profundidades. Esta é a doutrina de Cícero.

Tenues causae, tenere dicendi filum requirunt

Tão ridículo será medir um gigante com a vara do sátiro, como um pigmeu o cajado de Polifemo. Na serenidade, com que se eleva, e se abate, quando é necessário, ninguém pode competir com Virgílio: Já o vemos na garganta, já na raiz do Olimpo, sem nunca se lhe perceber a menor violência na extensão, ou no encolhimento dos giros.

Nem Píndaro, nem Sófocles puderam sustentar esta maravilhosa tranquilidade: às vezes se [fl. 273] deixam levar do seu ímpeto, e se remontam tão alto, que nem a vista os pode seguir; porém como se não podem sustentar nesta altura, vem de repente a terra, e em lugar de descenderem, se precipitam. E ainda que lá pudessem ficar, seriam como os vapores terrenos, que por mais que vadeiem pelas esferas não luzem; e cairiam no mesmo defeito de Lucano, a quem chamam o “cavalo desbocado”, porque não há freio, que o detenha.

No estilo ínfimo, também as asas se não devem roçar pelos matos, como fazem as Abetardas, que podiam por esta causa pertencer mais aos répteis, que aos voláteis: posto que simples, e ao parecer descuidado, há de ser vivo, e oficioso, e que nunca se perceba que a singeleza se equivoca com o desmaio.

Dadas estas regras, pouco tem que acertar com as do estilo medíocre: em três palavras as digo: voar sempre claro: ou suba, ou baixe, ou se suspenda. Sem clareza não pode haver sublimidade, nem candura, nem mediania: O sol, a quem os Poetas fizeram Deus da eloquência, parece-me que não logrou este título, senão por esta prerrogativa: ou esteja [fl. 273v] no pináculo, ou na concavidade, ou no meio das esferas, sempre está com a mesma claridade, e nunca se esconde ao nosso conhecimento; e se alguma nuvem pretende encobri-lo, logo triunfa desta ousadia.

Porém a clareza é necessário medi-la com discricção, porque a uns pode parecer muito escuro, o que a outros claro. Todas as artes, e ciências têm seus termos próprios, e só conhecidos dos seus professores: quem não souber os da Teologia, os da Filosofia, os da Matemática, será impossível que compreenda alguma questão destas ciências: o mesmo sucede com a pintura, e arquitetura; com a náutica, com a medicina, com a álgebra, com a geometria: as palavras de que usa a altanaria parecem uma gíria de ciganos

para aqueles que as desconhecem. E se todas as ciências, e artes têm este privilégio, porque o não há de ter também a Retórica, e igualmente a Poesia?

Se quem não estudou estas artes, nem tem uso dos Poetas, e dos oradores, diz que não entende esta, ou aquela poesia, ou esta ou aquela prosa, que importa que o diga, se nunca soube que coisa era agudeza, tropo, [fl. 274] perífrase, ou conceito mais ou menos adornado, e de maior, ou menor delicadeza? Que culpa tem orador, ou o poeta, de que não o entendam, falando com as regras da arte? Se a culpa é dos ouvintes, e dos maus leitores, eles é que devem fazer a penitência, chorando o descuido, ou a preguiça de não se terem aplicado, de serem inertes, podendo ser instruídos, de terem levado a vida ociosa, podendo gastar o tempo sobre os livros.

Non jacet in molli veneranda scientia, lecto.

Quem é pedante, conheça que o é, e escuse de forcejar para que a escuridade proceda do orador, ou do poeta, e não da sua pedantaria: nem tudo pode ser “pão pão, queijo queijo”: Na Retórica, e na Poética há outras iguarias com diferentes adubos, que só sabem temperar os mestres desta cozinha, e para se comerem estes manjares não se convidam os saloios, nem os marabutos.

Mas vamos adiante: Não só é necessário a clareza, mas também a escolha dos termos, e das palavras; porque nesta eleição se funda uma grande parte da elegância; pois há vocábulos sonoros, e confusos, uns alegres, e brilhantes, outros melancólicos, [fl. 274v] e escuros: uns acanhados, outros resolutos; uns lânguidos, outros vivos; que por esta diferença podem fazer agradável, ou desgostosa a oração.

Todas as dicções, que se compõem do “a” e do “o” são canoras, e ativas; porque se ferem com maior impulso, e dão um som mais aberto, e harmónico. O “i” e o “e” são umas letras de tom sumido, e de pouca consonância: o “u” é das piores das cinco vogais.

Nas consoantes se percebe a mesma diversidade: “p”, “q”, “l”, “m”, têm muito maior força, que “b”, “d”, “f”, “g”: “v”, “x”, são muito ásperas: com o “z” mais se assobia, do que se fala.

As palavras que têm mais sílabas são mais formosas: túmulo, é melhor que tumba; e melhor que túmulo, monumento: exceto desta regra as que se chamam sesquipedais, como por exemplo o *Heautontimorumenos* de Terencio.

Porém não devemos sempre usar das dicções compridas, antes devemos misturá-las com as curtas, e algumas vezes com os dissílabos, e monossílabos; porque com as dicções grandes faremos lenta a oração, e com as pequenas, precipitada.

[fl. 275] Entre estas dicções fazem um grande efeito os Esdrúxulos, que são aquelas palavras, que escorregam na penúltima sílaba. Mas ainda com todas estas prerrogativas não brilha a eloquência, se lhe falta aquele harmónico segredo, que se chama – “Número” na Retórica: esta harmonia só a conhece um ouvido delicado; e nela é, em que consiste o motivo de não ser agradável algumas vezes uma oração muito polida, e trabalhada, sendo-o ao mesmo tempo outra, menos esplêndida. O número Retórico é que faz esta diferença; porém ele mais se aprende pelo uso, que pelas regras; e por esta causa dizia Aristóteles a um seu discípulo, que não percebia o “número”; que isso era uma coisa que ele lhe não podia ensinar.

Porém não obstante o fazer tanto na eloquência a escolha dos termos, e das palavras, o ornato a proporção a sonoridade, e a encoberta força do “número”, é preciso que se estabeleça mais na substância do que se diz, que no modo, com que se fala. Assim o preceitua Quintiliano.

Oratio sententiis debet esse ornatior, quam verbis.

Não pode haver coisa mais faceta, que gastar o [fl. 275v] tempo em compor as vozes, e não fazer caso dos argumentos: atender só a polir os vocábulos, e não cuidar no valor das proposições: isto é querer falar aos ouvidos, sem passar o eco ao coração: falar bem, e propor melhor, é toda a bondade, e desempenho da arte. Quando se não pode falar muito bem, ao menos se deve encher nas coisas o que falta nas palavras.

Salviano, que aliás era bem eloquente, em achando substância, lhe davam pouco cuidado as vozes.

Nos rerum magis quam verborum amatores utilia potius, quam plausibilia, sectamur.

Mas querer que à força de boas palavras sejam boas coisas, é imitar aqueles ridículos sofistas de Atenas, de que tanto se ria Sócrates, ou cair na censura de Escalígero.

Stultum, ac supinum, plumbeique delirii rebus relictis, consenescere in verbis.

Estas coisas, em que se deve fundar a gravidade, e a força da oração será preciso analisá-las, e reconhecê-las, porque pode ser futilidade o que parece [fl. 276] substância: Deve-se saber se vêm para o intento, ou estão fora dele; e depois desta averiguação, distribuí-las pelos seus lugares competentes; no que também se logra a dedução, e a formalidade. A regra é, que se principie a oração pelo mais plausível para captar a atenção dos ouvintes; e que se guarde para o fim o mais forte; pois fica mais impresso no ânimo o que se diz no fim, que o que se expõe no princípio; e por esta causa deve ser o Epílogo cheio de substância, de ardor, e de veemência.

Outros distribuem as instâncias por outro modo, pois metem no meio as razões mais fracas, posto que mais gostosas, à imitação dos capitães destros, que costumam pôr os soldados menos ativos no centro, para que não possam fugir, ou desmaiar, vendo-se cercados da maior força do exército.

Nenhuma destas coisas se pode conseguir sem uma boa notícia da Lógica, que é a que ensina a regular as operações do juízo, e a distinguir o falso do verdadeiro, e o verosímil do improvável: e por falta desta instrução se conhece em muitos escritos, e práticas de um, e outro género, um corpo monstruoso, estando [fl. 276v] muitas vezes os pés no lugar da cabeça, e os braços no das pernas, e tudo separado daquela simetria, que dá toda a fortaleza, e formosura à eloquência. Esta é uma das advertências de Cícero.

Sine Philosophia non posse effici quem quaerimus eloquentem.

Porém esta lógica não é a que se aprende nos colégios; e só se alcança com a leitura contínua dos bons livros, e com aquela advertência, que nos pode dar o método, em que Cícero formalizou as suas orações.

Além desta composição (eu quisera chamar-lhe arrançamento) com que se deve unir, e distribuir o material, e o formal da eloquência, ainda considero outra lógica, não menos precisa, que é a de saber o que se há de dizer, e ao mesmo tempo omitir, e o que pode servir de comoção, ou de utilidade; e sem este conhecimento nunca se pode falar com acerto; e por isso disse o mesmo Cícero:

Dicere beni nemo potest, nisi qui prudenter intelligit.

O melhor modo de se conhecer o que venho de advertir, [fl. 277] é pelos efeitos de oração: se as vozes do orador não passam dos ouvidos, é sinal de que só atendem ao gosto, e lisonja dos assistentes; se penetram a alma, o mesmo proveito confirma a bondade da eloquência. Falar somente aos ouvidos, é ser como os sinos, que quanto mais ocos, mais vaidosos: falar ao coração é ser como o raio, que deixando sem ofensa a bainha, dá uma nova têmpera à folha da espada.

Um dos segredos desta grande empresa é não só o bom conceito, que se faz da ciência, e costumes do orador, porém muitas vezes de alguma dignidade, em que está constituído; porque a maior parte da gente não atende tanto ao crédito da boa doutrina, que se diz, como ao da pessoa, que a profere. Já isto se usava no tempo de Salviano:

Omnia dicta tanti existimantur, quantus est ipse, qui dixit, siquidem tam imbecilla sunt judicia hujus temporis, ac pesse jam nulla, est hi, qui legunt, non tam considerent quid legant, nec tam dictionis vim, atque virtutem, quam dictatoris cogitent dignitatem.

[fl. 277v] A este modo de julgar a eloquência chama Salviano fraqueza dos juízos do seu século; e esta mesma fraqueza tem continuado, desde então até'gora: Vossa Paternidade tem presenciado muitas vezes que alguns escolásticos, e outros, que se puseram de doutores só por ouvirem replicar os sinos da universidade, não podem tolerar que sendo eu leigo me meta a falar em Teologias. A teologia porventura será frade, donato, ou secular? Perguntam, que quem ma ensinou? A mesma pergunta posso eu fazer também aos que entendem que a sabem? Dirão que a aprenderam pelos livros: isso poderia eu também dizer, e perguntar-lhe de novo se eles terão mais privilégio para os lerem do que eu? Se está ordenado por algum cânone, que só os frades aprendam esta ciência? Em me mostrando, dou minha palavra (e sei cumpra-la) de que nunca mais abrirei o bico; e que entregarei a alguns religiosos meus amigos (porque nem todos são antijunistas) os livros de Teologia, que tenho nas minhas estantes.

Já houve quem disse (e o pior é que se escreveu, e imprimiu) que eu nunca fora às aulas: pois nem haver ao menos umas conclusões? [fl. 278] Contudo desejava este Senhor Teólogo me dissesse se os que sabem alguma coisa de Teologia, ou de outra faculdade, o aprenderam melhor nas aulas, do que fechados no seu estudo, ou seja cubículo, ou cela, ou gabinete? Se eu tenho dito alguma parvoíce Teológica, ou de palavra, ou por escrito, deem-me com ela na cara; se a não disse; porque não deixam falar os outros com a língua, e com o juízo, que Nosso Senhor lhes deu?

Talvez que Vossa Paternidade ainda não saiba donde procede este ruge ruge, que é pior, que o dos cascavéis? Alguns dos nossos Teólogos dizem que com a sua escolástica hão de fazer numa rodilha quantos hereges houve, há, e pode haver no mundo: a promessa é como a daquele poeta, de que fala Horácio, mas o efeito, ou, o feto é como o dos montes, quando pariram: estando o nosso Portugal tão cheio de Luteranos, e Calvinistas, que vêm misturados com as mercadorias, que recebemos do Norte, e do Levante, ainda não vi nenhum destes famosos atletas trazer nenhum destes trânsfugas da nossa Religião para o grémio da Igreja. Enfim eles querem que se consiga esta grande, e tão útil empresa somente com a escolástica: eu digo que com a Polémica: aqui está toda a bulha: isto não é dizer que a escolástica, conforme a dotou São Tomás, e não como alguns a transfiguram, deixa de ser excelentíssima; mas é querer que deixando a escolástica no seu devido lugar, deixemos combater a Polémica com as heresias do nosso tempo; e se uma se ajudar da outra, digo que será boníssimo; porque quanto mais, quando melhor para as coisas de Deus. E tendo eu dito isto muitas vezes, quando há ocasião de o dizer, terei dito alguma bestidade? E não o dizem assim os melhores Teólogos?

Talvez que me perguntem também aonde aprendi eu a Polémica? E eu respondo, que [é] uma coisa que lhe não importa. E caso não está em se saber, aonde ma ensinaram, se não com efeito se a conheço? Por hora não digo nada: por mim falará o meu *Triunfo da Religião*, que agora saiu da imprensa.

E tornando a tomar o fio do nosso assunto (que sem eu querer se está tantas vezes cortando) é preciso que também advirta que se não deve adotar um demasiado apetite na artificiosa composição das palavras, e ornato dos termos; porque além de fazer

impertinente o discurso, desconcerte [fl. 279] o crédito dos ouvintes, porque a verdade não se compadece com a afetação, e é aviso de Quintiliano.

Cura verborum derogat affectibus fidem; et ubicumque ars ostentatur, veritas abesse videtur.

Não quero dizer, nem Quintiliano o diz, que a eloquência se não valha da arte, mas que há de ser com tal destreza, que ainda que se diga com arte, não pareça.

Outro segredo para ser bem ouvido o Orador, é a sua modéstia, tão pouco atendida dos escritores modernos; e não sei se ainda menos dos do nosso Portugal, em que por natureza somos jactanciosos: Não pode haver impulso mais veemente para derribar a eloquência do seu trono, que a jactância, ou a mo[r]dacidade. Gomes famoso J. C. Castelhana, diz bem, discorre bem, e autoriza bem, mas quem pode sofrer que esteja dizendo a cada passo: *magistraliter, et resolute dico?* O Padre Feijó deitou a perder a sua elegância (que é certo que a tem) com a vaidade, que está sempre pulando nos seus escritos.

Uma grande parte dos Autores [fl. 279v] católicos, que têm florescido, desde o meio de (sic) décimo sexto século, tem combatido os hereges com uma suma acrimónia, apartando-se daquela brandura, com que os arguiam São Jerónimo, Santo Agostinho, e outros santos escritores, que reconheciam que a modéstia dava um grande valor à eloquência.

Mais calvinistas converteu em França o Ilustríssimo Bossuet com a caridade, com que os tratava, assim de palavra, como por escrito, que todos aqueles controversistas, que fulminaram contra eles as mais amargas invetivas. Aqueles santos bispos dos primeiros séculos, primeiro com as carícias, e com os benefícios, e ao depois com instâncias suaves, é que reduziam os desertores de Cristo ao grémio da Igreja.

Dela se apartou Abelardo com as disputas, que teve com os Doutores Católicos; e a doçura de Pedro Venerável é que lhe fez conhecer o seu erro, e a que fez segurar o seu arrependimento: na pena capital, que se mandou circular em França contra todos os Hugonotes, não consentiu o Bispo de [...] que na sua Diocese se executasse este suplício; e foi tão poderoso este indulto, que todos vomitaram com ele o veneno [fl. 280] da heresia, ficando purificado deste contágio aquele infestado território.

Fortiter, et suaviter são os mais altivos agentes dos impulsos divinos: os mesmo Idólatras reconheceram quanto mais veemente é a suavidade, que a força; pois ainda que fingiram a Hércules, e a Orfeu por dominadores dos monstros, deram menos vitórias à clava, do que à cítara: lástima é que os homens com tantos exemplos, não tanjam sempre uma, e dependurem a outra!

Talvez que Vossa Paternidade queira agora inquirir donde nasce o quererem os homens alcançar o triunfo mais com a violência, que com a afabilidade: Luís António Muratori nas suas *Reflexões sobre o bom gosto* descobriu a origem desta má eleição; e diz que quem a persuade àqueles a quem muitas vezes a ciência faz mais arrogantes, e desprezadores, é [...]

A pouca piedade, a muita soberba, a presunção, a vanglória, a demasiada curiosidade, e imoderada sede da glória, da honra, e dos bens terrenos, o desejo de parecer único, o ardor de contender, o pruído de dizer mal, a ostentação, a incontidência, o desprezo, e outras semelhantes pestes, paixões, ou [fl. 280v] qualidades perigosas, que têm a sua fonte no próprio amor de cada um.

E se tudo isto é sumamente aborrecido em todos os homens, especialmente nos oradores, e escritores, e nos que têm algum fundamento para se imaginarem distintos pelos seus estudos, que fará em alguns tarecos, que não têm, em que se lhe atem dois reis de cominhos, e não obstante a sua miséria, não só caem na demência de se terem em conta

de sabichões, mas em se meterem a ser mais, do que oráculos, querendo dar respostas a quem nada lhe pergunta. Parece-me que por este modo se acaba de conhecer, que quem falar, ou escrever, tem conseguido a ametade do crédito, e do aplauso com a sua moderação: a desconfiança que tem de si, é que faz com que lhe dê toda a sua confiança o auditório: Não sei se aquele tremor, com que sempre se representava Cícero no princípio da Oração, era arte ou natureza: Talvez que dele o aprendesse o Embaixador, de quem disse Cornélio Tácito:

Claudius Cossus, unus ex legatis, notae facundiae, sed dicendi artem apta trepidatione occultans.

[fl. 281] Porém na devida escolha dos termos, e das palavras me falta advertir, como se devem formar os períodos.

Sei que Vossa Paternidade não desconhece, que o período é aquele discurso, em que se acaba o sentido da oração: e algum dia era tão extenso, que bem se podia dar uma batalha, em quanto ele durava no fôlego do orador; e algumas vezes se acabava primeiro o fôlego, do que se pusesse fim à cláusula.

Esta enrolada, e enfadonha verbosidade foi mui aceita aos sofistas de Atenas, presumindo que brilhava mais a eloquência, quanto mais suspensos estivessem os ouvidos do sentido, com que se fechavam os encadeados giros das palavras.

Trasímaco foi o primeiro, que observou o fastio do auditório neste cansado enrolamento, e reduziu o período a pequenas pausas, que ao depois ainda fez mais concisas Górgias Leontino, repartindo-o em outros mais pequenos intervalos, a que chamou membros, e dividiu estes em breves partículas, a que deu o nome de artigos: por este modo se veio a fazer na oração uma harmonia tão agradável, que [fl. 281v] bem que aos Poetas lhe parecia prosa, os oradores a julgavam por uma nova espécie de Poesia.

Contudo esta reforma dos períodos chegou muito tarde a Roma; pois só na velhice de Cícero é que foi conhecida, e por esta causa têm ainda o sabor da Grécia a maior parte das suas orações, sejam as de maior esforço, como as catilinárias, e as Verrinas; e as da sua última idade; quais são as Filipinas, é que se revestiram daquela nova consonância: e por isso diz o Conde Tesouro, “que ele ferira a Verres de soslaio, e a M. António com a ponta”. Esta melodia intrínseca da eloquência está quase ignorada no nosso Reino; pois raros são os escritos em que se percebe o número Retórico, não sei se por preguiça dos assuntos, do auditório, e da pessoa que fala, ou escreve: os Magistrados, e os Generais devem usar de uma eloquência, que pareça ainda mais grave, que a dos Oradores: Diante do Rei deve esta [fl. 282] gravidade temperar-se com a submissão: o Rei falando, ou escrevendo, há de imitar o estilo dos oráculos: a poucas palavras, mas veementes, profundas, e decisivas se reduz toda a elegância dos Principais; ao que se chama “brevidade Imperatória”: de que é um admirável modelo tudo o que se acha nas respostas, que dava Trajano às Cartas de Plínio. Os tebanos falavam todos como Reis: ainda as mulheres daquela República se prezavam deste majestoso estilo, como se viu no que disse aquela matrona ao filho, quando lhe deu o escudo, e o mandou para a guerra: *Aut cum hoc, aut in hoc*. O novo Jacinto Freire, escrevendo a seu sobrinho, que se tinha feito soldado, também recopilou todas as regras da milícia nestas breves razões: “Nem sofraís, nem deis que sofrer”.

O auditório se é discreto bem pode o orador largar todas as velas da eloquência: se é indouto (o que muitas vezes sucede no nosso Portugal) não é discricção o dizer-lhe coisa, que se não perceba: a sublimidade do pensamento posto que seja manjar muito delicado, pode se guisar por tal modo que lhe achem gosto, assim os serventes como os convidados.

Aqui não [fl. 282v] consiste o primor da mesa em ser de cobertas: entre os Romanos, que, apuraram bem (ou mal) a delicadeza, e a profissão dos banquetes; e mais que todos Lúculo, eram tantos os convites, sem esta circunstância moderna:

Da mesma sorte se há de diversificar a eloquência nos assuntos: porque pede diferente estilo o diverso carácter da oração: como por exemplo nos louvores, e nas acusações; e é exemplo de Cícero:

Oratio poscitur austera si accuses, fusa si laudes.

Até aqui tenho falado da eloquência, que pertence a escritores, e oradores, agora é necessário distinguir da escrita a vocal; porque nesta se dão umas novas propriedades, de que também é necessário fazer menção. As propriedades da eloquência vocal são a memória, a voz, e o gesto. A memória é obra da natureza, o gesto da arte: sem memória não se pode orar; porque é necessário decorar o que se escreve para se haver de dizer.

A enfermidade da memória, é insanável: não há remédio algum, que lhe aproveite: o que se tem dito [fl. 283] do anacardo, é uma patranha: as receitas que se inventaram no método da memória artificial, é uma quimera; e bem se lhe pode dar este nome pelas extravagantes figuras, com que se ordena.

A melhor medicina para facilitar a memória, é cultivá-la com a leitura, e com a repetição das espécies, que nela se consegue.

Pela manhã, é o melhor tempo deste exercício: isto não é geral em todos: eu tenho experimentado comigo, que tudo o que decoro de noite, é fácil repeti-lo quando acordo.

Uns têm facilidade em decorarem o que estudam, porém facilmente o perdem: a outros lhe custa a decoração; mas uma vez recebida, sempre a conservam.

A primeira memória se chama apreensiva; a segunda, retentiva: esta é melhor, que a outra para todos os que estudam, especialmente para os oradores.

A voz deve ser clara, encorporada (sic), e canora; e não será necessário que seja como a de Stentor, de quem disse Homero (a verdade em seu lugar) que tinha tanto corpo, como a de cinquenta homens. Ela também é [fl. 283v] obra da natureza; mas pode esperar-se que se emende com a arte; porque Demóstenes, não só a tinha sumida, mas tartamuda, e pela continuação com que gritava no campo, e nas margens dos rios, que faziam maior estrondo, forcejando para que sobrepujasse a voz o murmúrio das águas, veio a aclará-la, a expedi-la, e a fazê-la sonora.

Porém não basta que ela tenha todas estas prerrogativas, é necessário também que se saiba usar delas; pois ainda que se logrem as melhores elegâncias, todas ficarão insípidas, se o orador não souber dizê-las; e por isso nos adverte Cícero:

Neque tam refert qualia sint, quae dicas, quam quomodo dicatur.

Devem pronunciar-se muito distintas as sílabas; mas nem com pressa, nem com vagas: no vagar mostramos a afetação de nos escutarmos, o que inculca uma jactância no orador, muito aborrecida dos ouvintes: na pressa caímos no defeito, de que era acusado Hatério; de cuja precipitada volubilidade dizia Octaviano, com uma metáfora bem graciosa, que ele suflaminava (sic): e este é aquele orador, de quem se refere, que tinha um [fl. 284] escravo prevenido para lhe puxar pela capa, quando se lançava neste precipício. É verdade que o vulgo gosta deste despenho verboso; e se admira muito quando o vê executado, como reparou São Jerónimo escrevendo a Nepociano; e julgando que este era um carácter dos pedantes:

Verba volvere, et celeritate dicendi apud impreritum vulgus admirationem sui facere, indoctorum hominum est.

Não há coisa mais fácil, que enganar a ínfima plebe com esta volubilidade da língua; porque admira tudo o que não entende, acrescenta o mesmo santo:

Nihil tam facile, quam vilem plebeculam et indoctam concionem linguae volubilitate decipere; quae quidquid non intelligit, plus miratur.

Também devemos usar da voz conforme os sujeitos, de que falamos: quando é preciso irar-nos, há de ser com voz aguda; flébil, quando nos compadecemos: alegre nas ações de gosto, sumida nas da tristeza. As partes em que se divide a oração têm da mesma sorte sua diversidade de expressão: no exórdio, há de ser a voz vergonhosa: na narração desafogada: forte na confirmação: viva na [fl. 284v] peroração; o maior defeito, que se pode considerar na voz, é o daquele tom insofável, a que os Gregos chamaram monotonia; que nunca se dobra, nem desce, nem sobe; e que não conhece a lástima, a alegria, a horribilidade, a tristeza em nenhuma das partes do discurso: é um canto de cigarra, que principia, e acaba com o mesmo ruído.

Em a voz não se revestindo das diversas cores, com que saem à língua as paixões do ânimo, bem se pode dizer que não tem diferença daquelas pinturas chamadas *monocromata*; que se pintavam nas cenas com uma só tinta.

O gesto é uma voz muda, mas pode ser tão elegante, que às vezes diremos mais com ele, que com as mesmas palavras. Daqui é que se originou a arte dos Pantomimos tão celebrada, e aplaudida no tempo de Augusto, e de que fizeram os Romanos as suas maiores delícias; competindo Pílades, e Batilo nas gesticulações, com a eloquência de Cícero. Fala a fronte, as sobrancelhas, os olhos, os braços, as mãos, e pode-se afirmar, que todos estes membros são um engenhoso alfabeto, com que se explicam todos os movimentos das nossas paixões. No que diz Quintiliano do gesto das mãos se pode [fl. 285] quanto chegamos a dizer com estes silenciosos caracteres.

An nos his porcimur? pollicemur? vocamus? dimittimus? Minamur? gaudium, tristitiam, dubitationem, confessionem, poenitentiam, modum, copiam, numerum tempus ostendimus.

Eis aqui a regra do mesmo orador para civilizarmos o gesto:

Gestus ad vocem, vultus ad gestum, accommodetur: recta sint brachia; ne manus rustica, ne status indecorus, ne caput, oculique ab alia corporis inclinatione dissideant.

Muito mais tinha que dizer sobre a pronúncia; porém já vou com muita pressa: quem quiser vê-la com toda a extensão pode ler o cap. 3. do livro 11 do referido Quintiliano.

Contudo ainda não distingui da eloquência profana a eloquência sagrada: para passar a ela, devo omitir a que se pode chamar judicial, que era antigamente a que fazia a defesa, ou a acusação dos réus: assim em Grécia, como em Roma só tinha esta eloquência o exercício no Senado, e nos Rostros. No nosso Portugal não [fl. 285v] há o estilo de se pleitearem as causas com a vez: o ofício daqueles oradores, ainda que se passou para os nossos Advogados, estes defendem, ou acusam as partes por escrito: porém já que eles lhes herdaram o ofício, lhes deviam herdar também o estudo da Retórica; mas em lugar desta arte, se usa de uma concordata de textos, e de Autores, ou bem, ou mal aplicada; que os obriga a falar por boca alheia, que quase sempre não diz o que eles querem que diga; e nisto consiste toda a elegância dos arrazoados.

Em Inglaterra ainda há uma representação dos oradores antigos nas disputas do Parlamento: em França na Casa da Chancelaria; porém como tudo isto é fora do meu intento, resta-me só dizer alguma coisa sobre a nossa concionação (sic).

O assunto é tão alto, e tanto mais sublime, quanto vai do Céu à terra; e por esta causa parecia que as orações evangélicas deviam também subir ao mais eminente ponto da eloquência: eu quisera tratar esta matéria com toda a extensão; porém chego muito tarde a ela; e já me não é possível o amplificá-la com todas as explicações que ela merece.

[fl. 286] Os oradores profanos necessitavam muitas vezes de encobrirem na majestade das vozes a indignidade, ou a pequenez dos assuntos: os sagrados com nenhum género de eloquência podem encher a grandeza dos seus argumentos: que vozes serão necessárias para figurar a sublimidade da nossa Religião, e o assombro, e prodígio dos Mistérios? Aqueles procuravam nos discursos humanos toda a valentia da persuasão: estes fundam no movimento superior, e em uma autoridade incontestável toda a grandeza das suas reflexões. Aqui parece que não era necessário persuadir: bastava crer: a nossa fé, e a nossa submissão devia ainda mais, que a força da palavra. Para que os Idólatras persuadissem era necessário que as vozes fizessem eco no coração dos ouvintes; e os nossos corações é que deviam fazer o eco nas vozes do pregador.

Podendo esperar-se um tão grande fruto desta reflexiva harmonia, é bem digno de lágrimas o que comumente se consegue em todas as missões, que se levam aos auditórios: eu não acho outra razão para se malograr aquela bem fundada esperança, que a de não satisfazerem a maior parte dos pregadores ao seu [fl. 286v] verdadeiro ministério, o ofício do pregador é semear a palavra de Deus; e quantos são os que desempenham este sagrado ofício? Em lugar de semearem esta divina palavra, semeiam flores; e alguns não semeiam as que se cultivam nos jardins, mas as que se colhem nos tojos, e nas giestas. Querem colher aplausos vãos, e louvores inúteis, e quase sempre colhem desprezo, e confusão; e oxalá que colherão arrependimentos.

Expextavit, ut facere uvas, et fecit labruscas

Bem sei que muitas vezes se malogra a sementeira do trigo, porque um cai nos penedos, outro se afoga nas urtigas, outro o comem as aves. Sei também que ainda que o trigo se semeia em boa terra, vem ao depois o inimigo comum a superseminar (sic) a zizânia; mas nada disto desculpa, que se não escolha, e se semeie bem o trigo, e caia ele onde cair; porque se não frutificar, não proceda a causa do semeador, mas da parte onde cai.

Muitas vezes se ouvem no povoado, como se fossem no deserto; porém ainda que se clame em deserto no meio das povoações, seja sempre com aquela [fl. 287] tremenda voz do Batista, que só com estas duas palavras: *Agite penitentiam*, atroava todas as concavidades da Palestina.

Que importa que se clame, se este clamor é todo voz, e nada mais: *totus vox, praeterea nihil?* O clamor há de ser como o da trombeta, e não como o do rouxinol: não há de lisonjear os ouvidos, há de retumbar nos corações: há de ser como o que Deus mandou fazer a Isaías, para anunciar as maldades do povo:

Clama ne cesses: quasi tuba exalta vocem tuam, et annuntia populo meo scelera eorum.

Ou como o do trovão, que traz sempre o aviso, ou no relâmpago, ou no raio; que por isso se deu o nome de Boanerges a João, e a Diogo:

Imposcuit eis nomina Boanerges, quod est filii bonitrus

Os pregadores que se chamam *de século*, não pretendem contentar, senão aos seculares; e por esta razão é que receiam alterar com a tuba, ou intimidar com o trovão: Querem fazer do púlpito, cadeira para mostrarem a sua ciência; e da cadeira, trono, para ostentarem as suas maravilhas: isto também é o que queriam, e esperavam os Judeus, e os Gregos no tempo daquele grande pregador, que [fl. 287v] por antonomásia foi chamado o “pregador das gentes”.

Judaei signa petunt, et graeci sapientiam quaerunt.

Mas São Paulo que faria neste desordenado apetite da sinagoga e da Grécia? Em lugar de mostrar no púlpito milagres da eloquência; como os Judeus pediam: *Signa petunt*: em lugar de ostentar uma grande erudição, como os Gregos buscavam: *sapientiam quaerunt*; reduzia todos os seus sermões ao simplicíssimo, ainda que altíssimo assunto de um Deus crucificado.

Nos autem praedicamus christum crucifixum.

Não só por se apartarem deste verdadeiro, e sublime assunto para satisfazerem ao apetite dos curiosos, não fazem fruto os pregadores, mas também porque dizem uma coisa, e obram outra; e eu sempre ouvi dizer: *Si doces ex templo, doces exemplo*. O não dizerem as palavras com as obras, é o que repreendia o mesmo Apóstolo aos mestres da sinagoga.

*Qui ergo alium doces, te ipsum non doces:
Qui praedicas non furandum, furaris:
Qui dicis non moechandum, moecharis:
Qui abominaris idola, sacrilegium facis.*

[fl. 288] O esforço da palavra divina é tão grande, que só com ela se podiam arrancar os cedros de Líbano, destruí-los, desordená-los, torná-los outra vez a plantar, e a fazê-los reverdecer; e não só aos cedros mas aos Reinos, e aos Povos; como se vê do poder, que Deus concedeu a Jeremias, quando o elegeu para seu pregador.

Ecce constitui te super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas et dissipas, et aedifices, et plantes.

E é o que fizeram os Apóstolos, quando espalharam o evangelho em todas as quatro partes do Mundo: e porque não fazem outro tanto os pregadores? Já está respondido; e nunca será dignamente chorado.

Porém sendo os pregadores tantos, e tão poucos os bons; tantas as missões, e tão poucas as conversões que podemos pedir a Deus, senão que nos mande bons operários para a sua sementeira.

*Messis quidem multa, operarii verae pauci:
rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam.*

Ora eu já me contentara que se pregasse puramente a [fl. 288v] palavra divina, ainda que fosse por este, ou por aquele modo; e que se dissesse, e publicasse no verdadeiro

sentido da Santa Bíblia, posto que o pregador não pudesse resistir à tentação de enfeitá-la com os extravagantes adornos de uma eloquência afetada: e ainda que baste somente a sua formosura, permitirei que se enfeite, pois que os homens não gostam de uma gentileza desalinhada: não sejam galas impróprias da sua candidez, e honestidade, mas daquelas, com que algumas vezes se veste a página sagrada quando usa dos adornos Retóricos, de que darei aqui alguns exemplos. No cap. 19 de *Job* temos uma sustentação.

*Quis mihi tribuat, ut scribantur sermones mei?
Quis mihi det, ut exarentur in libro stylo ferro, et
plumbi lamina, vel celte sculpantur in silice?....
Scio quod Redemptor meus vivit, et in novissimo
die de terra surrecturus sum, etc.*

A Apóstrofe no *Psalms. 113.*

Quid est tibi mare quod fugisti; et tu Jurdanis, qui conversus es retrorsum?

A Ironia no cap. 3. do *Genes.*

Ecce Adam, quasi unus ex nobis factus est.

[fl. 289] A Alegoria no 4. livro dos *Reis* cap. 14

*Carduus Libani misit ad cedrum, quae est in Libano,
dicens: da filiam tuam filio meo, uxorem, etc.*

A Metonímia no cap 16 de *São Lucas*:

Habent Moysen, et prophetas

A Hipérbole no cap. 21 de *São João*

*Sunt autem, et alia multa, quae fecit
Jesus, quae si scribantur per singula,
nec ipsum arbitror mundum capere
posse eos, qui scribendi sunt libros.*

A Paronomásia no cap. 16 de *S. Mateus*

Tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.

A repetição no cap. 6. de *Isaiás*:

Duabus velabant pedes ejus, et duabus volabant.

A *similiter decidens* no *Psalmo 113.*

Os habent, et non loquentur; oculos habent, et non videbunt: aures habunt et non audient, etc.

Vista-se embora de semelhantes ornatos a oração evangélica; mas seja de sorte que a conheçamos mais pelo [fl. 289v] semblante, que pelo vestido. E não só pelo semblante, mas pelo seu próprio nome. Renunciem os pregadores o desejo de a quererem desfigurar em outros trajes, que a sua pureza não admite, que sendo este um delito, que não tem imunidade depois se executa na Igreja; ainda é muito maior o de forçarem a palavra de

Deus a que profira, o que está menos na Sagrada Escritura, que na fantasia de alguns pregadores.

Se a Escritura diz uma coisa, e o pregador quer que ela diga outra, a qual devemos crer? Eu sempre creio no que Deus disse, e digam os pregadores o que quiserem.

Não digo que se dirá contra o que diz o texto Divino; porém a sua explicação, é às vezes tão violenta, que se não o encontra, o desordena.

Um “parece”, é que costuma salvar todas estas desordens: e quantos Mártires, e Confessores, e Doutores têm sido maiores, que Jesus Cristo, com o privilégio deste “parece”? Aonde não cabe o “parece” entram as alegorias: eu venero todas as que tem aprovado a Igreja, como as que se fundam, e se deduzem do sentido natural da Escritura; de que nos servem de [fl. 290] exemplo, as duas mulheres de Jacob, que representam as duas alianças, uma da Sinagoga, outra a da Lei da Graça: o sacrifício de Isaac, que [é] uma figura do sacrifício da Cruz: a mulher do Apocalipse, que nos dá outra da Igreja: o maná; que o é do Sacramento da Eucaristia, etc.

Porém outras em que não concordam os Senhores Padres, e que ao depois ficaram ao arbítrio dos expositores modernos, aonde cada um disse o que lhe pareceu e ainda mais do que convinha, à imitação de Orígenes, que à força de alegorias, e subtilezas, negou a real existência do Paraíso terrestre; quando as vejo trazer aos pregadores para provarem as mais miúdas, e desviadas circunstâncias do assunto, confesso, que me não rio, é porque estou no templo:

E o pior é que quanto mais se requintam estes delírios, mais se presume que se requinta o engenho, e a agudeza do juízo. Porém se eles o entendem assim, eu nunca o entenderei enquanto tiver diante dos olhos a doutrina do Apóstolo, que me ensina, que o verdadeiro sermão se deve fundar.

Non in persuabilibus humanae sapientiae [fl. 290v] verbis, sed in ostensione spiritus et virtutis.

O carácter de um orador evangélico é não contentar-se dele o auditório, mas fazer com que o auditório fique descontente de si.

Enfim para acabar com esta carta, que é já bastante comprida, digo por último, que se eu fosse pregador usaria em primeiro lugar do sentido literal da Escritura, especialmente naqueles sermões, que propriamente atendem à conversão dos pecadores; porque este sentido é expressamente dado por Deus; e muita parte do que se subtiliza nos outros, é as mais das vezes, um invento dos homens. Seguiria também nos mais a comua opinião com que os explicaram os Padres, e faria muito por me desviar de certas explicações de alguns Autores modernos, que ainda que pias, são arbitrarias.

Não tivera outro exemplar em cima da banca, que o dar Homilias de São João Crisóstomo, e me esforçaria quanto eu pudesse para imitá-lo na eloquência, na doutrina, e no modo de usar da escritura: isto é o que eu fizera, e cada um fará o que lhe [fl. 291] parecer: bem poucos dias há que eu ouvi a um pregador, bem egrégio, desfolhar cravos, e rosas, e formar ramilhetes em uma das ações mais pias, e patéticas que se fazem na Igreja.

Também tenho acabado o meu sermão, no qual cairia como grande pecador, no mesmo deixo condenado; pois sendo esta carta uma instrução de como se há de usar da eloquência, terei faltado nesta mesma carta muitas vezes a ela: miséria quase inevitável na debilidade da nossa natureza: Mas Caio é o melhor mestre, que tem dado preceitos à história, e quando se fez historiador, ficou sendo réu da sua mesma acusação: o mesmo sucedeu a Petrónio nas regras, que deu à Epopeia, com o seu Poema da corrupção de

Roma: isto está sucedendo a cada passo: De Coge Sofar, que era um concelheiro do Rei de Cambaia, dizia Jacinto Freire que

“Votava com grande bizzarria no que havia de ser executado por outro”.

Contudo a execução das ordens de Vossa Paternidade só quero eu [fl. 291v] confiá-la da minha obediência. Deus guarde a Vossa Paternidade muitos anos Montemor-o-Velho a 10 de abril de 1756.

CORRESPONDÊNCIA
ENTRE FRANCISCO DE PINA E MELO
E
JOSÉ XAVIER DE VALADARES E SOUSA

1.

Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Estou persuadido que Vossa Mercê se não contenta com pouco, e facilmente me persuadirei também que as disputas, que nascem do seu espírito, se podem renunciar com a mais ligeira reflexão; porém eu dissera (e peço perdão do que digo) que fizesse Vossa Mercê todos os esforços para não entrar no que se havia de arrepender; porque ainda que nestes casos é melhor o arrependimento, que a sustentação, contudo é mais decente o estar acautelado, que arrependido: Falo pelo que respeita a outros, que quanto a mim não é necessário que Vossa Mercê force o seu génio, pois de uma, ou de outra sorte sempre conservarei o afeto, e veneração, que tenho a Vossa Mercê; e reputo por um descuido da parcialidade da mercê, que me faz, o igualar-me aos maiores engenhos do nosso Reino; e sei que se nos tratáramos de mais perto, mudaria de conceito; porém os objetos se transfiguram, quando se veem de longe.

Com toda a sinceridade entendo que Vossa Mercê é a pessoa mais hábil para fazer um bom juízo do merecimento de uma epopeia; e neste conceito me confirmou o desvario de alguns reparos, que os críticos do nosso Reino fizeram ao *Triunfo da Religião*: Vossa Mercê ainda que se não acomodou a alguma das minhas opiniões, sempre procedeu nas suas com bastante razão e fundamento; o que os outros não fizeram, como Vossa Mercê verá brevemente em uma resposta minha, que se está imprimindo em Coimbra, e em outra que irá brevemente para as licenças.

Eu remeterei a Vossa Mercê a *Conquista de Goa* em me chegando de uma parte mui superior para onde se me pediu com o mais encarecido empenho, sendo a pessoa tal, que eu não podia deixar de obedecer-lhe. O modo de fazer este juízo é com o ditame que Vossa Mercê dispõe; que consistirá em comunicar-me com toda a liberdade as dúvidas, que ela lhe causar, e eu dou a minha resposta: Nos que se conformarem com o que tenho lido sobre os preceitos da Epopeia, conhecerá então Vossa Mercê a minha docilidade: os que se apartarem do meu parecer verei se os posso conformar com o de Vossa Mercê, em termos que ambos fiquemos satisfeitos. Depois desta conferência se segue naturalmente o juízo analítico, que Vossa Mercê deve expor sobre o Poema, mostrando mais pela razão, do que ainda pela autoridade, que está fabricado conforme os preceitos de Aristóteles, que é o único Mestre que devemos seguir, exceto na introdução das máquinas gentílicas.

O Padre Le Bossu está reputado entre os Franceses pelo maior homem destes estudos; e com razão o deve Vossa Mercê ler sobre os preceitos épicos: contudo os críticos modernos não aprovam o seu sistema, ainda que reconhecem a sua grande erudição: Le Bossu assenta firmemente que deva consistir a essência da Épica em uma máxima moral; porém o Abade Le Batteux, não lhe consente esta opinião; porque diz que esta máxima [fl. 1v] é mais própria de uma fábula de Esopo, ou de Fedro, que de uma obra tão grande. O mesmo Le Batteux que é Autor, ainda que sem nome dos 4 livrinhos intitulados *Cours des belles Lettres*, que são muito modernos, deve ser lido sobre esta matéria; e será facilíssimo que Vossa Mercê os alcance: o Padre Rapin também lho julgo necessário, assim como M^r. Addison nas *Notas*, que fez ao Poema de Milton e o Beni nos comentários ao Tasso: porém tudo o que eles dizem achará Vossa Mercê resumido e preceituado na *Poética* de D. Inácio Luzán, homem bem instruído na Poesia, que se criou em França, e hoje é Provedor da casa da Moeda de Madrid. Esta *Poética* é a coisa melhor que temos nas nossas Espanhas; e cuido que será bem fácil achá-la em Lisboa.

O *Tratado da Opinião* do Marquês de S^t. Aubin, não serve para isto; pois trata pouco da epopeia: eu lhe não tenho achado coisa, que o pudesse meter em proibição no Índice Romano: e cuido que se equivocará a pessoa, que disse a Vossa Mercê que ele era proibido. Se Vossa Mercê o comprar, verá que quase toda a obra de Feijó saiu dos dez volumes deste Autor, que tem grande veneração entre os Franceses; e quanto a mim é justamente merecida.

Como Vossa Mercê tem feito novas emendas na sua égloga, e no seu romance heroico, deve mandar-me outra cópia destas duas Poesias no estado em que agora se acham; e por satisfazer ao empenho de Vossa Mercê forçarei o meu génio para dizer sobre elas o que me ditar a minha fraca inteligência.

O cabeleireiro bem pudera deixar de meter-se também a crítico, visto não ter chegado ainda a ser poeta: ele não tem outro instrumento de que se possa aproveitar senão da sanfonia: A trombeta ou a vara censória são insígnias que pertencem à valentia de outro pulso: E estou vendo que os sopros, que alguns pedantes dão a este pobre homem, o hão de deitar a perder, fazendo-o pendurar o saltério para tanger a Lira, não tendo algum jeito para ela: e suceder-lhe-á o mesmo que a Caetano Tosse um bom cantor Italiano, que deixou de cantar por tanger rabeca na qual ninguém o podia ouvir. No ourives de Santarém não falemos; porque nem para uma, nem para outra coisa teve nunca algum jeito. Eu sempre fico para servir a Vossa Mercê com a mais rendida vontade.

Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho ao 15 de agosto de 1757.

Amigo e mais obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Mello

2.

Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Vendo que não podia instar pela remessa da cópia, que mandei do Poema da *Conquista de Goa*, e que sem embargo de não haver já dilação nas licenças, pois as últimas do Desembargo do Paço se tinham concedido, me dilatavam a remessa do original, que agora recebi; me resolvi a mandar a Vossa Mercê na semana passada outra cópia do Poema, que aqui tinha, ainda que se pudesse chamar quase o primeiro borrão: O Correio de Coimbra, com quem tenho bastante correspondência, me mandou dizer que para ir seguro, como eu queria, deste maço, que não havia bolsa fechada para Alenquer; porém que ele o mandava seguro pela bolsa de Lisboa, donde se havia de remeter a essa terra; e quando Vossa Mercê receber esta já o suponho entregue da referida cópia.

Estimo que Vossa Mercê manchasse os livros, que me diz comprara: o Rapin é bom em tudo o que se mete, e trata a Poética com largueza: não se fie Vossa Mercê contudo no Bossu, porque segue um sistema, que está hoje muito combatido. A *Poesia perfeita* de Muratori é excelente: com tudo isto Vossa Mercê escusa o Beni: Eu aqui o tenho, e não leio muito por ele, porque se aparta quase sempre da opinião comua com mais subtileza, que fundamento: A tradução de Homero por Mad. Dacier também será escusada, não tendo Notas, porque será grande trabalho o andar averiguando as regras pelo Poema, e constando a *Ilíada* de mais de quinze mil versos. Ponha Vossa Mercê todo o cuidado no Luzán que é boníssimo, e fala sempre com grande conhecimento dos preceitos, e tudo com distinção e *ex professo*. Esta é a única Arte Poética que temos em Espanha. Ele não é eloquente, porque o seu estilo é frouxo e duro, porém é muito fundamental.

Remeto a Vossa Mercê uma das Respostas, que dei nos Reparos, que se fizeram ao *Triunfo da Religião*: Ainda fica outra, que é a maior, e a de mais consideração; porém tem-se dilatado em ir para as licenças, porque um criado meu, que costuma às vezes fazer estes traslados, quando eu estive ocupado, me adoeceu desde o 1.º de Agosto com umas sezões, de que ainda se não pôde ver livre.

Vossa Mercê diga nos seus Reparos quanto lhe vier à imaginação, sem receio de grande disputa; porque vai grande diferença de arguir um manuscrito, ou um livro impresso, porque este é irrevocável, e o outro ainda tem remédio: Eu já tenho muitos louvores deste Poema, em que me não fio; porque a maior parte dos leitores não leem com a devida reflexão, e são poucos também os que entendem destes estudos: eu agora vou buscar a emenda, e não o elogio; e sempre fico para servir a Vossa Mercê, que Deus guarde muitos anos Montemor-o-Velho a 3 de outubro de 1957.

Amigo e muito obrigado servidor e venerador de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Mello

P.S.: Não presuma que a Resposta aos Reparos foi dirigida a Vossa Mercê pelas letras iniciais de J. X. de V, porque foi dada a um Inquisidor de Coimbra meu amigo, que chamam José Xavier de Vasconcelos.

3.

Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Estimo que a cópia da *Conquista de Goa* chegasse a salvamento, ainda que se demorasse a sua entrega. Vossa Mercê se admira de que este Poema, tendo a extensão de dez cantos, se acabasse dentro de menos de três meses; o que me parece que não é coisa de grande assombro suposto o parecer é tão mal como Vossa Mercê me dá a entender nesta sua carta: o que seria digno de maior espanto é não só que Vossa Mercê interrompesse as ocupações da sua vindima com semelhante leitura; mas que lendo esta obra com tanta pressa fizesse logo o juízo, que me comunica, quando eu estava persuadido, que para julgar bem um escrito era necessário mais tempo, e consideração, do que ainda para compô-lo. Enfim eu fiquei sumamente desafogado com esta carta de Vossa Mercê daquela opressão, que me tinha metido em casa uma grande quantidade de Leitores, que viram esta Poesia; porque lhe deram mais elogios do que ela tem de versos; e como eu a reputava indigna destes louvores não sabia como havia de acomodar a minha vaidade ao conhecimento próprio, que tinha do Poema: chegou o parecer de Vossa Mercê no meio desta inquietação para sossegar este trabalhoso movimento do discurso, de que devo ficar a Vossa Mercê muito agradecido; e também muito alegre de achar quem soubesse avaliar a dignidade de um escrito, o que desconhece a maior parte dos Leitores: Que farei muito por receber com ânimo quieto todas as acusações que Vossa Mercê lhe fizer, assim porque fio da bondade do seu Espírito, que não se moverá nelas com aquele transcendente impulso de todos os críticos, que sempre pretendem apurar o seu Engenho em Livro alheio, como porque tenho convidado a Vossa Mercê para esta ingénua, e amigável acusação, e não será justo que eu me escandalize do mesmo que procuro que Vossa Mercê execute; contanto que eu reconheça que Vossa Mercê não excede os termos, e a justiça de uma honesta repreensão. Também farei quanto estiver em mim para que o amor-próprio me não perturbe o deus do conhecimento. E espero que Vossa Mercê também vença quanto poder a ingénua tentação que desconcerta quase sempre o critério dos Aristarcos, desconhecendo a grande diferença, que vai do dizer ao obrar.

O Conselho de Horácio é bom; e eu me contento que Vossa Mercê se não aparte dele; para o que consentirei não só que Vossa Mercê repreenda os versos, e os lugares que achar sem arte: *Versus reprehendet inertes*; mas que acuse também os duros: *Culpabit duros*; e juntamente que risque os que não forem polidos: *incomptis allinet atrum transverso calamo signum*: [fl. 3v] e juntamente que separe e rejeite os supérfluos: *ambitiosa recidet ornamenta*; e os que forem escuros: *parum claris*: entrando na mesma rejeição as anfibologias: *arguet ambigue dictum*, fazendo-se por este modo um verdadeiro e judicioso crítico: *Fiet Aristarchos*. Estas são as qualidades, que pretende Horácio, que tenha um bom censor, querendo sobretudo que ele note na obra todas aquelas coisas, que necessitam de emenda e de mudança: *Mutanda notabit*. Em Vossa Mercê desempenhando estas Regras, que se prescrevem à Crítica, me deixará mui satisfeito e agradecido: apartando-se de imitar as aranhas, que tiram o veneno das mesmas flores, de que extraem o favo as abelhas; e lembrando-se de que diz também o mesmo Horácio:

.....*Ubi plura nitent in Carmine non ego paucis
offendar maculis, quas aut incurit fudit,
Aut humana parum cavit natura.....*

.....*bonus dormitat Homerus:*
Verum opera in longo fas est obrepere somnum.

Vossa Mercê diz que se vê precisado a dizer-me que este Poema se não acha em termos de receber a luz pública sem eu o rever, e emendar com madura consideração: Já Vossa Mercê reconhecerá que esta tenção estendida por um homem como Vossa Mercê, supõe que a obra claudica no mais essencial; e não será digno do juízo de Vossa Mercê, e do alento destas magníficas palavras, que a sua crítica vá tropeçar em coisas de pouca consideração; porque isto ainda será pior que sair com aquela disforme pintura, que Horácio nos representa no princípio da *Arte*, de que supõe que os seus amigos Pisões não podiam deixar de se rirem. Considere Vossa Mercê bem nas Reprendas, porque lhe posso dizer, que ainda que o Poema se fez com tanta precipitação, não deixei de atender com bastante cuidado a todas as regras da Epopeia; que me parece que tinha diante dos olhos; porém não será muito que eu seja cego, e Vossa Mercê Lince. Como esta obra espera só pela crítica de Vossa Mercê, espero merecer-lha que todos os correios me participe[m] a que for achando nela; sem esperar resposta dos primeiros Reparos; para assim se adiantar o que se pretende fazer.

Há dois correios, que mandei a Vossa Mercê [fl. 4] a Resposta, que dei às primeiras acusações, que se fizeram ao *Triunfo da Religião*, de que já o suponho entregue. A segunda Resposta se está trasladando para ir para as licenças; Eu fico sempre às ordens de Vossa Mercê, que Deus guarde muitos anos Montemor-o-Velho, dois de outubro de 1757

Amigo e muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

4.

Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Estimo que Vossa Mercê fosse entregue da Resposta impressa, que dei aos Reparos, que ociosamente se fizeram ao *Triunfo da Religião*, e que Vossa Mercê se agradasse deste papel, não lhe parecendo mal pelo fel, com que está sazonado, que às vezes é necessário este adubo para alguns hóspedes que se vêm meter aonde os não chamam, ainda que seja contra o meu gênio o dar amargo por amargo; porém se se faz bom agasalho a estes tunantes, ninguém os pode deitar fora da casa, e para deixarem a gente parece que se deve permitir que se lhe mande adubar a comida em tempos que eles não tornem a ela pelo vezo. Em saindo a outra Resposta da impressão, aonde a desejo meter, não me descuidarei de a mandar a Vossa Mercê.

Vejo os Reparos, que Vossa Mercê vai formando contra a *Conquista de Goa*; e quisera que não me deixasse em silêncio nenhum, que lhe ocorra, pois este é o modo de saírem os escritos com alguma perfeição. Não deixe Vossa Mercê de mos comunicar, com a certeza de que eu não me enfade com eles, ainda aqueles que merecem o arrependimento de Vossa Mercê como por exemplo o dos Períscios, porque como tudo isto fica amigavelmente entre nós, não se pode seguir daqui alguma desgostosa consequência; pois não me pode vir ao pensamento que Vossa Mercê queira reparar mais com espírito de contradizer do que para expor o seu conceito e inteligência, ainda que os critérios padecem suas diversidades, pois uns aprovam, e louvam o que outros acusam, e condenam.

Pelo que respeita ao 1.º Reparo da *Proposição*, eu sou o 1.º que reconhecerei que ela está muito genérica, e que podia ser mais circunstanciada, assim como as de Homero, Virgílio e Tasso; porém eu a fiz assim, porque em tudo aquilo, que posso imitar e seguir do nosso Camões não vou buscar, por honra da Pátria, outros Poetas. Manuel de Faria nos famosos comentários, que fez às *Lusíadas* pretende que o nosso Poeta não propusesse a ação nas primeiras duas oitavas mas que esteja na terceira a *Proposição*; e assim é que se deve conjecturar por salvar esta épica do defeito de cantar não um, mas muitos Heróis; e insinua que as duas segunda oitavas das *Lusíadas* se devem reputar como os primeiros 4 versos da *Eneida*, que principiam *Ille ego qui quondam etc.*, e que só depois deles é que entra a *Proposição* com o verso *Arma virumque cano etc.* Seguindo-se pois a doutrina de um homem tão grande, como foi o Manuel Faria em estudos poéticos, posso dizer que tenho bem quem me defenda na generalidade da minha *Proposição*; pois a que está na terceira oitava das *Lusíadas* é muito mais vaga do que a minha como Vossa Mercê lá verá mais devagar: E quanto ao meu parecer não se pode acusar a *proposição* de genérica, se o título do Poema especificar o assunto, ou a ação como se vê no da *Conquista de Goa*; e com maior razão sendo o *título* da Épica uma das suas partes quantitativas, assim como a *Proposição*, a *Invocação*, e a *Narração*: Cuido que não é necessário dizer mais sobre esta matéria.

Decoro não significa propriamente na sua devida e natural aceção, “honra”, “conveniencia”, “ornato” etc. Como Vossa Mercê insinua; mas “o que é [fl. 5v] proporcionado com o estado de cada um, que não exceda as suas forças, e não seja inferior à sua qualidade”. Veja Vossa Mercê como o define Cícero Tomo 1 de *Officiis*: *Decorum id est, quod quaque persona dignum est, et cui libet rei consentaneus*: Depois desta

definição espero que Vossa Mercê consinta, em que esteja bem aproveitada esta palavra naquele lugar:

“Estímulo” é o mesmo que *incitamentum* entre os Latinos; e não tem outra mais genuína significação que a de incitar os homens a alguma coisa, ou esta seja virtuosa, ou heroica, ou poética, ou viciosa ou atrevida etc. Nesta sua significação, que é a mais própria, o tomou o mesmo Cícero quando disse: *Insidet quaedam in optimo quoque virtus, quae noctes, et dies animum gloriae stymulis concitat*. O adjetivo “Canoro” explica bastantemente que aquele incitamento é naquele lugar o da Poesia, ou Entusiasmo Poético. Também me parece que não é necessário dizer mais sobre estas duas dicções. Sobre a repetição de “estímulo”, que Vossa Mercê acha muito frequente, só digo que não é muito repetir eu uma palavra, quando Virgílio se lhe não deu, ou não fez escrúpulo de repetir na sua *Eneida* um verso inteiro.

“Pentágono” não há dúvida que é uma figura geométrica de cinco ângulos; e que o braço das Quinas Portuguesas consideradas na postura dos escudos não tem senão quatro: Porém quisera que Vossa Mercê advertisse que eu falo como Poeta, e não como Geómetra; e que a *Conquista de Goa* é Poesia, não Geometria: Basta que os escudos das Quinas sejam cinco, e que se chamem quinas as armas Portuguesas para que a licença poética considere nelas uma semelhança, ainda que não rigorosa, de “Pentágono”. Especialmente, com as várias espécies das figuras Sinédoque, e Hipálage, em que se tomam muitas coisas por outro modo que elas não são: Contudo falando com a minha costumada singeleza, e indiferença posso dizer a Vossa Mercê que também me não agrada a palavra *Pentágono*; não por deixar de falar com todo o rigor geométrico; mas por me parecer vocábulo afetado; e destes não gosto muito e fujo deles quanto posso; porém *Pentágono* naquele lugar não se pode negar que faz um bom verso; e às vezes por esta causa tomam os Poetas maiores licenças, e atrevimento daqueles, que parece que se lhes permitem.

Vossa Mercê se equivocou com a inteligência do lugar – *A voz que me destina – Retumbe, convertendo a pena em lança, – nos eternos espaços da lembrança*. Não quero dizer que a voz é que há de converter a pena em lança, mas sim que convertendo-a eu, retumbará a voz nos espaços eternos etc. esta é a inteligência com que fiz estes versos, o que era fácil de perceber notando que está entre vírgulas o – *convertendo a pena em lança* – como oração separada do mais; mas também confesso que este termo tem alguma coisa de anfibológico, e que pode respeitar a voz; e será fácil tirar esta anfibologia: dizendo: – *se eu converto a pena em lança* – [fl. 6] supondo com a opinião de alguns Autores que alguns dos Espíritos, que arrebatou do Céu a cauda do dragão infernal ficaram nos ares, a que se dá o nome de espíritos das tempestades, não tem implicância alguma que, ainda que seja de dia, se presume tenebrosa, e opaca a parte em que eles habitam: nem semelhantes espíritos poderiam sofrer as luzes, e a claridade da esfera. Primeiro que venha uma grande tempestade (que supomos movida por estes espíritos) todos veem com os seus olhos que se escurece o ar, e que se enrolam as nuvens com horríveis opacidades; e deve de considerar mui naturalmente que em qualquer parte aonde esses espíritos habitarem há de haver a mesma carranca, e os mesmos globos, ou vapores enrolados, e tristonhos na Esfera. E quando os não houvesse pedia a congruência que assim se imaginassem: e o Poeta pelos preceitos de Aristóteles *non dicit ea, quae facta sunt, sed qualia utique fieri debuerunt*. Vá Vossa Mercê com atenção no ofício de Poeta, e nos preceitos da Poesia para formar os reparos.

Nem tudo o que trazem os Poemas mais famosos incita à Comoção, nem tudo pode ser patético, nem tudo sublime, e algumas vezes se cai no bem ordinário, o que muitas vezes sucedeu a Homero, e Virgílio, e sucederá sempre a todos os que

empreenderem a grande arduidade de uma Epopeia: *Sunt bona sunt mala sunt mediocria etc. Aliter non fit, Avite, Liber...* Deixe Vossa Mercê dizer ao P. Le Bossu o que quiser, que é fácil o dizer, o ponto está em que se obre como se diz, e como se deseja: Deixe Vossa Mercê ir o voto de Argunto a Hunatilfa, ao cumprimento que fez ao Albuquerque que ainda que estejam frouxos, estão verosímeis, que é o que mais se atende nas épicas. Não sei se Vossa Mercê terá lido a embaixada, que deram os Citas a Alexandre, numa arenga, que proferiu o embaixador de Marrocos diante de Luís XIV; pois sendo uns, e outro bastante bárbaros, e talvez que se não possam considerar mais os Austrais, não diria melhor o embaixador de Nápoles no senado de Veneza. A cultura das Cortes políticas tem domínio em outras delicadezas, que não são as da inteligência; pois estas podem ser naturais a todos os homens: que mais incultos os pode Vossa Mercê fingir que aqueles Americanos, que acharam os Espanhoes à entrada do Império Mexicano? A um dos régulos da costa mandou dizer Cortés que escolhesse ou a paz ou a guerra: ele lhe mandou por resposta, que pois lhe dava a escolher que escolhia o melhor, que era a paz: que mais se podia esperar de um Catão?

Tão estranho pode parecer em Hunatilfa o nome de Imperador como em Montezuma; e por Imperador o nomeia sempre a este, não menos, que D. Antonio Solís na sua História Mexicana: se houvéssemos de dar a Hunatilfa o mesmo nome que na sua língua corresponde a Imperador; também nem ele nem Argunto, nem Quinela poderiam falar no Poema na língua Portuguesa. Sinto por amor de Vossa Mercê que chame a isto incongruências.

Ser indecente para o Poema o averiguar o Herói as raridades do Império de Hunatilfa, sendo tão digna esta nota de um espírito não só curioso mas grande, não sei que tenha reparo, ainda que não fosse com o intento de conquistar aquele Império, quanto mais se o tinha ou não pode ficar em dúvida. Talvez que não fosse menos heroico D. João de Castro, e mais teve a curiosidade de saber qual era a verdadeira causa [fl. 6v] de serem vermelhas as águas do Eritreu; sendo este o principal intento com que passou àquela costa. É inseparável do desejo humano o querer saber, e especialmente as coisas mais raras. Se Afonso de Albuquerque passasse ao Reino, e dissesse que tinha descoberto estas partes Austrais; e lhe perguntassem pelos costumes, qualidades, génios, riquezas etc. desta gente, não se acharia bastante envergonhado se fosse obrigado a dizer que não sabia? Vossa Mercê me há de permitir que aqui lhe diga que a pobre da *Conquista de Goa* está metida entre as mãos do crítico mais severo, que podia vir ao pensamento; porém posso assegurar-lhe que tudo hei de receber com muita atenção, e estimo muito que Vossa Mercê faça de mim um tal alto conceito, que me considere com ela; porém ao mesmo tempo quisera que Vossa Mercê empregasse com mais empenho a sua grande penetração nas partes principais e substanciais do Poema, como ação, unidade, episódios, costumes etc., porque os outros objetos são de muito menos importância; porém não desejo também que assim de uns como de outros fique algum no tinteiro, ou na modéstia de Vossa Mercê que não a perderá em me fazer este favor, e em me dar muitas ocasiões de servi-lo. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho a 24 de outubro de 1757.

Amigo e muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

No correio passado em que recebi os primeiros reparos que Vossa Mercê se dignou fazer à *Conquista de Goa* lhe dei a resposta que me recorreu: agora no seguinte recebo as segundas a que não poderei satisfazer com tanta individuação, porque custa menos a reparar, do que a responder; pois para o Reparo bastam às vezes duas palavras; e para uma nova resposta são necessárias quase sempre muitas Razões: e em algumas ocasiões não há tempo para tanto.

Em primeiro lugar reconheço que Vossa Mercê está muito preocupado com a singeleza (eu quisera chamar lhe sensaboria) Francesa; sem querer advertir que a nossa Poesia é totalmente diferente da que agrada àquela Nação; e que todas têm uma diferença e um gosto peculiar por onde se distinguem como Vossa Mercê terá visto por confissão de Voltaire, a qual eu traduzi no meu “Prolegómeno” a fl. xxii.

Pretende Vossa Mercê que seja imprópria a erudição grega, e Mitológica que propõe o Albuquerque a Hunatilfa: eu tinha bom fiador em Camões, que ainda que seja acusado por esta causa pelo doutor Voltaire, estou certo que ele desejaria muito que a sua *Henriade* fosse tão boa, e tão sublime como as *Lusíadas*. A mesma impropriedade que há em se lembrar Vasco da Gama de Homero e de Virgílio de Ulisses e de Eneias diante do Rei de Melinde há também de lhe falar na língua Portuguesa, e ser dele entendida; e por esta regra, não podia falar o Gama ao Rei bárbaro, nem nenhum épico teria licença de fazer alguma narração senão diante de pessoa da sua Nação ou que se mostrasse no Poema que estava instruído neste idioma: e se esta impropriedade se salva; pois não veio até’gora ao pensamento de algum crítico o acusá-la; qual será o motivo, por que a outra se condena? Cuido que Vossa Mercê nem outro qualquer me dará fundamento que convença para que uma se admita, e a outra se rejeite: o que aqui é mais digno de reparo é que Voltaire tropeçasse em Homero, Virgílio, Ulisses, e Eneias, e passasse sem embicar pelas “zonas”, “caneros”, “arcturos”, “Ruthenos”, “alvicos”, “Livonios”, “Helles”, “Neptunos”, “stygias”, “Japetos”, “Prognos”, “Medeas”. “sumanos”, “Nemesis”; e outros muitos vocábulos que eram tão desconhecidos [...] daquele Rei: Eu sempre tive por ridículo este reparo do Doutor Voltaire, assim como outros muitos que traz no seu *Ensaio da Épica*. A autoridade que Vossa Mercê traz de Aristóteles não se entende quanto a mim neste sentido, e só respeita ao carácter das personagens que se introduzem nas Dramas: A outra autoridade de Propércio, deve-se entender nos versos amorosos, e do seu assunto: veja Vossa Mercê a *História de México*, e verá se estes bárbaros entendiam também da arte do brasão, notando o escudo gentílico que Montezuma tinha na portada do seu palácio, que é quase bem semelhante ao de Hunatilfa.

A segunda acusação que Vossa Mercê faz da descrição geométrica, que o Albuquerque propõe ao Rei gigante tem a mesma Resposta; e na verdade não deixa de desconsolar-me; porque me parecia que este era dos melhores lugares que tinha o poema; e se isto não é assim tente Vossa Mercê a fazer uma descrição semelhante e verá como sai desta difícilíssima empresa, quando se deve fugir de toda a ostentação científica não é quando se fala nos termos de uma arte, em que são precisos para a sua explicação e dela se trata como neste lugar; e por esta causa não está bem entendido por Vossa Mercê Monsieur Addison na parte em que repreende o *Paraíso perdido*. Veja Vossa Mercê o que diz Luzán sobre esta matéria na página 72, 73, 74 [fl. 7v] e verá se tem lugar a sua acusação no caso presente. Pelo que toca à 3.^a acusação, digo brevemente que nem tudo podem ser sucessos peregrinos e extraordinários nas narrações dos Poemas: quantos darei

eu a Vossa Mercê bem triviais e comuns nas melhores Epopeias? Se tudo fosse além das forças da Natureza, se confundiria a devida consonância, que devem ter as narrações, deixando de alternar uns com outros acontecimentos, para terem mais gosto de admiráveis: se Vossa Mercê comesse sempre perdiz e manjar branco, brevemente se enfasiaria. O Herói não devia narrar de passagem como Vossa Mercê quer o descobrimento, e progressos da Índia, pois não satisfaria à pergunta de Hunatilfa, nem dava o devido fundamento à instituição do Império da Ásia, que é o assunto do Poema: assim o fez com menos necessidade o nosso Camões diante do Melindano, de quem eu fui seguindo nesta parte os vestígios; e Camões ainda fez mais, porque principiou *ab ovo* com esta narração seguindo pontualmente todos os progressos Lusitanos até à chegada do Gama a Melinde, pelos quais eu passei bastantemente depressa, e era também preciso chegar com eles até aportar o Albuquerque nas terras Austrais; e até o tempo do seu governo. O que foi feito com grande advertência, julga Vossa Mercê por um grande descuido: Esta é a variedade, não só do juízo, mas do critério dos homens.

Também neste lugar não está bem entendido o preceito de Aristóteles, de que a Epopeia deve ser uma imitação, não do que foi, mas do que devia ser. No que poeta finge, concedo, no que a história refere distingo, ornando o principal, e o substancial da história com varias ficções verisímeis concedo: deixando de dizer na verdade o que foi em algumas ocasiões, nego: o Poema está bastantemente ornado em muitos lugares dos que pertenciam à história, e não há lei que em todos se transfigurem: Está transfigurada a história de Rui Dias com os anões de Alfi, a repugnância de Gonçalo de Sequeira com o episódio da Ilha de Santa Helena etc. Os versos que Vossa Mercê supõe prosaicos, outros dirão que eles estão simples, naturais e nos termos próprios: nem tudo pode ser elevado, nem tudo singelo. Para Vossa Mercê me acusar deste defeito deve meter-me no número dos maiores Poetas: se Homero não descreveu a Frígia, descreveu outros lugares com bastante impertinência, de que eu pudera fazer a Vossa Mercê um catálogo, se não me resolvera a passar por estes reparos com bastante pressa; e por estas descrições lhe chamam falador a maior parte dos críticos: Posto assegurar a Vossa Mercê que as minhas não são tantas, nem tão extensas como as de Homero Vossa Mercê não necessita de se cansar na explicação do que fez, e obrou Homero, ou Virgílio, basta que me aponte para que eu o perceba; e aqui é que me parece que é escusado mostrar Vossa Mercê comigo a sua erudição. O Poema Épico não é sempre operativo, como Vossa Mercê imagina: também tem discursos, arengas, consistórios etc. E me admiro de que Vossa Mercê o desconheça tendo lido os melhores Poetas. Mais de seis mil sentenças que ao depois ficaram em adágio entre os gregos, se tiraram dos versos da Ilíada, e Odisseia; e é do que mais se deve fugir nos Poemas. Parece-lhe a Vossa Mercê verisímil que o Albuquerque tivesse na frota de 21 navios tantos vidros, como Vossa Mercê supõe que eu digo no presente que ele deu a Hunatilfa: As histórias das Índias de Castela nos dizem que as naus iam bem providas desta fazenda que se trocava por oiro com aqueles bárbaros; por cuja razão já isto não fica tão inverosimilhante como Vossa Mercê discorre. Do lugar que [fl. 8] Vossa Mercê acusa não se tira mui liquidamente que os gigantes foram todos carregados de vidro; e ainda que o fossem nunca acabariam de extinguir os provimentos de Veneza; Também se não concebe que eles iriam tão oprimidos com a carga como Vossa Mercê os finge; Vossa Mercê encareceu este negócio mais do que ele merecia; e não sei que conceito me sobe à cabeça que não concorda muito com a sinceridade que Vossa Mercê tem proposto etc. Eneias também fez sempre corte a Dido que consta desde o verso 651 do 1.º da *Eneida*; e será verisímil que no repente em que o Herói saiu de Troia, não trazendo sobre seus ombros senão a Anquises, cuidasse nas preciosidades, de que consta o presente, e se possa verificar: *Munera...iliacis erupta ruinis*, como diz o

mesmo Virgílio? Deste género de reparos bem reconhecerá Vossa Mercê a sua futilidade; e de uma mão de tanto pulso como a de Vossa Mercê se espera outro maior arrojo, e não aquele que movia os dardos de Príamo, que apenas roçavam na superfície do escudo. Eu me detive aqui insensivelmente mais do que eu pretendia, e era necessário. Não acha Vossa Mercê boa a comparação do estrondo dos martelos e das faíscas com o trovão e com o raio, isso sucedia muitas vezes a quase todos os símiles de Homero: “Les comparaisons y sont froides”, diz o Padre Rapin, “contraintes, quelquefois peu naturelles, jamais fort excellentes”. Eu presumo que a do raio, e do trovão será mais própria e menos grosseira, que a de comparar “Ajax dans la mêlée, accablé, sous une grêle de coups à une âne passant dans un blê, et que des enfants veulent chassier à coups de perches et de batons”. Acha Vossa Mercê também impróprio o supor no Reino de Hunatilfa os mesmos edifícios que se acham na Europa; mas para isto devia Vossa Mercê mostrar-nos alguma diferença entre os bárbaros da América Espanhola, e os das terras Austrais; pois tanto uns como outros deviam saber bem pouco do que havia naquela 2.^a parte do Mundo. Os do Ocidente não foram em outro tempo tão bárbaros como são os do Oriente? Os da Noite, como os do Meio-dia? Passe Vossa Mercê agora a ver a descrição que faz Solís dos Palácios de Montezuma, e dos Pagodes, e edifícios de México; e Garcilaso de la Vega da Corte de Cusco. A modernice da arte do brasão de que dá nota o Padre Menistrier não tem nada com as divisas dos escudos, que são tão antigas como a guerra no Mundo, e as distinções da plebe, e da nobreza: o reduzir-se este uso a arte não prova que antes desta arte não houvesse aquele uso: Porventura eu descrevo o escudo gentílico de Hunatilfa debaixo daquelas regras que se tem dado à armaria? Não lhe parece a Vossa Mercê este reparo totalmente alheio da sua penetração? O defeito que Vossa Mercê encontra na oração de Timoja de estar pouco adornada de pensamentos magnânimos, ainda é outro reparo muito mais estranho; e que não se podia esperar na verdade de Vossa Mercê: que magnimidade [sic] queria Vossa Mercê descobrir em um homem que toda a sua vida teve o ofício de Pirata? A oração de Timoja deve ser a mesma que a que se espera de Asterde? Repare Vossa Mercê na que faz o Herói aos Capitães quando pressente o acometimento de Goa, e veja a diferença, e se acha nela esta magnimidade [sic] que tão impropriamente procurava em Timoja. Depois deste Reparo obriga Vossa Mercê aos outros, a que duvidem; se está bem instruído no carácter dos *Costumes*, e como estes se devem tratar no Poema, o aconselhar-se o Herói com os capitães não fica que esta ação não seja toda sua; porque este conselho era ardil, e política militar, para que a armada aprovando a empresa, fosse com mais gosto a ela; pois nas ações militares nunca convém que os capitães não aprovelem os projetos pela grande violência com que os executam, se não se conformam com o seu parecer: Enfim eu tenho lido quase de um fôlego [os] [fl. 8v] Reparos de Vossa Mercê, porque me tem parecido que não necessitam até'qui de grande satisfação, e defesa: Muito maiores se têm feito a Homero, e Virgílio, e mais sempre Virgílio é Virgílio, e Homero é Homero. Eu desejava que a *Conquista de Goa* não fosse minha nesta ocasião para poder dizer [...] *Aristarcho maior Homerus erat*; e esta é quase sempre a sorte dos Críticos, e dos Autores. Parecia-me que Vossa Mercê empregasse de sua alta penetração em coisas mais substanciais; e que não se cansasse tanto nas de tão pouca importância; pois com estas pode Vossa Mercê estar certo que nunca se verificará a magnífica proposição que Vossa Mercê fez quando recebeu o Poema, de que ele não estava capaz de se poder imprimir: Meta-me Vossa Mercê nas mãos o livro mais seletto que possa considerar-se, e dê-me juntamente o seu génio melancólico, rixoso, e mau de contentar, quando pelos resplandores com os olhos fechados, sem lhe fazerem na alma alguma comoção, e abrindo-os somente para ver os anéis no disco do Sol, que eu prometo a Vossa Mercê de encher todas as margens do livro de semelhantes reparos: Passe Vossa

Mercê à fábula, ao Herói, à unidade e a outras partes principais do Poema que é aonde consiste a chave do jogo e por onde se fizeram famosos os primeiramente épicos, sem que os precipitasse da altura em que se constituíram estes fracos impulsos que têm feito os Críticos para lhe eclipsarem a glória que tão justamente alcançaram de outros génios que como as Águias se remontam às presas sublimes, sem fazerem caso das moscas.

Não julgue Vossa Mercê finalmente que me desconsola com a nota de que já foi criticado o Poema por um Crítico da Corte: sem Vossa Mercê me dizer o nome, posso dizer que ele será um daqueles que se mascaram por se envergonharem de aparecerem com a cara descoberta: Estas irrupções dos Críticos a um impulso que me não faz perder o sono quisera neles mexer da parte de dentro a ver o que faz isso: Ainda que a *Conquista de Goa* fosse melhor que a *Ilíada*, a *Odisseia*, e a *Eneida*, sempre se havia de verificar o que dizia Plínio: *Impossibile est et bonum esse, et placere pluribus: si quidem haec est seu fatalis rerum optimarum*. Posso segurar (sic) a Vossa Mercê que por mais críticos que tenha este Poema no nosso Reino já não podem exceder os que lhe têm dado os maiores Louvores: os Críticos dirão que são só os sabichões; e que os outros são uns tolos. Estes podem responder com Sá de Miranda: se eles nos chamam tolos, nós a eles porque não? Eu ainda me não tenho persuadido a que necessitam de emenda os lugares em que Vossa Mercê tem até'gora reparado: Vossa Mercê julga que eles, devem ser corregidos; outros julgarão que com esta correção deitarei a perder o Poema. Melhor será deixar-mo-lo ficar até'qui como sua Mãe o pariu: Mais se daqui em diante Vossa Mercê propõe alguma coisa que seja digna desta mudança; e ainda que o Poema saia à luz sem a alta aprovação de Vossa Mercê, sempre há de ter alguma capa, posto que seja velha em que se embrulhe: eu falo a Vossa Mercê com a mesma sinceridade com que Vossa Mercê me escreve, e não excedo, antes diminuo os termos com que Vossa Mercê me fala; e fico sempre para servir a Vossa Mercê que Deus guarde muitos anos Montemor-o-Velho ao 3.º de outubro de 1757.

Muito amigo e servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

Perdoe Vossa Mercê os borrões e má letra da carta, que bem mostram a pressa com que foi feita.

[fl. 9] Senhor Francisco de Pina e de Melo,

Acabarei nesta carta de propor a Vossa Mercê as minhas reflexões sobre o seu Poema conhecendo já por esta a 4.^a carta de Vossa Mercê que o seu juízo e a sua magnanimidade serenando os primeiros movimentos com que o amor-próprio o impelia a recebê-las com desagrado conseguirão enfim que as aceite senão com conformidade ao menos sem indignação (seguindo os exemplos dos maiores homens da antiguidade que até não tiveram pejo de emendarem e confessarem os seus erros ainda depois de os terem dado a público nos seus livros o que Cornélio Celso Lib. 8. capit. 4.^o louva em Hipócrates nestes judiciosos termos: *nam Levia ingenia quia nihil habent, nihil sibi detrahunt. Magno ingenio, multaque nihilo minus habituro, convenit etiam veri erroris simplex confessio.* E Quintiliano o aconselha com a imitação de Cícero Lib. 3. cap. 6: *et Marcus Tullius non dubitavit alios suos jam editos libros aliis postea scriptis ipse damnare*) já que Vossa Mercê tomando o conselho de Horácio, de Quintiliano, de Longino, e de outros muitos graves autores cometeu a um amigo o exame da sua obra acomode aos avisos deste a sua paciência atendendo a que esta consulta é o único meio do acerto, e que é necessária contra a opinião de Vossa Mercê muito menos capacidade para conhecer os erros das obras alheias do que para compô-las. Suponha Vossa Mercê que o judicioso M. Despréaux lhe fala a respeito de mim e do caso presente nestas palavras *Reflex. critic. sur Long. refl. 2.^a*: “Nous avons beau être éclairés par nous-mêmes. Les yeux d’autrui voyent toujours plus loin que nous dans nos défauts, et un esprit médiocre fera quelquefois appercevoir le plus habile homme d’une méprise, qu’il ne voyait pas”. E entrando na censura.

A ação do seu Poema não há duvida que tem todas as circunstâncias que os críticos requerem para conseguirem a dignidade de Épica. Seria melhor se fosse mais antiga porque enfim os sucessos têm na perspectiva do entendimento diferente ou contrária apreensão que os objetos materiais na das obras. Estes quanto mais distantes tanto mais parecem pequenos e aqueles tanto maiores quanto mais remotos. As ações dos antigos heróis sempre nos [fl. 9v] parecem mais admiráveis, mais dignas de respeito e veneração pelo mesmo que ficam mais longe do nosso conhecimento: *Vetera majestas quae dam, et, ut sic dixerim, religio commendat*, diz Quintil. Lib. 2. cap. 4 *Maior a longinquo reverentia*, afirma Tácito *Annal. Lib. 2.* porém a Vossa Mercê não lhe faltam exemplos que seguir na eleição de assuntos modernos e este não o é tanto que não passa já de 24 anos. O que duvido pois é se Vossa Mercê neste Poema conserva a unidade da ação retirando-se Afonso de Albuquerque de Goa depois da sua 1.^a expugnação para Cananor e depois para Cochim deixando só alguns navios não para continuarem nesta mas só no assédio da barra, ação de pouca consequência para a empresa e que não se pode dizer que é parte da *Conquista*, mas só um impedimento do comércio ou quando muito de algum socorro marítimo e assim parece que ainda que o Herói a deixou com ânimo de a tornar a empreender contudo que a dita unidade se conserva só na intenção e não na execução.

Principalmente quando Vossa Mercê interrompe a Ação com o Episódio ainda que breve do socorro de Cochim e sustentação de seu Príncipe no trono que é totalmente inconexo com a mesma Ação. Os episódios segundo a doutrina de Dacier *remarques sur le cap. 8. de la Poet. de Arist. n. 8* e dos mais críticos deduzida de Aristóteles são umas partes ainda que incompletas da Ação e as partes da Ação segundo o mesmo Aristóteles *Poet. cap. 8. n. 4* a quem segue e explica Luzán *Poet. Lib. 3. cap. 5.^o* devem ser tão essenciais, tão coerentes e enlaçadas com a mesma Ação e entre si umas com outras que

se se tira uma tudo fique mudado ou destruído porque tudo o que pode ser posto ou não posto sem uma mudança sensível não pode ser parte da mesma ação; quem não vê que esta entrada do Herói em Cananor e esta entrada em Cochim e combate em que venceu o Príncipe agressor de aquele Reino se não ligam com a mesma Ação, nem com alguma das suas partes, nem conspiram ao mesmo fim da conquista de Goa, e por isso é que um episódio no sentido em que eles na sua origem tiveram este nome, isto é uma digressão fora do assunto, e assim faz a fábula episódica ajuntando-lhe outra ação diferente no que corrompe [...]

[fl.10] Senhor José Xavier Valadares e Sousa,

Dê-me Vossa Mercê licença para que lhe diga que não tem temperamento para conservar amigos; pois usando de bastante liberdade nas suas críticas, e sem aquela doçura com que se tempera a acrimónia das repreensões, é ao mesmo tempo sumamente sensível a qualquer palavra que pode tão facilmente escapar ao que se defende, em que é mais desculpa ver o sair o braço para fora da raia, do que o golpe a quem acomete. Se Vossa Mercê lhe tem parecido bem a liberdade de proferir que o Poema não é digno da imprensa, de que estes, e aqueles lugares estão cheios de incoerências, de que o meu estilo, e os meus pensamentos não são épicos, porém muito comuns, e em muitos passos impertinentes, e supérfluos que os meus versos são humildes e prosaicos etc.; como lhe parece mal que eu acuda com mais, ou menos força a uns talhos tão impetuosos e a uns golpes tão sensíveis? Eu estou mil vezes arrependido de entregar esta triste obra à censura de Vossa Mercê; porque estou também na certeza de que ainda que fora composta por um Anjo nunca se poderia livrar de uma vara tão fulminante como a de Vossa Mercê; e se hei de experimentar que o Poema há de ser o motivo de que Vossa Mercê se desgoste comigo, não falemos mais em Poema; porque esta Poesia importa pouco, e a amizade de Vossa Mercê vale muito para mim. Nem a *Ilíada* nem a *Odisseia* nem a *Eneida* ficarão valendo coisa alguma depois que Vossa Mercê entrar a criticá-las; pois me atrevo a mostrar a Vossa Mercê que acharei nelas reparos muito mais garrafais que aqueles de que Vossa Mercê me acusa. Para isso não é necessário ver mais que a Monsieur Perrault, com quem eu nunca imaginei que Vossa Mercê se quisesse parecer; por não cair no desprezo com que o tratam todos os homens doutos e sesudos, e que atendem mais aos acertos que aos descuidos das obras.

Eu não disse a Vossa Mercê que todos os que tinham dado louvores ao Poema lhe não tinham achado defeitos: Alguns reconheci e emendei, a outros respondi, e se acomodaram com a minha resposta, confessando que eu tinha razão: Porém falei a Vossa Mercê naqueles louvores, para lembrar a Vossa Mercê que por pior que fosse o Poema alguma coisa teria que louvar; porque não há livro tão mau que não deixe de ter alguma coisa boa: “Que no hai loco, de quien algo no pueda aprender el cuerdo”: Já disse a Vossa Mercê que o nosso Faria distinguia os bons dos maus livros em que estes tinham mais erros que acertos; aqueles mais acertos que erros; “porque satisfazer a todos (acrescenta ele) será prodigio; y acertar en todo es imposible; y quien se dexa creer que en todo acierta, en todo yerra”.

E eu digo que se todos os reparos de Vossa Mercê fossem dignos de atenção, que seria também impossível o satisfazer-lhes, e que Vossa Mercê me metia em casa um impossível quando me queria dar uma doutrina: Porém ingenuamente digo a Vossa Mercê que não tem feito até'gora reparo, que me pareça que necessita de emenda; e que se eu quisesse seguir o seu capricho de Vossa Mercê nesta matéria, me parece, sem alguma dúvida que deitaria a perder o Poema; [fl. 10v] Veja Vossa Mercê quão diversos são os juízos dos homens! Eu bem sei que, como Vossa Mercê conjectura que me pode enganar o amor-próprio; mas também Vossa Mercê pode ser enganado da inclinação do seu génio, e de querer mostrar o seu engenho em trabalhos alheios: fatal propensão de todos os críticos; e dos críticos impacientes e melancólicos. Este temperamento atrabiliário não pode Vossa Mercê negar na censura do Poema; pois os críticos que o têm visto têm achado que louvar e que repreender; e Vossa Mercê ainda não achou senão um lugar em que dispensou um reflexo da sua benevolência, por não dizer da sua aprovação ainda que

bastantemente escurecido com novos defeitos que nele descobriu; pois por certo que eu podia mostrar a Vossa Mercê sem algum amor-próprio que tem alguns retalhos a *Conquista de Goa* que não ficam devendo nada ao maior impulso poético, e à mais venerável antiguidade

*Hai casos en que es preciso
estragar la bizarria,
por redemir la deshonra.*

Vamos porém aos reparos desta carta; ainda que seja com a pressa que merece a sua acusação. A advertência de passar a armada a Anchediva para o preparo de Goa tem seu mistério; e se a não houvesse, seguir-se-ia uma grande incongruência: já vejo que Vossa Mercê não percebe a incongruência que se seguia; e como a não alcança, escuso de dizer-lha. Que haja circunstâncias que se devam supor, não o nego, e em muitos lugares do Poema me aproveito deste ditame; e assim o fez muitas vezes Virgílio, sem ser necessário que o diga Muratori. Parece-lhe a Vossa Mercê dilatada a relação de Quinela: a outros tem parecido breve sinal de que se agradavam dela: Vossa Mercê está com os mesmos ouvidos de Augusto, que já não podia suportar as arengas muito compostas e harmoniosas como as fez Cícero na sua 1.^a idade. Outros não puderam ao depois tolerar as orações precipitadas de Tácito: Quem pode satisfazer o gosto dos homens: ... *Brevis esse laboro ... obscuro fio*. E eu pus todo o meu empenho em ser claro neste poema: Não presuma Vossa Mercê que se eu quisesse seguir a Poesia Espanhola, de que Vossa Mercê parece que não se agrada, deixaria de parecer não só lacónico, mas pomposo, e cheio de vozes e de figuras o meu Poema: porém já lá vai o tempo do *projicite ampullas et sesquipedalia verba*: cuidei mais em abater o estilo do que em levantá-lo. Se errei foi muito de propósito. Se a relação de Niso e de Euríalo não chega a doze versos pela aritmética de Vossa Mercê, pelo meu algarismo contém 273: É necessário estar sumamente preocupado para duvidar que esta relação não principia no verso 176 do Livro nono, e não acaba no verso 449 do mesmo livro; e não só é necessária uma grande preocupação mas uma desusada alucinação para desconhecer a singeleza repentina [...] com que está feita a de Quinela, e as miúdas circunstâncias com que Virgílio ornou a sua. À vista de semelhantes reparos e de Vossa Mercê trazer exemplos *contraproducentem*, que quer que eu diga, ou que conceito faça da sua crítica. Pode deixar a gente de se afligir com semelhantes censuras?

Se é defeito em uma ação verdadeira o meter os sucessos históricos em algumas ocasiões, e segui-los; confesso a Vossa Mercê que ainda não achei em crítico algum dos que se voltaram contra Homero e Virgílio; e aqui é que Vossa Mercê tem posto todas as forças da sua crítica, bem mal-empregada em semelhante assunto, de que não podem deixar de se rirem os homens sesudos, e que sabem alguma coisa da Poética. Críticos sei eu que pretendem mostrar que a maior parte dos sucessos das primeiras três épicas foram verdadeiros, e Monsieur Addison, que Vossa Mercê lá tem, pretende que a mudança das naus em ninfas na *Eneida*, que é uma fábula bem extravagante, se fundava na tradição para livrar a Virgílio do fabuloso deste episódio. Eu julgava que não era muito ordinária como Vossa Mercê afirma a expugnação do Lete de Pangi, e que esta empresa [fl. 11] ainda que histórica podia entrar na conta daquelas de que disse o nosso Camões

*As verdadeiras vossas são tamanhas
que excedem as sonhadas, fabulosas.*

Tudo o mais que Vossa Mercê diz desde aqui até o discurso da Rainha de Gartapão é da mesma farinha, e tem a mesma resposta, e a que já dei na carta passada. Se Damião de Góis diz “gazompa”, João de Barros escreve “gartapam”, veja Vossa Mercê lá a quem há de dar mais crédito¹. Torna aqui a cantilena de ser dilatado esse discurso; passemos adiante, e também pelo reparo das estátuas gregas, como se algum escultor que tivesse notícia das fábulas não pudesse passar à Índia a fazer essas estátuas, ou elas se não pudessem comprar aos comerciantes, que entre as suas drogas quereriam também levar estas [...] para aquele hemisfério. A inverosimilhança do cesto pode Vossa Mercê discuti-la com a de Fenélon no *Telémaco*: se Vossa Mercê não entende no lugar das estátuas os versos 97, e 98, disso não tenho eu alguma culpa: outras pessoas de muito menos inteligência que Vossa Mercê não se ficaram desentendidas nesta gramática.

Vem outra vez a dilação da narração, que fez Corvinel do Imperador dos gigantes ao Herói; e eu posso dizer a Vossa Mercê que estimo mais este lugar, que nenhum do Poema; e que se fosse preciso queimá-lo, só este reservara do incêndio. Se a Vossa Mercê lhe parece melhor o de Adoão; *no es [...] perfecciones*; mais queria dizer sobre isto, porém calo-me quanto posso.

Sobre os nomes bárbaros digo que Vida fala, e só deve falar daqueles que se perguntam no Poema, e não dos que se trazem apenas uma só vez: os outros três nomes bárbaros da oração dos Turais (?) os traz João de Barros, e cuidou que até’gora ninguém o acusou de que ele os trouxe por ostentar erudição.

O discurso do Iogue é uma parte do Poema tão especiosa para mim, que a comparo à narração de Corvinel: Vossa Mercê não gosta dela: tenho a consolação que há de haver muita gente que a leia mais de uma vez.

O assalto de Goa tem muito e muito que não pertence à história; e desejava que Vossa Mercê me mostrasse fora do 2.º livro da *Eneida*, outro lugar, em que houvesse maior movimento de armas, e mais vivo espetáculo de uma arrebatada expugnação; porém Vossa Mercê tem passado por aqui; e por outras partes como quem caminha, sem se deter nas raridades, que lhe oferece a estrada.

Depois de ler, e bem advertir em todos estes reparos de Vossa Mercê lhe posso assegurar que se me achasse com forças de fazer outro novo poema nunca me apartaria do método, do estilo, e das regras que segui na *Conquista de Goa*: o que eu tomara ver era um Poema feito por Vossa Mercê, em que não houvesse nenhum dos reparos que Vossa Mercê acusa: *Si doces exemplo doces ex templo*.

Faltam agora os reparos substanciais sobre a Fábula, episódios, máquinas; Herói, unidade etc. do Poema: este negócio é o principal; pois Vossa Mercê andou até’gora pela rama deixando o tronco na mesma firmeza, como se fosse um penhasco combatido dos ventos. Se os novos reparos sobre a substância da obra forem de outra qualidade, ou emendarei, ou reponderei com menos pressa, se houver tempo para isso.

Como eu não concordo com as opiniões de Vossa Mercê, e por esta razão não me resolvo a fazer alguma emenda no Poema com as acusações que Vossa Mercê lhe tem feito, já se vê que a Vossa Mercê lhe não fica lugar para lhe fazer mais leve elogio; pois não pode elogiar com a devida sinceridade uma coisa que tão mal lhe parece: Por esta razão devo absolver a Vossa Mercê do trabalho que a sua grande benevolência tinha empreendido. E o Poema sairá nu, e cru, e padecerá a infelicidade de não alcançar este precioso ornamento com que podia ser mais atendido. Eu fico sempre para servir a Vossa Mercê que Deus guarde muitos anos. Montemor-o-Velho a 7 de novembro de 1757.

¹ N’A *Conquista de Goa*, Melo opta pela designação de “Garzopão”.

Amigo e muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

[fl.12] Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Chegam os últimos reparos, que Vossa Mercê tem feito à *Conquista de Goa*, e com eles acabo de conhecer o génio de Vossa Mercê, por mais que me ateste que não teve outro intento, do que sair o Poema purificado, ao mesmo tempo que tanto se manifesta que Vossa Mercê o deseja suprimido. Parecia-me que um bom crítico quando entrava a analisar uma obra havia de mostrar que tinha comido mel e manteiga *ut sciat reprobare malum, et eligere bonum*; porém como Vossa Mercê em todos estes reparos não tem feito mais que reprovar o mau sem nunca distinguir, e separar o bom, devo entender com bastante fundamento que Vossa Mercê, em lugar da manteiga, e do mel, não tem comido até'gora mais que fel, e vinagre. Tristíssima obra deve ser esta, em que se não descobre nem uma coisinha, que possa ser boa, quando não há obra, por pior que seja, em que os críticos mais severos não tenham achado algum lugar, que não mereça desprezo.

Também me parece que Vossa Mercê entrou com muito má-fé na empresa desta crítica, para o que não é necessário mais, do que advertir em duas coisas: A primeira, prometer Vossa Mercê que não replicaria à minha descarga; e agora me convida para as margens do Poema, aonde Vossa Mercê intenta continuar as réplicas, e renovar as instâncias; porém daqui se pode tirar, ou bem pouca, ou nenhuma utilidade:

*Dico ego, tu dicis, sed denique dixit, et ille:
Dictaque, post toties, nil, nisi dicta, video.*

A segunda ter eu dito a Vossa Mercê que o Sistema poético do Padre Le Bossu não estava muito seguido e se tinha impugnado, sinal de que eu o não aceitei no desenho do meu Poema; e ser este o principal, e o mais frequente autor com que Vossa Mercê me ataca, em todos os lugares que me acusa. Por tudo isto me acho eu desobrigado de dar outra resposta aos reparos de Vossa Mercê; porém como prometi de dizer alguma coisa sobre a substância do Poema em que agora se funda esta carta de Vossa Mercê, satisfarei com a brevidade que me for possível a esta promessa, menos pelo desejo de continuar os argumentos que sempre me foram aborrecíveis, que por receio de que Vossa Mercê não julgue por desprezo, o que se podia reputar por modéstia.

Diz Vossa Mercê que a ação da *Conquista de Goa* ficaria melhor se não fosse tão moderna, e eu receava que ela fosse acusada por antiga: Para mim é bem novo o achar-se modernice no que sucedeu há perto de dois séculos e meio: Voltaire pretende que desde a guerra de Troia até Homero não houvesse mais do que um século: o nosso Camões não só lhe deu que tivessem só discorrido 20 anos desde o descobrimento da Índia até as suas *Lusíadas*. Por não repetir o que já disse respondo neste reparo como o §iii do “Prolegómeno” do *Triunfo*, e com o que diz Manuel de Faria no princípio dos *Comentos* do Poema Lusitano; e eu presumo que Vossa Mercê fez este reparo só por não malograr esta erudição: “Il censure (diz Monsieur Addison nos seus *Remarques* ao *Paraíso* de Milton) un passage, non pas parce qu’il est défectueux; mais parce qu’il lui fourni un bon mot”.

E se Vossa Mercê confessa que me não faltam exemplos em escolher uma ação desta idade, parecia-me que esta mesma confissão me poderia livrar de ser acusado neste lugar: “Não basta ser douto, e sábio, é também necessário o saber usar da sabedoria”: o pior é que me acuse Vossa Mercê em uma das cartas passadas de que eu introduzi a

descrição da Índia só por mostrar que sabia geografia; eu nunca imaginei que Vossa Mercê era daqueles *quod in aliis condemnant, in se ipsis approbant*.

Duvida Vossa Mercê também se neste Poema conservo a unidade da ação, parecendo-lhe que ela tem três pontos de vista: 1.º quando o herói chega a 1.ª vez a Goa; e a rende. 2.º quando a desampara: 3.º quando a conquista. Toda a Fábula deste Poema se cinge à conquista desta cidade e a faze-la cabeça do nosso Império na Ásia. Na entrada primeira de Goa não se logrou este senhorio, e assim ainda que possamos dizer que está principiada a ação, é certo que não está acabada: e se não está acabada, era preciso continuá-la:

Agora resta saber que coisa seja o continuar a ação? Cuidava eu que seria, apesar de todos os obstáculos, o fazer todos os esforços para lograr a conquista: Diz Vossa Mercê que o sair de Goa, e das suas vizinhanças interrompe a sua continuidade: se a saída se faz com intento de tornar sobre ela; e para buscar [fl. 12v] maiores esforços para o seu rendimento, e desfazer os obstáculos, que o impediam, digo que não: Finjamos que na conquista de Jerusalém deu uma peste no exército, que obrigou aos sitiadores a apartarem-se daquele entorno, ficando sempre as tropas em ação de voltarem, e continuarem o assédio; o que cessando o contágio, voltam outra vez sobre a cidade, e a rendem; serão porventura estes movimentos duas ações que diversifiquem a conquista de Jerusalém? Se Vossa Mercê quiser dize-lo, deve também dizer que o apartar-se Aquiles por tantos dias do campo dos gregos, e recolher-se às naus daquela armada, sem querer pelejar com os troianos, são duas ações que repartem essencialmente em duas partes diversas a sua ira: Dirá juntamente que o ausentar-se Eneias do campo troiano para ir pedir socorro a Evandro, a fim de alcançar a conquista do Lácio, também são duas ações diferentes. Nem importa que Vossa Mercê diga que Eneias deixou o seu exército na cena da empresa; pois a ação, e a sua unidade toma a substância do Herói, e não dos seus capitães: pois se o disser, também direi que o meu Herói deixou parte das suas tropas, e dos seus navios na mesma cena de Goa: e o serem mais ou menos estas tropas em uma ou em outra parte não altera a essência da unidade, e da continuação da empresa.

Quer Vossa Mercê que esta continuidade, com a retirada do Herói, seja na intenção, e não na execução: o contrário se mostra pelo assédio do Paiva; pois se isto não é execução, direi que não compreendo bem a noção, que nos dá este nome: mas concedido ainda por um instante que fosse só a continuidade na intenção, isto bastaria para se não perder a unidade. Ouça Vossa Mercê o conceito, que faz Le Batteux, *Cours des belles Lettres* p. 2. n. 3 da unidade da ação.

L'unité d'action procède de la proposition même du sujet. C'est ce qui annonce le but du Poète, qui marque le commencement, et qui fixe le terme. Toute action a deux fins, l'une qui détermine l'action de celui qui agit: l'autre qui est le terme de l'action même: l'une marque le point du départ avec la direction des efforts vers le but: l'autre point est celui de l'arrivée: tous les pas du Poète sont dans cette direction: toutes les matières qu'il emploie fussent elles episodiques sont importées pour le courant, ou plutôt enfermées entre ceux deux termes comme dans un cercle.

Ouçá também o de Luzán liber 3. cap. 5.

Lograse esta unidad en los poemas épicos o dramáticos con la unidad de la acción en ellos representada, la cual unidad consiste en ser una la Fábula, o sea el

argumento compuesto de varias partes, dirigidas todas a un mismo fin, y a una misma conclusión.

Entenda Vossa Mercê bem esta doutrina; e considere que o argumento das várias partes, como o da saída de Goa, o da chegada dos capitães, o da guerra de Cochim, o do assédio do Paiva etc. encaminhando-se todas estas partes ao mesmo fim, e à mesma conclusão, isto é à *Conquista de Goa*, não pode desunir a fábula: esta segunda, e primeira invasão de Goa foi feita muito de propósito, por não faltarmos às regras da epopeia, o que logo mostrarei; e esperava eu que sem o mostrar, Vossa Mercê o tivesse conhecido para desempenhar o verdadeiro carácter de crítico, em que não basta notar e ler a superfície dos preceitos, mas considerá-los com muita especulação, e ver não só o que diz um ou dois autores; porém muitos, e os que falam com melhor critério, e individuação nos preceitos poéticos.

Diz Vossa Mercê mais que passemos à Fábula, ou composição das suas partes, e que torna a duvidar se a deste Poema é simples, ou implexa, e que nas épicas é simples a mais perfeita: porém o contrário diz Aristóteles na *Arte* pela tradução de Pedro Victorio: *Oportet compositionem esse pulcherrimae tragediae, non simplicem, sed nexam*: É verdade que ele parece que se contradiz em outro lugar; porém como se combinam estes dois textos, dando-se sempre a preferência à Fábula *implexa* podia Vossa Mercê ter visto em Luzán libro 3. cap. 6. Contudo concedamos por um instante que seja mais perfeita, e nobre a Fábula simples, que a implexa; que tira Vossa Mercê daqui. Que o meu Poema não tem Fábula simples, porque tem mudança de fortuna? A isto basta responder que também não é simples a Fábula da *Odisseia*; porque tem esta mudança, e mais que nem por isso se deixa de entrar na dúvida qual dos Poemas de Homero é o melhor, se a *Odisseia*, se *Ilíada*.

[fl. 13] O que a mim me faz admiração é dizer Vossa Mercê que a Fábula não é simples, porque tem mudança de fortuna: “Fabula o acción simples (diz Luzán) es aquella en la cual succede mudança de fortuna o pasaje de la felicidad a la miseria, sin peripecia ni agnición”. Donde venho a inferir que Vossa Mercê imaginou até’gora que a mudança da fortuna fazia com que não fosse simples a Fábula: e ninguém poderia crer que Vossa Mercê o imaginasse depois de ter feito tanto estrondo com os estudos poéticos.

De sorte que é fábula simples com mudança de fortuna; e pode haver esta mudança sem peripécia nem agnição ou *epignosis*; porque a *epignosis* só se verifica com um novo conhecimento do que se ignorava, e deve causar este conhecimento novo amizades, ou inimizades na pessoa novamente conhecida: e a peripécia não se logra se não no desfecho do Poema, quando com a mudança da fortuna se põem as coisas em diverso estado do que até’li se achavam, e sucedem as coisas com um êxito totalmente contrário, que o que prometiam os lances antecedentes. Ser esta mudança no desfecho do Poema é um acréscimo que faz Le Bossu à Peripécia, e que Vossa Mercê alega nesta sua carta; porém para ser Peripécia basta que haja a mudança imprevista, e contrária a tudo aquilo que se esperava.

Es pues la peripecia (diz o mesmo Luzán libro 3. cap. 6.) una mudanza de fortuna en contrario de lo que los lances, y sucesos de la acción hubieren prometido contra toda expectación. Agnición o Reconocimiento, como el mismo nombre lo manifiesta, es pasaje improvista del desconocimiento al conocimiento de una persona, o de alguna especial cualidad suya, o de algú hecho de donde resulte la amistad o enemistad de las personas, que son destinadas a ser felices, o infelices en el drama.

Se a *Conquista de Goa* é simples ou implexa, se tem ou não peripécia, e agnição, ou se tem aquela, sem esta não nos importa agora o discuti-lo: se for simples tenho por mim a *Ilíada*, se implexa, a *Odisseia*; e qualquer das duas coisas, que tenha, me basta.

Diz Vossa Mercê que pela doutrina de Luzán deve ser a Fábula ilustre, grande, maravilhosa, e verisímil; e que adverte com razão que para segurar estas qualidades não devem as ações épicas serem semelhantes às histórias costumadas, nem conterem como elas os sucessos, como foram, e segundo o concurso regular, e ordinário das coisas, mas que tudo há de ser na fábula épica extraordinário, admirável, e figurado: eu respondo que esta doutrina é certa assim ela fora por Vossa Mercê bem entendida; porém Vossa Mercê a não entendeu bem porque acrescenta que duvida se eu desempenhei bem este preceito, e consiste a dúvida do desempenho em que, exceptuando a introdução das máquinas em tudo o mais me não apartei do método de uma verdadeira história, não só na ordem escrupulosa, com que sigo a série dos sucessos, mas o que é mais que refiro ainda os menos, e mais ordinários etc.

Aqui se deve notar outra vez a má-fé, com que Vossa Mercê tem procedido nesta crítica, deixando no tinteiro os exemplos com que o mesmo Luzán explica o sentido desta doutrina. Em Homero (diz ele) não é o sal o que persevera (sic) os cadáveres da corrupção, senão a deusa Tétis, que executa este milagre por comprazer a Aquiles; e em Virgílio não são as borrascas dos ventos contrários os que fazem soçobrar a armada de Eneias, senão a deusa Juno inimiga dos troianos, etc.

Desta manera (levante Vossa Mercê agora os olhos, *porque aliquando bonus dormita Homerus*) se hace más maravillosa la materia, ya de suyo grande, y extraordinaria: y a esto mira aquella regla de Aristóteles que las acciones épicas deben ser desemejantes de las historias acostumbadas.

“Y a esto mira”; e não no que Vossa Mercê presume a doutrina do Filósofo: resta agora vermos se está desempenhada na *Conquista de Goa*.

[fl. 13v] Na tormenta que levou o Herói às terras austrais não foram os ventos os que fizeram na armada esta violência, mas os espíritos das tempestades. O serenar-se a borrasca não foi pelo acaso de escassear o vento, mas porque assim o ordenou o Altíssimo: o sair para fora de Goa o Herói não foi pela mudança dos sucessos, mas por disposição divina: vir com tanta precipitação o tirano a socorrê-la não foi tanto por acudir à sua restauração como pelas influências diabólicas, que lhe sugeriu Alfarami: o combate dos lagartos teve o mesmo motivo. A contradição de Gonçalo de Sequeira o mesmo influxo, a guerra de Cochim o mesmo intento: o livrarem-se as naus do perigo que se lhe põem diante no canal do rio, se deve ao socorro celeste; da mesma sorte o salvarem-se do naufrágio na ocasião das Bodas de Timoja, e outros lugares, que se acham dessa qualidade no Poema, por se cumprir com o preceito do Filósofo, ao mesmo tempo que Vossa Mercê imagina, não sei se por alucinação ou ininteligência, que eu me tinha separado tanto daqueles documentos (?).

De sorte que fundado neste texto de Aristóteles, e no sentido, em que ele se deve tomar, sempre fui de opinião que ainda que a Fábula se deve fazer mais ilustre, e extraordinária com estes adornos e ficções, nunca se lhe deve alterar a verdade no que respeita à sua substância para o que Vossa Mercê podia ter visto a crítica que eu faço à *Henriade* de Voltaire no §xix do *Prolegómeno do Triunfo*, aonde está bastantemente expresso o meu parecer.

Os que seguem a opinião, que *contraproducentem* quer estabelecer o mesmo Voltaire de que a épica não pode ter fábula, nem Herói fantástico, não têm outro

fundamento para a defenderem senão o de moverem mais os exemplos verdadeiros, do que os fingidos: logo parece que se este sucesso verdadeiro se transfigurar por tal modo, que se não diferencie do quimérico, já não pode haver comoção de exemplo, e fica perdendo a fábula histórica, por este motivo, e privilégio, com que pretendem sustentá-la.

Virgílio é condenado bem asperamente por todos os críticos pelo grosseiro anacronismo de fazer coetânea a fundação de Cartago com a destruição de Troia; e era injustíssima esta acusação se o Poeta tivera licença para estuprar na substância a parte essencial da história qual é a computação do tempo, e pela mesma razão é outro processo iníquo o trazer-se a juízo o encontro verdadeiro que eu trouxe de Timoja com Vasco da Gama, o bombardeamento da Calecut, a carga das naus de Cananor, e Cochim, a partida da armada de João da Nova etc. Especialmente tendo tão bom Patrono, que me defenda como o nosso Camões, que refere também historicamente toda a jornada da Índia, toda a descrição da Europa, toda a sucessão, e ações dos nossos Reis etc.

Nem Homero, nem Virgílio violaram a substância das suas fábulas; pois só nos acidentes, com que as propuseram, é que as fizeram admiráveis; e seguiram tão escrupulosamente esta direção, que quando lhes faltava a história procuravam as tradições, e nunca disseram coisa na substância da Fábula, que os gregos, e romanos não tivessem recebido dos seus maiores; como Vossa Mercê lá pode ver no *Ensaio da Épica* de Monsieur Voltaire, cujo lugar não posso trasladar-lhe porque não tenho agora esse livro em casa. Tudo o que Vossa Mercê propõe contra esta doutrina é equivocação sua, ou falta de não ter lido os fundamentos da epopeia com mais alguma reflexão. E da mesma sorte se equivoca com o lugar, em que Aristóteles fala de Heródoto, aonde diz que sempre seria história a sua obra ainda que fosse em verso; e o diz com muita razão; porque a Poesia se diversifica essencialmente da história em narrar os sucessos simplesmente como foram, e não os fazer mais admiráveis com os motivos, que lhe fingem os Poetas. De sorte que como em Heródoto se não acha que se evitou a corrupção dos cadáveres por milagre de Tétis, nem que a tormenta dos troianos foi causada pelas iras de Juno, nem outras coisas desta mesma qualidade, por isso é justo que diga o Filósofo que ainda que a história de Heródoto fosse feita em verso sempre seria história; assim como o é a de Lucano pela simples narração, que faz na sua *Farsália* da guerra civil entre César e Pompeu.

Se a licença dos Poetas épicos se estendesse tanto, como Vossa Mercê imagina, poderia eu ter a liberdade de fingir que Goa fora invadida por terra, e não por mar, por me ficarem mais próprios os combates, ou desafios dos capitães, que Vossa Mercê acha menos neste Poema:

[fl. 14] cuido que Vossa Mercê não dirá que eu podia ter esta liberdade; e se a não tinha, como havia de intentar a outra, em que não reconheço alguma diferença? Se esta sim, e a outra não, estimarei de ouvir a razão diversa. Mas para que são discursos, aonde estão decisões concludentes? Ouça Vossa Mercê a Luzán libro 3. cap. 7.

Hemos visto pues que los episodios han de tener su fundamento, y origen en la primera planta de la fábula; y deben ser partes esenciales de ella, circunstanciadas, y amplificadas, ya sean el argumento, y nombres, fingidos, ya sean verdaderos; pero con la diferencia que si son fingidos, el Poeta tiene libertad de episodiarlos (si se me permite esta voz) segundo verisímil; pero si son verdaderos, debe procurar que los episodios sean propios, esto es, que el modo de la acción sea conforme a las particularidades, y circunstancias, que refiere la historia de tales personas; y esto no tanto por hacer los episodios verisímiles, quanto por no hacerlos inverisímiles, e increíbles: si se fingiese que Sofonisba

muere apuñalada, y no con veneno, seria impropio el modo por ser contrario a lo que de Sofonisba refiere la historia.

Finjamos que eu narrava tanto a substância da Fábula como os episódios históricos, que dela dependem com uma tal transfiguração, e tal como Vossa Mercê deseja, que quem soubesse a história circunstanciada da conquista de Goa a não achava no Poema: pelo que Vossa Mercê tem dito teria eu no seu conceito desempenhado o ofício de Poeta; porém pelo que dizem os Mestres teria faltado a todas as regras da Poesia: o mesmo Luzán libro 2 cap. 8.

La belleza poética debe estar fundada en una de estas dos verdades: o en la verdad real, y existencia, o en la posible, y verisímil: si nuestro entendimiento no aprende en la Poesía una de estas dos verdades, no puede hallar en ella deleite, ni belleza alguna; porque lo falso, conocido por tal, no puede jamás agradar al entendimiento, ni parecerle hermoso.

Atenda Vossa Mercê agora bem ao que se segue:

Esto supuesto, ya no habrá motivo para decir que la Poesía es fragua de mentiras, y que su belleza no puede con razón fundarse en la verdad, porque además que en los Poemas, y en toda especie de Poesía se halla mucha parte de verdad real, y existente, ya de historia, ya de geografía, ya de moral, ya de Física, la otra parte que el Poeta añade, pertenece a otra clase de las verdades posibles, creíbles, y verisímiles etc.

Cuido que não há lugar mais terminante.

E por isso não disse Horácio que Homero cantava as coisas fingidas dos Reis e capitães na guerra de Troia; porém

Res gestae regumque ducumque, et tristia bella.

Supondo que Vossa Mercê não necessita de que eu lhe explique mais a doutrina que se deduz destes lugares; especialmente devendo ter notado no Tasso [e] em Camões o cuidado com que sustentaram os sucessos históricos quanto à substância da conquista de Jerusalém, e do descobrimento da Índia; e com estes exemplos me parecia que Vossa Mercê se podia ter arrependido de ter falado nesta matéria.

Pelo que respeita à acusação, que Vossa Mercê me faz da baixeza do estilo na narração dos sucessos da *Conquista de Goa*; posso afirmar a Vossa Mercê, sem alguma vaidade, que tendo lido em Portugal e fora dele os meus versos uma infinidade de gente; uma minha amiga, [fl. 14v] outra inimiga, sendo desta a maior parte; como Vossa Mercê mesmo confessa; é Vossa Mercê o primeiro, que me notou este defeito, porém as desgraças vêm menos quando a gente as cuida, e se estão levantando de improviso debaixo dos pés. No meio desta desventura me consola Vossa Mercê dizendo que tem uma dicção sublime, e admirável a descrição da tempestade, o corte das madeiras o jardim (sic), e vida campestre da sogra de Timoja etc. E que me desconhece nas descrições históricas; e que nelas pareço outro homem pelo muito que me abato. A tudo isto respondo com o Padre Feijó, Disc. 8 do tom. 4. do *Teatro Crítico* §vi. n.º 14.

He visto reparar mucho en si el estilo es igual, o no, celebrando mucho el que tiene esta calidad, y vituperando al que carece de ella: Notase mucho si cae,

o no cae, pero antes se debiera observar que senda sigue la pluma: que mucho que no caiga el que siempre anda arrastrando? Donde ha de caer el que nunca se levanta? Por el otro extremo se debe reparar que no es lo mismo bajar, que caer: el que toma vuelo, no tiene obligación de seguir siempre la misma altura: Puede bajar a su arbitrio, pues lo hacen aun las águilas: Que importa que se descuide algo se queda siempre más superior al que nunca se aparta del suelo? ... Así yo este defecto no le hallo en quien escribe sino en quien censura: Fuera de esto la diferencia de los objectos produce por si misma esta desigualdad...unos donde dicen bien las expresiones majestuosas; otros en quien estas fueran ridículas etc.

O Padre Feijó não podia responder melhor por mim; e parece que eu lhe pedi esta resposta para dar a Vossa Mercê, que deve persuadir-se que todo, e o mais trabalho da epopeia de Goa foi o deter o contínuo entusiasmo que arrebatava a imaginação: Tive maior fadiga em baixar, que em subir para ser agradável e inteligível aos meus leitores; pois a pompa era da Poesia Espanhola já se desterrou para os espaços imaginários; e pudera Vossa Mercê lembrar-se de que chamam cavalos desbocados, e indómitos, pelo contínuo precipício do estilo, a Lucano, e a Miguel da Silveira; e que a monotonia tanto se pode acusar na voz, como no estilo: que Vossa Mercê me acusasse a muita humildade poderia sofrer-se, ainda que com aflição, porém a do nosso Camões, é uma coisa bem intolerável, e muito mais quando ao mesmo tempo pretende Vossa Mercê pôr sobre ele a Francisco Botelho. Basta Senhor José Xavier que também Vossa Mercê é dos Alfonsistas? Por certo que se tal me passasse pelo pensamento estaria eu bem longe de sujeitar à sua censura a minha *Conquista de Goa*. Tudo o que vou a dizer daqui em diante será com um desgosto particular por entender que estou falando com um Sectário das fachadas Espanholas, e que gosta de tudo aquilo que os franceses chamam *galamatias*: se Vossa Mercê ainda está encasquetado com estas ferrugentas tarascas, não sei para que gastou o seu dinheiro em comprar a Luzán, a Muratori, a Le Bossu, e a outros que se ouvirem falar no Alfonso porão as mãos na cabeça.

Ouçamos a Luzán sobre esta matéria:

Pero ninguna obra me ha parecido más hinchada, que el Poema de los *Macabeos* de Miguel Silveira: querría decir este autor que Peronte ardiendo en deseos de venganza determinó valerse de los encantos de Dórida, maga. Esta no era materia, que pidiese un estilo sublime; pero el Poeta queriendo engrandecerla (assim como Vossa Mercê queria que eu fizesse na narração dos sucessos históricos) recurrió a metáforas improprias, a expresiones extravagantes, y a términos pomposos, que son de los que Horácio llama *ampullas et sexquipedalia verba*:

*Peronte, que con ánimo sediento
Beber purpúreos mares determina
Por dar ostentación al vencimiento
Fantásticos trofeos imagina.*

Agora Cícero alegado pelo mesmo autor liber 4. *Rhetor. ad. Herenn.*, ou quem quer seja o que fez esta obra.

Nam ut corporis bonam habitudinem tumor imitatur saepe, ita gravis
[fl. 15]

Oratio saepe imperitis videtur ea, quae turget, et inflata est, cum aut novis, aut priscis verbis, aut duriter aliunde translatis, aut gravioribus, quam res postulat, aliquid dicitur.

Boa a faria eu se usasse nas narrações simples, e históricas do mesmo estilo, e sublimidade, que se pode usar nas descrições, ou em outros lugares aonde se permite, e se faz própria a elevação dos termos; e é possível que Vossa Mercê desconheça estas diferenças?

Depois do famoso Botelho passa Vossa Mercê ao maravilhoso da Fábula; e diz que segundo a doutrina de Muratori se funda esta no verisímil nobre, e popular; e acrescenta que na Fábula deste Poema há muito poucos objetos que excitem a nossa admiração: Eu já sei que Vossa Mercê o não admira com pouco: Porém tão pouco lhe parece o movimento que fez o Inferno com a primeira, e segunda tempestade? Tão pouco o modo de se serenarem os mares? Tão pouco o portento dos cortes da madeira? Tão pouco a descrição de Gate, e da caverna de Alfarami? Tão pouco o solitário que apareceu a Gonçalo de Sequeira? Tão pouco o aio fingido do primo do Rei de Cochim? Tão pouco a perspectiva que representou o Inferno na muralha de Goa? Tão pouco o combate que tiveram os lagartos com a armada? Tão pouco a maravilha com que esta saiu pelo canal do rio etc.? Por certo que bem poucos Poemas tenho eu lido, aonde se achem tantos objetos, que possam mover à admiração. Porém Vossa Mercê desprezando todos, e não fazendo caso de nenhum deles, só foi buscar o dos gigantes, por entender que neles se não podia conseguir o verisímil sem reparar que o episódio dos gigantes não tem nada com o maravilhoso nem nobre, nem popular do Poema. A Vossa Mercê lhe parecerá que acorda de algum sonho quando ouve esta proposição; porém porque se não admire dela já que tão pouco se tem admirado dos objetos desta épica, ouça o que diz Le Bossu² sobre o maravilhoso das epopeias.

Le merveilleux de l'Épopée, s'il est sensée, et raisonnable, se réduit donc à tirer le voile qui couvre les machines qui font jouer la nature, et à représenter la conduite des Dieux par rapport aux choses humaines.

Aqui tem Vossa Mercê o que se chama propriamente maravilhoso neste género de Poema, e não só Le Batteux, mas todos os expositores de Aristóteles, e o mesmo Filósofo, com a boa inteligência da sua doutrina, sempre julgavam que consistia este maravilhoso em se mostrar que nada obravam os homens nos sucessos principais da epopeia, sem ser dirigido pelo impulso divino; e que este impulso era a causa primeira de todos os movimentos, e na sua execução eram os homens as causas segundas: Depois de estabelecida esta doutrina reconhecerá Vossa Mercê as incoerências, em que tem caído, e cai daqui em diante a sua crítica, as equívocações que padece, e as falsidades, que me imputa: E não há outra coisa que possa destruir o maravilhoso nesta influência ou direção celeste mais, do que o inverosímil; que é no sentido em que deve falar Muratori; em cujos termos supõe Vossa Mercê falso em conceber que ainda que os gigantes não fossem verisímeis a respeito de nós, pudesse esta inverosimilhança desconcertar o maravilhoso do Poema; porque este episódio não representa “la conduite des Dieux par rapport aux choses humaines”. E ainda que nos propusesse esta conduta se tornaria Vossa Mercê a enganar em imaginar que se perderia o maravilho nos gigantes por serem inverosímeis:

² Lapso do autor. O excerto apresentado em seguida pertence à obra mencionada de Le Batteux, *Cours de Belles Lettres*, como o próprio Melo referirá logo após a citação.

Não posso deixar de dizer a Vossa Mercê que não está muito bem instruído na história dos gigantes.

Vossa Mercê confessa que os companheiros de Magalhães os descobriram com efeito nas terras austrais; porém que desapareceram: o desaparecerem não os faz inverosímeis: Que coisa é ser verisímil? Diz Bluteau que “é uma coisa que tem visos ou aparências de verdade: coisa que está na possibilidade das coisas sucedidas ou para suceder”. E se os gigantes não só se mostram *in fieri* mas de facto, parece que se não pode negar que são ainda mais que verisímeis; e que passam de verisímeis a verdadeiros, não só pela narração, que deles fizeram os castelhanos, que acompanharam o Magalhães, mas pelo que nos diz Monsieur Frizier, António Pigafeta, autor do *Journal Magellan*, Bartolomeu Leonardo de Argensola na *História das Molucas*; e as asseverações que deles fazem Sebald de Wert, Oliverio de Noort, George Spilberguer, e Guilherme Le Houten; [fl. 15v] na *História do Peru*, escrita pelo Inca Garcilaso de la Vega se afirma que quando os espanhóis chegaram a esta Província havia nela a certeza de que uma das suas comarcas tinha sido habitada por gigantes. O famoso Padre Acosta, tão estimado pela exaçaõ, com que nos deu as notícias da América no libro 1. cap. 19, e no libro 7. cap. 3. e o Padre Ovalle na sua *História de Chile* libro 3 cap. 3. fazem menção dos gigantes que se acharam neste Novo Mundo, e entre outros são mui celebrados os que se chamam Caucahués. A estar também extinta a geração de *Enacim*, como Vossa Mercê diz, a que se pudera acrescentar a de *Emim*, e a de *Rafaim*, de que também fala São Jerónimo ao cap. 14 do *Génesis*, e André Mas aos capítulos 13, e 14 de *Josué*, não prova coisa alguma em não haver hoje gigantes, porque *generatio praeterit, generatio advenit*.

E porém para fazermos a vontade a Vossa Mercê concedamos de boamente que se acabaram todos os gigantes: estavam por essa causa inverosímeis no meu Poema? Em nenhum reparo tem Vossa Mercê mostrado mais a precipitação com que faz esta crítica, do que neste dos gigantes. Diz Vossa Mercê que a respeito de nós são hoje inverosímeis: e sê-lo-iam também a respeito daquele tempo em que os castelhanos acharam os Patagões no Estreito de Magalhães. Parece-me que Vossa Mercê deve dizer, ainda que não queira, que naquele tempo eram não só verisímeis, mas verdadeiros, supostas as relações, que deles trouxeram aqueles descobridores: Passemos agora ao Poema, e vejamos se os gigantes de que falo são gigantes de agora, ou da idade em que os Espanhóis os descobriram: Eu os suponho no tempo da Conquista de Goa: esta se fez no ano de 1510, e Fernando de Magalhães com os seus navegantes descobriram o estreito do seu nome em 1520. Veja Vossa Mercê agora se há coisa mais verisímil do que achar o Albuquerque [...] dez anos antes e nas mesmas terras austrais uma geração de gigantes, se achou outra ao depois o Magalhães, confirmada pelas relações dos castelhanos, e por todos os autores que deixo referidos? Poderá Vossa Mercê dizer que é inverisímil haver um Gog, um Golias, uma geração gigantesca, qual foi a de *Enacim*, a de *Emim*, a de *Rafaim*? Nenhum católico romano terá esta ousadia, ainda que considere extintas estas gerações. E assim se vem a mostrar a grande equivocação que Vossa Mercê padeceu na diferença do tempo, em que falei dos gigantes; pois Vossa Mercê acusa a inverosimilhança pelo tempo presente quando eu falo de uma verdade do tempo passado: De mais que em havendo verdade ou passada ou presente, ou em tempo antigo, ou moderno já não pode haver inverosimilhança; porém basta, e sobra pelo que respeita a esta matéria: E sobre a do sítio em que eu descrevo o Império de Hunatilfa ser habitável, ou inóspito me explico bastantemente naquele lugar do Poema, numerando as léguas, que dele ia ao Cabo Tormentório, que seriam pouco mais de 500. O cabo está em 35 graus da latitude austral: cada grau pela minha geografia, e geometria corresponde a 17 léguas e meia espanholas. Daqui pode Vossa Mercê tirar a conta para saber se esta terra estava além, ou aquém do

Polo Antártico, e se podia, ou não ser habitada; e com isto se solta toda a bulha, que Vossa Mercê faz sobre este ponto.

Quer Vossa Mercê que estes bárbaros das terras austrais não pudessem viver com alguma civilidade, por estarem em parte tão remota ao nosso continente; argumentando-me com a incultura dos selvagens da América especialmente da meridional, e querendo que o seu temperamento fosse muito diferente do nosso, o que os devia fazer de gênio e de gosto muito diverso. E pelo que vejo deste discurso de Vossa Mercê, parece-me que não está muito visto nas causas que diversificam os temperamentos, e as outras qualidades do espírito, e corpo humano: o nosso António Sanches, um dos maiores físicos que hoje conhece a Europa no seu *Tratado da Saúde dos Povos*, impresso o ano passado em Paris, averiguou muito bem esta diversidade dizendo no cap. 8.

Há sítios, que exalam tais vapores, que mudam a cor da prata lavrada, e do estanho: outros adonde o ferro mais polido se enferruja: as cores vermelhas, e azuis desmaiam; o que tudo provém da diferente sorte de sais, que nadam continuamente na atmosfera, e que se levantam da terra: assim cada porção dela, cada distrito, [fl. 16] cada comarca, e Reino tem tal natureza particular. Daqui vem a compleição, as inclinações, a forma do corpo, as feições da cara, e da sua cor, a vivacidade ou a estupidez do natural etc.

E quem lhe disse a Vossa Mercê que em alguma parte das terras austrais não houvesse vapores tão benignos, e profícuos, que produzissem todas aquelas qualidades, que eu descrevo nos gigantes? Assim como na Europa há exalações tão pestilentes, como se conhecem na “gruta do cão” na Itália, porque não haverá em alguma parte do Mundo, por mais que seja remota, e desconhecida, outras exalações muito melhores, que as da Europa, que façam os homens tão bons, como os deseja fazer a Natureza? Porém não é necessário dilatar-nos aqui, nem menos em Vossa Mercê chamar extravagância (que bem custa apodar o termo) o terem notícia aqueles bárbaros dos Tifeus, dos Encelados, dos Polifemos; porque isto não necessita de outra resposta mais, que cada um deseja conhecer os seus parentes. Vossa Mercê pretende que eu fingisse este Império por outro modo, a que também respondo com a mesma brevidade que cada um finge, como lhe parece. Uns fingem quimeras, outros Górgonas, outros Minotauros, outros gigantes ferozes, desproporcionados, e indómitos; e eu os fingi mansos, racionáveis, e que conheciam os dotes, de que nos adorna a Natureza. E parece-me que em não se fingindo monstros, com caras de mulher, cheias de penas, e com rabo de peixe, nem cyprestes, que nascem no mar, nem delfins, que nadam nos bosques, ou javalis, que pastam nas ondas, que se não vai contra a *Arte* de Horácio.

Não há dúvida que está simples, ainda que elegante, a oração dos Citas na pena de G. Cúrcio; porém ponha-a Vossa Mercê na boca de Virgílio, veremos de que sorte eles se explicam na presença de Alexandre: o terem os Citas mais inteligência, que os Gigantes, é um discurso arbitrário: para se fazer este cálculo era necessário que primeiro se conhecessem bem as exalações, que produzia o terreno dos Citas, e o Império de Hunatilfa. Querer Vossa Mercê também que os bárbaros pudessem chamar ao seu Príncipe, Rei, ou Monarca, ou Soberano, e não Imperador, confesso que é um desejo bem extravagante, e sem algum fundamento, como são as razões que Vossa Mercê dá para esta diferença. Tudo isto não merece que nos detenhamos, e mais prejudicam a Vossa Mercê, do que ao Poema: o mesmo digo das armas, que tinha o escudo, a que já respondi, e Vossa Mercê não diz, depois disso, alguma coisa que convença.

Também Vossa Mercê reputa por preceito que haja algum Antagonista, que pretenda medir a espada com o Herói; porém como estas, e outras coisas, que Vossa Mercê aponta, não estão na *Arte* de Horácio, nem de Aristóteles, não podemos aceitá-las por regras, nem deviam aparecer no teatro da crítica: Julga Vossa Mercê que o costume tem feito regra: se isto assim fosse também não devia omiti-la o nosso Camões: Eu quisera que Vossa Mercê se não tivesse cansado nesta, e noutras coisas de semelhante qualidade.

Acusa-me Vossa Mercê de que eu pintasse o Tirano tão pobre, e pusilânime, que não desempenha a figura, que eu dele devia fazer: em todas as histórias verdadeiras, e fingidas nunca reconheço os Tiranos com grande valor, especialmente os cruéis, como eu descrevo o Hidalcão; porque a crueldade é oposta comumente à valentia; e também posso afirmar a Vossa Mercê que tudo o que pode incluir o nome de Tirano, ainda o não achei mais bem representado, que na descrição, que faz o Iogue do Hidalcão na prática, que teve com ele: Permita Vossa Mercê que eu diga sem alguma vaidade que Turno, e Mezêncio ficam muitos furos [fl. 16v] abaixo desta representação, que no meu conceito é dos bons lugares do Poema: Nem ele é tão cobarde, como Vossa Mercê o acusa, atribuindo esta cobardia a ele mandar diante um dos seus capitães para lhe franquear o passo de Goa; e aqui torna Vossa Mercê a mostrar a má-fé da sua crítica; pois consta do Poema que a única razão que houve para esta expedição foi pela impaciência, e não pela pusilanimidade do Tirano; porque não podia sofrer a demora, com que as tropas caminhavam para aquele intento; e por isso é que mandou alguns esquadrões ligeiros para consegui-lo com mais brevidade. Do mesmo Poema também consta a grande violência de não esperar o combate, ou o assalto dentro da cidade; e ainda depois de o persuadir tanto que saísse dela a declaração do Iogue, não se resolvia a fazê-lo, e foi necessário que lhe aparecesse visivelmente o demónio na figura de Mafoma para lhe dar esta resolução. Que conceito quer Vossa Mercê que eu faça de semelhantes acusações? Parece que é necessário um grande sofrimento para recebê-las, sem indignação, e uma excessiva modéstia para conter a minha resposta.

Acha Vossa Mercê caracterizados os costumes no Herói, em Amalinta, em D. António de Noronha, em Corvinel; e podem também dizer que em Hunatilha, em Timoja, em Fátima, em Alfárami etc. e que mais era necessário? Estas são as personagens mais distintas do Poema; porém Vossa Mercê também queria ver o carácter dos costumes de todas as figuras, que nele se introduziram, por onde se conhece que Vossa Mercê ainda não tem visto o que os Mestres dizem sobre esta matéria; eis aqui o que diz Luzán.

En el Poema épico, el Héroe, que es la persona principal, lleva la primera atención del Poeta, que nos pinta todo entero su carácter, y costumbres: siguense pues las demás personas, que tienen mayor papel en el Poema, cuyos costumbres, y carácter deben también mostrarse, aunque no tan por entero como el Héroe: Otras que tienen poco, o ningún papel, apenas descubren algo de sus costumbres: Algunas solo sirven para hacer número, y el poeta no hace más, que nombrarlas, dejando sus costumbres, y su genio en obscuridad, y olvido.

Énée (diz Monsieur Addison nos *Remarques* já referidos) est véritablement un caractère parfait; mais pour Achate, quoique ami du Héros, il ne fait rien d'héroïque dans tout le Poème. Gyas, Menestée, Sergeste, et Chante sont tous marqués au même coin: le fort Gytas, le fort Cloante.

Estranha Vossa Mercê também mui acremente que eu fizesse menção da morte infame, que mandou dar o Herói ao Patrício de Vossa Mercê Rui Dias; e esta estranheza se deve reputar por um desordenado patricismo: Não me lembrou quando dispus este

episódio que Vossa Mercê era natural de Alenquer, que a lembrar-me sepultara de boa vontade esta matéria no silêncio: enfim Vossa Mercê condena uma memória, que se trouxe muito de propósito nesta Poesia, para se cumprir com as regras da Épica, e da verisimilhança, que deve ter o carácter do Herói. Pois o Herói há de ter coisa que lhe possa ser acusada; e se a tiver não será melhor que se dissimule? Senhor não: e o motivo se tira da representação, que faz Homero de Aquiles, e da que não fez Virgílio de Eneias, e que explica o referido Le Batteux:

Virgile a fait de son Héros un homme parfait. Il est pieux envers les dieux; [fl. 17] envers son Père: Il a de la tendresse pour sa femme qu'il va rechercher seul au milieu d'une ville livrée aux ennemis: pour son fils pour qui il fait l'impossible: Il est bon envers les compagnons qu'il veut rendre heureux: envers ses ennemis mêmes, qu'il voudrait conserver tous: Il est brave guerrier: sage législateur, bon Père, bon Roi, bon Maître: Mais cet homme est un prodige, plutôt qu'un homme: son portrait paraît fait à plaisir. On l'admire d'une admiration froide, et telle qu'on l'a pour des choses qui sont trop loin de nous.

E falando de Aquiles diz assim.

Il a le coeur grand, et bon; il aime les peuples, il connaît l'amitié, il respecte les Dieux; mais avec bon naturel, avec ces qualités héroïques, il est bouillant, et colère: son feu l'emporte au delà des bornes: Il a tort quelquefois; cependant tel qu'il est, on l'admire, on l'aime, et on l'aimerait moins, sans doute, s'il était plus parfait; parce qu'il serait moins vrai, plus composée, moins ingénue.

Cuido que está respondido à história de Rui Dias, e me parece que ainda se responde melhor no Poema, por cuja resposta passou Vossa Mercê como o remo por água.

O ser a moira casta, e fiel a seu marido, e ser insultada em um lugar tão reservado, parecia-me a mim que faria maior a culpa do delinquente, do que se ele dormisse com uma escrava solteira, e de pouca monta; mas para avaliar a diferença de um, e outro delito se deve recorrer menos à crítica, que à jurisprudência.

Cuido que Vossa Mercê se equivocará em dizer que Muratori propõe nas máquinas dos Anjos o maravilhoso popular, e não o nobre. Leia Vossa Mercê com mais atenção este lugar de Muratori, depois de ouvir o que diz Luzán sobre esta matéria.

A esta dificultad responde oportunamente Muratori distinguendo dos verisimilitudes; una popular, otra noble: La popular es aquella, que parece tal al rudo vulgo; y a las personas legas: La noble es aquella, que solo parece tal a los doctos: con esta diferencia, que lo que es verisímil para los doctos, lo es también para el vulgo; pero no todo lo que parece verisímil al vulgo, lo parece también a los doctos.

Com que ainda que as máquinas dos Anjos fossem verisímeis ao vulgo, também o podiam ser aos doutos; e neste sentido pode haver maravilhoso nobre, e popular e da mesma doutrina de Luzán se tira que as máquinas Angélicas produzem menos o maravilhoso no popular, que no nobre; porque o mesmo Luzán pondo o exemplo do maravilhoso, que pertence ao vulgo, assinala para ele as ficções extravagantes dos livros de cavalarias; o que é totalmente diverso das máquinas, que se movem pelas inteligências angélicas.

E o não aprovar Despréaux nem a introdução dos Anjos, nem dos demónios, não faz alguma força, nem pode destruir a doutrina das máquinas novas, instituída pelos críticos católicos. A esta desaprovação de Despréaux responde por este modo o referido Le Batteux.

Malgré le respect que nous avons pour les idées de Monsieur Despréux, nous ne saurions croire que s'il venait au monde un second Homère, il ne trouverait pas dans l'histoire de la religion une matière capable d'exercer son génie: Il ne ferait point donner, il est vrai, un Jupiter sur le mont Ida: Pallas Vénus, Mars, Juno, Neptune n'iraient pas se confondre dans la mêlée avec les hommes, se [fl. 17v] couvrir de poussière, se battre, se renverser les uns les autres: Mais avec quel trait il peindrait le Dieu qui crée l'univers d'une parole, qui voit tout, qui comprend tout, qui donne seul la vie à tout... et il aurait démontrée par l'exécution que le sublime, et le sérieux bien loin d'être une obstacle invincible à l'épopée, y serait la source des plus sublimes beautés. Quel fondement auroit servi d'appui à ce merveilleux? Le même qui a servi aux Anciens: je veux dire la persuasion commune des peuples pour qui on écrit. Après avoir choisi un sujet susceptible de merveilleux, soit par l'éloignement des temps, soit par la grandeur de l'object, soit par la vérité même de l'histoire, soit enfin par l'opinion reçue; le Poète eut supposé ce qui est vrai dans les principes de toute religion que la Divinité a préparé l'évènement dont il s'agit. Il aurait supposé en second lieu que la Divinité en a suivi l'exécution, ou par elle-même, ou par ses ministres. Si Homère a pu assurer que Junon, Minerve, Mars avaient eu part aux actions des Grecs et des Troyens, quoique ces divinités n'eussent qu'une existence purement poétique, et fondée sur une idée générale de la providence de Dieux; à plus fort raison dans religion chrétienne, ou il l'est de fait que Dieux a quelque fois envoyé ses ministres pour punir des Nations, faire périr des armées, protéger des peuples, pourtant l'on faire intervenir les agens surnaturels... Enfin le Poète Chrétien supposerait qu'un génie celeste, qui a vu tous les secrets ressorts de la puissance surnaturelle lui en aurait fait la confidence, etc.

Diz Vossa Mercê que se compusera poema heroico não havia de introduzir espectros, nem diabruras, nem mágicos: Na verdade que não sei como Vossa Mercê havia de temperar este negócio: As máquinas são da essência da epopeia: As gentílicas estão reprovadas, e diz que é preciso ir buscar as cristãs: As favoráveis não bastam; porque é preciso haver as opostas para enlaçar, e apertar os nós do Poema; porque sem nós, e soluções não há epopeia. As máquinas opostas às favoráveis não podem ser movidas senão pelo Inferno; porque estas máquinas devem ser sobrenaturais, logo parece esta nossa ideia uma empresa insuperável, e que só pode caber no vastíssimo engenho de Vossa Mercê; porém não será justo que esteja só na fantasia: Dê-nos Vossa Mercê o gosto de a vermos executada; porém antes que Vossa Mercê a execute não deixe de notar o que diz Luzán sobre esta matéria:

Esto supuesto soy de parecer aunque Boileau (já Vossa Mercê sabe que é o mesmo que Despréux) siente lo contrario que los épicos no se sirvan de las Deidades de los gentiles, quanto a los atributos divinos; porque sé bien del Poeta Épico es propio con especialidad lo admirable, y lo extraordinario, sin embargo no debe por esto excluir lo verisímil; y lo excluiría de todo si admitiese ahora esas mismas Deidades de los gentiles, figurando en ellas los atributos del verdadero

Dios. Y para proceder en esto con todo acuerdo, sin quitar a lo Poema ningún de aquellos adornos, y galas, que le competen, es menester ver que género de máquinas suele admitir la epopeya, y cuales sean las que sin arriesgar la verisimilitud se pueden usar para su adorno... Seria muy impropio y mal sonante (con cualquiera alegoría) que a un capitán cristiano le favoreciese la Diosa Juno, o le trajese en sueños el Dios Mercurio algún mensaje de Júpiter. Torquato Tasso atendiendo a esta impropiedad no introdujo en su Poema semejantes deidades, sino Ángeles buenos y malos, Mágicos etc. ... Tampoco en este modo, por lo que mira a lo teológico, debieron introducirse en la epopeya los falsos Dioses del gentilismo; pudiéndose ahora suplir su oficio (como hemos dicho) con los Ángeles buenos, y malos encantos mágicos etc.

[fl. 18] Dos espectros, Magos passa Vossa Mercê para os episódios; e pretende que sejam todos conexos, e ligados de tal sorte com a ação principal, que esta fique mutilada, e imperfeita, se se lhe tirar algum deles para fora: *Ata petis Phaethon*. Confesso que para bem assim deviam ser todos os episódios; porque seria uma coisa muito preciosa que fossem tão idênticos com a Fábula, que parecesse que eram modos dela, e que ela se modificava nestas digressões. Com tudo isto, é um preceito especulativo, e por mais que se tenha trabalhado nesta grande empresa, não houve até'gora engenho humano que a pudesse trazer à prática. E se não diga-me Vossa Mercê que conexão tem com o descobrimento da Índia nas *Lusíadas* toda a narração, que faz o Gama ao Rei de Melinde das ações Portuguesas? O episódio da Ilha de Vénus, e o dos doze de Inglaterra etc.? Que conexão tem com o estabelecimento do novo Império Latino o larguíssimo episódio dos amores de Dido na *Eneida*? Os jogos nas exéquias de Anquises? A narração, que faz a Eneias o Rei Evandro? A tragédia de Niso, e de Euríalo? etc. Agora Le Batteux:

On entend en général par *Episodios*, certaines petites actions subordinées à l'action principale, et qui semblent jouer autour d'elle pour délasser le Lecteur par une variété étrangère à celle du sujet même; car tout lecteur aime à changer d'object, au moins pour un moment: Telle est l'aventure de Cacus, racontée par Évandre, celle d'Acheménide; celle de Nise, et d'Euryale: ces morceaux pourraient être détachés que l'*Eneide* n'en serait pas moins un Poème épique.

Eis aqui os episódios, que podiam ser suprimidos na *Eneida*, e ficar sempre um Poema heroico, e não são estes, como Vossa Mercê presume, os de que fala Aristóteles, que fazem episódica a Fábula; e para Vossa Mercê ter dito alguma coisa era necessário ter provado primeiro que os episódios da *Conquista de Goa* tinham mais inconexão com ela, do que aqueles, que nomeia Le Batteux no corpo da *Eneida*: Nem então lhe teria a Vossa Mercê parecido tão mal o episódio de Alfi e de Fátima, especialmente se tivesse advertido que o *Pathos* era uma das partes qualitativas de épica, por cuja razão introduziu Camões a tragédia de D. Inês de Castro, Tasso a de Clorinda, Virgílio a de Niso, e Euríalo etc.

Repara Vossa Mercê em que o episódio referido seja uma história complexa, e acabada; porque nele se acha o princípio, o progresso, e o fim dos amores de Alfi; e que estes episódios complexos estão reprovados pelos Mestres. Pelos de Vossa Mercê talvez que o estejam, pelos meus, não: o que reprovam os meus Mestres nos episódios não é a sua solução, mas somente a conclusão, e Vossa Mercê talvez que entendesse que era o mesmo soltar, que concluir. Porém isto tem uma grande diferença. Não se acabou o episódio; ou para melhor dizer não se soltou a tragédia de Niso, e Euríalo com a morte

destes dois amigos? A de D. Inês de Castro, e a dos amores de Dido? Pois como caíram neste grande erro Virgílio e Camões? Bem pudera Vossa Mercê ter visto o que tinha advertido Luzán no caso, em que estamos.

Acerca de lo cual debemos advertir que los Poemas, además de la solución del enredo, tienen la conclusión de la Fábula, la cual conclusión es el último pasaje del agitación, y turbación al reposo, y tranquilidad: La solución tiene alguna extensión, porque comprende todo lo que se sigue después del nudo, o enredo de la Fábula; pero la conclusión consiste en el instante, en que la acción pasa de la turbación a la entera tranquilidad: De manera que en la epopeya puede haber muchos enredos, y muchas soluciones cuantos fueren los episodios, o partes circunstanciadas de la Fábula; pero no debe de haber más que una conclusión con la cual acaba la Fábula, y el Poema. [fl. 18v] Véanse los Episodios de la *Eneida*; que aunque tengan (note Vossa Mercê) principio, medio, y fin, enredo, y solución, ninguno tiene conclusión, que deje en entera tranquilidad al Héroe etc.

Eu não sei se Vossa Mercê estará arrependido de ter falado tão magistralmente nos seus reparos, notando agora tantas alucinações, em que tem caído: se Vossa Mercê se arrepender tê-lo-ei por um espírito sincero, dócil, e amigo da verdade: se se obstinar já Vossa Mercê pode presumir que conceito poderei ficar tomando do seu gênio.

A acusação, que Vossa Mercê diz que faz Luzán aos que se enamoram por retratos, é tão vaga naquele autor, que não sei como Vossa Mercê se resolveu a aplicá-la ao retrato de Fátima.

Faz Vossa Mercê acusação a este episódio dizendo que todo se constitui em uma historieta puramente cómica, e eu estimo que Vossa Mercê assim o imagine; mas para sabermos se esta historieta cómica merece louvor, ou acusação recorramos à doutrina de Le Batteux.

La Tragédie intéresse par l'atrocité des événements... La comédie nous plaît par la singularité de la bizarrerie des entreprises, et des moeurs... La Poésie Pastoral nous charme par sa douceur, et sa simplicité... Mais comme l'épopée est la mère, et la source de tous ces genres; elle doit en renfermer tous les intérêts.

Acusa Vossa Mercê também o mesmo episódio por não achar decente que Alfi expusesse a história dos seus amores a um homem tão severo como o Albuquerque: Porém o Herói não era tão severo em matéria amorosa nem tão alheio destas propensões tão naturais aos impulsos da nossa Natureza que não tivesse um filho ilegítimo, que depois da sua morte foi o historiador das suas ações: Em tudo eu quero conceder que na idade sexagenária, em que já se achava o Herói, estivesse esquecido das suas mocidades, e ainda assim nunca tinha lugar esta 3.^a acusação; porque eu tinha representado a Alfi como um homem transportado de um ciúme, e de uma paixão amorosa: e à vista dela não pode haver reparo mais impertinente, o que Vossa Mercê conhecerá pela doutrina de Luzán.

Asimismo es verdad hipotética, que un hombre agitado de una violenta pasión, olvidándose de que los cielos, los árboles, y las peñas son incapaces de entender sus quejas, y de interesarse en sus pasiones, no obstante les habla, como se tuviesen alma, y sentido, y les atribuya pensamientos, y discursos racionales.

E se um homem posto neste estado imagina que os penhascos, e os troncos se podem interessar nas suas paixões, que muito é que imaginasse Alfi que o Herói, por mais severo que fosse, também se interessaria nas suas? Também me parece que em bastante se diversifica a morte de Alfi, e de Fátima, ou ao menos nas suas circunstâncias, e antecedências, daquele de Hiale, e de Amintor: e posso dizer a Vossa Mercê com toda a sinceridade que não me lembrou naquela ocasião o tal episódio do Botelho; porque tenho muito pouca leitura deste Poema pelo muito que me desagrade o seu estilo; e só depois que Vossa Mercê o acabou é que o busquei; e bem me custou a achá-lo. Destas, que a Vossa Mercê parecem identidades há muita abundância nos melhores Poetas: são inumeráveis as de Virgílio com os lugares de Homero, e tem-se visto muitas vezes que se encontram, ou se confrontam os conceitos humanos, de que eu pudera alegar a Vossa Mercê não poucos exemplos.

O não ser próprio da Tragédia o castigo dos homens insolentes não tem nada para aqui, porque não estamos em Tragédia, aonde se procura a compaixão, e o terror, o que se não dá na pena dos que são excessivamente criminosos; porém estamos em Epopeia aonde tem muito lugar para a doutrina, e para o documento a justa recompensa que deve ter a insolência, e os delitos; se assim não fora não se introduzira Mezêncio na *Eneida*.

Depois de Vossa Mercê se apartar do mais substancial [fl. 19] do Poema volta outra vez para as dicções, parecendo-lhe mal o perífrase do “estanho”, e do “estanhado” pelo mar sereno; e não quer também que se chamem “lagostas” aos gafanhotos.

Porém eu estou já tão enfasiado de responder; que se me não dá de ficarem estes novos reparos, sem satisfação.

Enfim, como o grande afeto, que tenho a Vossa Mercê, me persuade ao desejo de que Vossa Mercê sustente a opinião de um homem virtuoso, e de um espírito reto; e considero com bem mágoa minha o quanto Vossa Mercê se tem apartado nesta crítica deste conceito; desmentindo nele tudo o que se podia esperar da sua sabedoria, e da doçura de um ânimo tranquilo, e radicado nos ditames da Ética me resolvo a transcrever lhe o que diz Monsieur Addison na pág. xxxiv dos seus *Remarques* sobre o método dos bons, e dos maus críticos para ver se posso persuadir a Vossa Mercê com as reflexões deste insigne, e doutíssimo escritor a usar de outro modo da vara censória, procurando mais nas suas críticas os louvores, que as acusações, e os lugares ilustres que os defeituosos; porque desta sorte pode Vossa Mercê ser amado, e de outro, será sempre odiado: e Vossa Mercê não é homem a quem lhe seja decente o entrar entre o número dos zoilos, nem autorizar com o seu concurso esta nojenta caterva.

Il n’y a rien de plus absurde que de vouloir décider des choses que l’on n’entend pas: cependant plusieurs de nos écrivains qui ont taché de se signaler par des ouvrages de critique ont non-seulement négligé d’apprendre à régler leurs idées, mais ils découvrent évidemment par les phrases dont ils se servent, et par leur manière confuse de penser qu’ils n’ont pas la moindre notion des arts, et des sciences: Un petit nombre de règles générales, tirées des Auteurs Français, avec un certain jargon a quelquefois fait passer un ignorant, et lourd écrivain pour un critique judicieux, et formidable. Un homme qui n’a ni goût, ne science se hasarde rarement à louer un ouvrage à moins qu’il n’ait été auparavant reçu et approuvé du Public, et sa critique roule toujours sur de légères fautes, et sur de petites erreurs.

Il est si facile de réussir en cela, que tout le Lecteur même d’un génie médiocre dès qu’il parait un nouveau Poème, se trouve assez d’esprit, et de malignité pour entourner en ridicule divers passages, et souvent fort à propos.

Un vrai critique s'arrête plutôt sur les beautés, que sur de fautes: Il songe à découvrir le mérite caché d'un écrivain, et à communiquer au Public les choses qui méritent l'estime: Les termes les plus choisis, et les plus beaux traits d'un Auteur sont ceux mêmes qui fort souvent paraissent hasardeux, et defectueux à un homme qui manque de goût, et ce sont presque toujours ces endroits qu'un critique facheux, et superficiel attaque avec le plus d'aigreur: Ciceron observe qu'il est fort aisé de censurer, ou de rebouter ce qu'il appelle *Verbum ardens*, ou comme on pourrait le rendre en Français une "expression hardie", et qu'il est facile de la tourner en ridicule par une froide, et maligne critique: Un petit esprit est également capable de condamner une beauté, et de faire grand bruit sur une légère faute: quoique ce procédé excite naturellement l'indignation d'un Lecteur judicieux, il ne laisse pas de faire impression sur l'esprit du Public, qui ne manque jamais de croire que tout ce qui est tourné en ridicule, avec quelque esprit, est absurde, etc.

Eu acabo esta carta com o que dizia Despréaux quando alguém lhe dava notícia, que se dizia mal das suas obras: "Tanto melhor (gritava ele) porque das obras más não se diz coisa alguma". Fico para servir a Vossa Mercê, que Deus guarde muitos anos Montemor o Velho a 14 de Novembro de 1759³.

Amigo; e muitíssimo obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

³ Lapsos de Pina e Melo. Trata-se do ano de 1757, segundo a sequência das cartas.

[fl. 20] Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

No correio passado respondi a Vossa Mercê sobre os últimos reparos, que Vossa Mercê foi servido de fazer à *Conquista de Goa*, e no antecedente lhe tinha dito que Vossa Mercê tinha um espírito mui perigoso para poder conservar a boa correspondência dos seus amigos pois se sentia muito do que lhe diziam, e não queria que os outros se sentissem do desaforo com que Vossa Mercê os tratava; o que agora se acaba de conhecer na carta que recebo de Vossa Mercê este correio. É certo que eu disse a Vossa Mercê, porque não sou homem, que negue o que uma vez profiro, que usaria de toda a liberdade na crítica deste Poema; porém esta liberdade bem entendida, a devia Vossa Mercê tomar na substância dos reparos, e não estendê-la para a acrimónia dos termos: Bem se podem dizer os defeitos por tal modo, que não escandalizem: Vários termos tem descoberto a prudência para regular com a civilidade devida as correções; e eu presumia que Vossa Mercê era um dos homens, que estavam bem instruídos nesta mesma doçura, e nestes ditames da Ética. Diz Vossa Mercê que não pode sempre estar com o prumo na mão para medir as suas palavras: Que mais dissera um colérico, ou um apaixonado? Quem não se sujeita a este prumo escusa de se embarcar e de se meter em críticas, que só servem de estimular os amigos, e não de instruí-los; porque as instruções não produzem algum efeito, quando se levam às cachaporradas.

Vossa Mercê se escusa de entrar no juízo do Poema; e eu já na carta antecedente ao correio passado o absolvía a Vossa Mercê desta empresa; porque vim a conhecer que Vossa Mercê me fazia nele mais uma sátira, que um elogio: Aqui acabou Vossa Mercê de provar o seu génio: para a sátira foi Vossa Mercê tão naturalmente como se vê das cartas, que tenho recebido suas; para o elogio ia tão violento, que bastou um leve pretexto, para voltar cara ao caminho. Enfim Vossa Mercê consentia no elogio enquanto lhe pareceu que o podia fazer a si mesmo: isto é regulando eu o meu Poema pelo juízo de Vossa Mercê: Tenho visto uns grandes impulsos do amor-próprio, mas nenhum até'gora, que pudesse competir com este que Vossa Mercê encobriu nos seus reparos: Que obrigação tenho eu, ou outro qualquer de se conformar com as inteligências de Vossa Mercê? Os tiranos só aspiram a ter domínio sobre os corpos; e Vossa Mercê o quer ter também sobre as almas? Na verdade que é uma nova espécie de tirania! Mas graças a Deus que nascemos livres; e só a Fé é que tem autoridade para sujeitar os nossos discursos.

Outra prova bem evidente da melancolia de Vossa Mercê é querer argumentar comigo na defesa dos seus reparos, tendo prometido de não replicar às minhas respostas; debaixo desta condição é que Vossa Mercê entrou na sua crítica; que a saber que Vossa Mercê havia de tornar a instar sobre tudo o que tinha dito, seria impossível que eu consentisse nela; porque já não estou em estado de sustentar semelhantes correspondências. Estas novas instâncias, que Vossa Mercê [fl. 20v] propõe todas se fundam no irrisório argumento de arbitrárias conjeturas, e que isto, ou aquilo podia ser, ou não ser assim. Que mais dissera um Peripatético?

Nestas torres armadas no vento é que Vossa Mercê fundou a magnífica proposição de que o Poema não estava em termos, nem era digno de imprimir-se: e que Vossa Mercê o mostraria assim pelos seus reparos:

Quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?

Para Vossa Mercê desempenhar cabalmente este pomposíssimo rasgo devia considerar primeiro o que se podia esperar da sua crítica, e os horrendíssimos defeitos,

que se podiam descobrir na *Conquista de Goa*: confesso que são muitos e grandes, posto que não são desta qualidade o[s] que Vossa Mercê lhe acusa: Porém certamente posso dizer a Vossa Mercê que por mais que Vossa Mercê os tenha notado, e encarecido com tanta miudeza, e paciência, que hão de ser muitos mais e muito maiores os que eu me atrevo a numerar a Vossa Mercê em Homero, e Virgílio insinuados pelos seus críticos; e que ainda assim até'gora se não imaginou que estes três Poemas não eram dignos da impressão, não obstante os delitos, que cometeram contra os preceitos poéticos.

Na carta do correio passado mostrei largamente a Vossa Mercê que não tinha dito coisa na substância do Poema, que merecesse atenção, e que o mesmo, que Vossa Mercê julgava por defeitos, foi observância das regras da Epopeia: No conceito de todos os homens doutos, e indiferentes, e que atendem mais aos acertos das obras, que aos seus indispensáveis descuidos, ficará Vossa Mercê tão oprimido com esta demonstração, ainda que feita bem de passagem, que por mais que forcejem as suas réplicas, nunca poderá levantar-se com este peso sobre os ombros. Quem tem o espírito contencioso de Vossa Mercê; e que por exercitar o seu génio se lhe não dá de perder um amigo, valendo mais no seu conceito o afeto da dominação, que a convivência humana, parece que se não devia meter em disputas literárias: Muitos as terã[o] tido comigo, sem o perigo, que em Vossa Mercê tenho experimentado, e prezam tanto a sua sabedoria como Vossa Mercê se desvanece com a sua ciência; porém reconhecem que os juízos são tão diferentes como os semblantes; e que se podem concordar os afetos, ainda que se diversifiquem as apreensões. Vossa Mercê deu em um bom modo de viver solitário; e se eu amasse a minha soledade tanto como devia, escusava agora de exercitar o meu sofrimento com esta, e outras cartas, que tenho recebido de Vossa Mercê; o que por outra parte devo agradecer-lhe por me avivar mais esta preciosa virtude; e lhe rendo as graças por este benefício enquanto o não desempenho na execução das suas ordens. Deus guarde a Vossa Mercê muito. Montemor-o-Velho ao 21 de novembro de 1757.

Amigo e muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

[fl. 21] Senhor Francisco de Pina e de Melo,

Para cumprir o preceito em que Vossa Mercê me ordenou que lhe advertisse com toda a liberdade os defeitos que encontrasse no seu Poema sem temor de que se ofendesse, pois pretendia a censura e não o elogio, expus a Vossa Mercê os reparos que me pareceu poderiam formar os críticos contra aquela obra a fim de que livre (se fosse possível) de imperfeições acreditasse tanto a grande capacidade de seu Autor como na sua pública aprovação a justiça do meu critério. Sempre com tudo receei que Vossa Mercê preocupado do altíssimo conceito que bem dá a entender forma do seu juízo e do seu engenho e não costumado a ouvir desses judiciosos críticos que tem educado, a verdade senão a lisonja apesar de tantos protestos se havia de acomodar muito mal a que não digo eu mas nem o mesmo Aristóteles serenasse se se atrevesse a descobrir no seu Poema ainda o mais leve descuido, e acabei de me confirmar neste receio quando vi a suma ingratidão com que Vossa Mercê respondeu à amigável e sincera confiança com que o meu zelo lhe advertiu que o dito Poema como produzido com tanta precipitação não estava em termos de se dar à luz sem Vossa Mercê com madura consideração lhe pôr a emenda, porque em lugar de Vossa Mercê como devia se mostrar obrigado a um conselho tão saudável, e que bem seria que não se podia encaminhar a outro fim mais que o da sua glória logo me atemorizou na sua indignação com um nublado prenhe de raios que já nesta última carta entra a fulminar contra mim nos louvores irônicos e irrisórios com que me trata e nas acusações de homem melancólico e rixoso com que me insulta. Estes e semelhantes ditérios são os mais fortes silogismos com que Vossa Mercê costuma responder a todo o miserável que por censurar, ainda que seja particularmente e sem mau ânimo, em parte alguma obra sua excitou contra si os terribilíssimos efeitos da sua vingança. E como eu estou muito mal instruído nesta nova dialética desde logo me dou por convencido nesta que Vossa Mercê quer que seja disputa e eu só por lhe obedecer tinha instituído como amigável advertência. Não entendia eu que o zelo e o trabalho com que procurei livros e renovei os meus estudos poéticos dedicando por dar gosto a Vossa Mercê ao exame [fl. 21v] da sua obra o tempo que devia gastar em ocupações mais precisas merecesse em vez de gratificação um tão estranho desabrimento sem mais culpas que expressar-lhe na forma dos seus preceitos o meu voto e a de alguma galantaria que levado do meu gênio não melancólico, como Vossa Mercê supõe, mas sumamente jovial e alegre, poderia dizer a respeito do presente dos livros e talvez em outra alguma parte da minha dilatada *crisis*. E como não posso estar sempre com o prumo na mão para sondar os perigos em que posso cair de desagradar a um gênio tão melindrosamente sensível como o de Vossa Mercê, será esta a última carta com que aumenta a sua moléstia, que quanto para formar o juízo do seu Poema já Vossa Mercê me tem inabilitado pois declarando que não sei entender os textos de Aristóteles, ainda que em Francês e com tanta individuação explicados pelo seu comentador na mesma língua; o lugar de Addison sendo tão claro que não acerto em reparo algum de quantos ponderei na mesma censura que tenho os olhos cegos para tantos resplendores sem estes fazerem comoção alguma na minha alma, que as mesmas reflexões fazem tão pouca impressão como os dardos de Príamo no escudo de Neoptólemo e outros mil sarcasmos a que muito bem podia mas julgo indignidade responder, claro está que me dá uma sentença de inabilidade para censor de uma obra tão preclara que Vossa Mercê mesmo a compara ao disco do sol.

Só me defenderei de alguns erros maiores de que Vossa Mercê acusa as mesmas reflexões na sua carta. Diz Vossa Mercê que se fosse justo o reparo de Voltaire contra Camões por mim alegado nenhum épico teria licença de fazer alguma narração senão

diante de pessoa da sua Nação ou que se mostrasse no Poema que estava instruído no mesmo idioma: concedo toda a consequência só com a limitação de que basta que o Poeta o dê a entender ou se colha das circunstâncias que se achem no Poema. Já na última carta que dirigia a Vossa Mercê ponderei que Homero dá a conhecer que esta inteligência é precisa e as razões que havia para se crer que os Gregos entendiam reciprocamente o idioma dos Troianos, a que acrescento as outras que para isso se podem considerar na vizinhança ainda que não imediata de uma e outra Nação, na comunicação que tinham que bem se denota na hospedagem que Menelau deu a Páris e na que o Poeta declara de [fl. 22] outras personagens do Poema ainda de Nações auxiliares que não quiseram combater com outras de que reconheceram ter sido hóspedes. Também já declarei na mesma carta as causas que havia para que os Troianos, ainda que como supõe Virgílio não tivesse o seu fundador nascido na Itália, se entendessem por meio da língua grega com os Latinos a quem esta não seria ignorada pelos motivos que aponte e porque a mesma Latina se deriva como sabem os doutos em muita parte da Grega. Camões foi tão acautelado que expressou no Poema que os nossos se entenderam com os negros do rio (?) dos bons sinais pela língua arábica em que o nosso intérprete Fernão Martins era ciente, e como era constante que os Mouros Melindanos e os de Moçambique e Mombaça são descendentes dos Arábicos e em toda esta costa se usa de aquela língua não necessitava o Poeta de repetir a advertência de que eles se entendiam com os Portugueses por meio do mesmo idioma e do mesmo Intérprete. Com os Malabares expressa o Poeta que aqueles conversavam servindo-lhe no mesmo ofício Monsaide. Finalmente Tasso temeu tanto que lhe censurassem na propriedade e na inteligência que supõe havia entre os cristãos da Europa e os sarracenos da Ásia que por fazer verisímil a perção de uma oração do Embaixador do Rei do Egito na presença de Gofredo e dos mais heróis do Poema dá a satisfação que Vossa Mercê lerá nestes dois versos do canto 2.º, 8.ª 61 da *Jerusalém Libertada*:

*Ce perchè i Franchi han già il sermone appreso
De la Soria fù ciò, ch'ei disse, inteso.*

Porém Vossa Mercê dirá que Tasso, em julgar nesta cautela que a insinuação da adequada inteligência é precisa em um Poema Heroico, foi um ignorante assim como diz que Voltaire é nos seus reparos um ridículo. Diz Vossa Mercê que até'gora não houve crítico que condenasse a referida impropriedade. Como se havia de condenar uma culpa que ainda não foi por Poeta algum cometida? Como havia de vir ao pensamento dos críticos que houvesse Poema em que se introduzissem duas Nações entre si remotíssimas e nunca até'li comunicadas conversando largamente ambas sem intérprete como se a terra ainda fosse *labio unius*? Dobremos aqui [fl. 22v] a folha que é melhor não falar mais nesta matéria.

A Geografia é uma parte da História não necessita de termos alguns da Geometria porque vai muito (sic) diferença de medir a descrever as partes do globo da terra. O que Luzán diz a página 35

[...]

[fl. 23] Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Não me admira que Vossa Mercê me suspendesse o favor da sua correspondência, porque esta ação é livre, e ninguém se obriga, senão por muito seu gosto, a sustentar semelhante fadiga, especialmente com pessoas de que não pode tirar alguma utilidade; porém não deixa de ser mui digno de reparo que Vossa Mercê me não tenha restituído a cópia da *Conquista de Goa*; pois esta restituição não só a pedia a justiça, mas o mesmo estímulo, que Vossa Mercê recebeu da defesa, com que eu contestei as suas acusações. Sirva-se Vossa Mercê de me mandar estes cadernos, em que Vossa Mercê se interessa também muito por apartar de si um objeto do seu desprezo. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho a 13 de março e 1758.

Muito servidor, e venerador de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

[fl. 24] Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Há dois, ou três correios, que pedia a Vossa Mercê a restituição do meu segundo Poema, e até'gora não tive resposta sua. Nesta semana tive uma carta de José Freire de Monterroio, em que me dava a notícia de que Vossa Mercê estava fazendo uma cruelíssima crítica àquela obra; e por este aviso alcanço a razão de Vossa Mercê ma não ter restituído; Pobre da *Conquista de Goa* que foi buscar um asilo, e achou a indignidade de um libelo difamatório! Eu enviei a Vossa Mercê esta minha filha em boa-fé, e confiado na sagrada observância da hospitalidade, e Vossa Mercê não só a corrompeu, mas a carregou de golpes, e de açoites, convertendo-a de hóspeda (sic) em escrava. É crível que Vossa Mercê se alucinasse tanto com o seu espírito rixoso, que lhe não fizesse horror uma ação, que ainda seria a mais escandalosa entre os bárbaros mais incultos, e inumanos? De que tem servido a Vossa Mercê o nascer em um Reino civilizado, o dizer-me que está instruído em todos os ditames de Ética; e estar já em uma idade avançada, aonde comumente se esfriam os impulsos mais ardentes de uma mocidade inconsiderada?

Enfim eu já não sinto com Vossa Mercê que me restitua a cópia do Poema; porque quero que ela lhe sirva para acabar essa grande empresa, e depois de Vossa Mercê a fazer ainda mais pública, do que ela está; eu mostrarei a Portugal tudo o que Vossa Mercê tem passado comigo nesta matéria; e por esta crítica (ou sátira) e pela minha resposta se conhecerá, ou se acabará de conhecer a qualidade dos nossos críticos, como já se fez patente nas duas respostas que dei aos do Alentejo no reparo, ou nas sátiras, que fizeram ao *Triunfo da Religião*: e se a crítica de Vossa Mercê é semelhante àquela, que me expôs nas cartas, que me tem escrito sobre a *Conquista de Goa*, estou certamente persuadido, que por estas acusações nem Vossa Mercê alcançará o nome de crítico, nem fará com ela, que eu fique na opinião dos bons Portugueses com o título de mau Poeta. E ainda que eu tivesse merecido o de bom, saiba Vossa Mercê que eu faço bem pouco caso de semelhante aplauso. “Que importa que se escreva e fale bem, se senão obra com acerto?” diz o Abbade Fleury. Deus guarde Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho a 27 de março de 1758.

Muito servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

[fl. 25] Senhor José Xavier de Valadares e Sousa,

Que eu tivesse, ou uma, ou muitas cópias da *Conquista de Goa*, cuido que não era argumento para Vossa Mercê ficar com a que eu lhe tinha mandado debaixo do sempre venerável escrúpulo de uma fiel correspondência, de que nunca imaginei que Vossa Mercê abusasse ainda na presença de mais inesperado motivo; e especialmente depois de infringida a nossa comunicação.

Se eu não disse a Vossa Mercê que ma restituísse, parece-me que não era necessária esta advertência para Vossa Mercê ficar desobrigado de o fazer, e muito mais não tendo eu dito a Vossa Mercê que lha dava, antes só foi remetida com margens largas para Vossa Mercê lhe fazer nelas os reparos, que lhe parecesse, e que fossem justos, o que expressamente inculcava a restituição.

Emprestar Vossa Mercê este original, que se lhe tinha entregue com tanta confiança, não dará Vossa Mercê outro igual exemplo na fidelidade que deve ter qualquer homem, que aspira a este nome. Eu presumo que Vossa Mercê ainda não considerou bem nesta ação; pois a considerá-la, como deve, entraria em um arrependimento, que nunca se apagaria da sua memória. Vossa Mercê me tem neste procedimento dado umas lições, de que nunca tive notícia, e o pior é que ainda, com o exemplo, e magistério de Vossa Mercê, nenhum homem bom as poderá praticar, sem uma grande vergonha: Destas acusações é que se devem recear os homens; e não daquelas, que Vossa Mercê tem feito e pretende fazer à *Conquista de Goa*; que ainda que Vossa Mercê negue que as tem em ação, o conceito que eu faço da verdade de José Freire de Monterroio, não me pode fazer entender que ele truca de falso.

Porém ainda que eu entendesse que a *Conquista de Goa* merecia o suplício, que Vossa Mercê lhe tem dado, eu não entraria hoje na empresa de emendá-la, por não privar o público das regras, que Vossa Mercê lhe pretende dar na sua crítica, ainda que eu espero que seja sátira; porém diz o adágio que “quem tem telhado de vidro não atira ao do seu vizinho”.

Se Vossa Mercê presume que eu tenho grande vaidade em querer estar pelo meu juízo, e não pelo de Vossa Mercê; também não será menor a de Vossa Mercê, em pretender que eu esteja pelo seu, e não pelo meu: Nenhum de nós pode ser juiz: os desinteressados darão a sentença, mas pode acontecer que Vossa Mercê pague as custas, como sucedeu aos faladores do Alentejo. Enfim a minha causa sempre é melhor, que a de Vossa Mercê; pois eu componho um Poema, ou bom, ou mau; e Vossa Mercê não faz mais, do que acusá-lo: Todos conhecem a distância, que vai de compor a criticar: *Haec mala sunt, sed tu non meliora facis*.

A verdadeira crítica, Senhor José Xavier é fazer outra obra melhor; e quem não pode, ou não sabe, se é homem sesudo, não tem mais remédio, que tapar a boca. E nestas contendas, o que compõe sempre fica com a opinião de autor; e o que acusa fica comumente com a de bacharel, ou invejoso. Admiro-me que um [fl. 25v] homem tão douto como Vossa Mercê desconheça esta doutrina: porém não há coisa que cegue mais, do que a paixão: em idade estava Vossa Mercê em que devia ter deixado esta cegueira ao ardor dos primeiros anos. Enfim destes exemplos há infinitos, e de que os homens pelo caminho de se ilustrarem, se desacreditam. A maior parte dos críticos ficaram com esta opinião: resta agora que Vossa Mercê se excetue deles. Se Vossa Mercê fizer a sua crítica com aquela modéstia, que ainda se não conhece em Portugal, com a mesma se lhe responderá: Se der por esses trigos, não sei o que fazer: A doutrina de Cristo deve seguir-

se: *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt*. Mas tal pode ser a ocasião, em que se não possa ter esta heroica caridade com o próximo.

Vossa Mercê deve cobrar logo a cópia, que lhe mandei da pessoa, a quem a emprestou, seja de qualquer qualidade, que for; e restituir-ma sem demora; porque eu ainda não disse que a tinha dado a Vossa Mercê: ela é minha, eu a peço, e Vossa Mercê não pode negar-ma; e muito mais, depois de me ter dito em uma das suas cartas, que conservo, que ma restituiria com algumas notas, que lhe tinha feito. Se Vossa Mercê teme de ma mandar neste estado, porque eu não emende alguma coisa no Poema, e com esta emenda fiquem os seus reparos sem objeto, e se possam arguir de falsos, descanse Vossa Mercê que já o Poema não está em termos de emendar-se, nem eu o emendara pela razão que acima digo, ainda que pudera. E se não obstante esta instância, Vossa Mercê ma não quiser mandar, tudo serve para o futuro, e para saber o Mundo como Vossa Mercê se tem havido comigo. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos. Montemor-o-Velho a 17 de abril de 1758.

Muito servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

**CORRESPONDÊNCIA ENTRE FRANCISCO DE PINA E MELO
E
JOÃO BAPTISTA DE CASTRO**

1.

[fl. 46] Senhor João Baptista de Castro,

Recebo o favor das letras de Vossa Mercê com a quinta parte do seu *Mapa de Portugal*, que folguei muito de ver, ainda que Vossa Mercê me diz que não tem achado nos seus patrícios, e amigos, nem louvor, nem agradecimento desta obra. A obra é boa, e não se desconsolle Vossa Mercê com esta ingrata recompensa; porque este é o estilo do nosso Portugal, que ama menos a utilidade, que o divertimento. Se Vossa Mercê dissesse quatro frioleiras com duas pedras de sal, logo havia de ter muitos compradores o seu livro, e havia de ser louvado por todos os tunantes, que fazem das suas casas estalagem, não tendo outro ofício mais, do que serem Astrólogos das janelas.

Lembre-se Vossa Mercê do *Palito métrico*, que foi uma das grandes parvoíces, que infamou a Imprensa; e dentro de poucas semanas se fizeram destes exemplares quatro impressões: Não há mais do que chorar a nossa barbaridade, e as poucas esperanças, que temos, de sairmos dela:

.....que a ventura
Tão ásperos nos fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso
Que a muitos lhes dá pouco, ou nada disso.

Continue Vossa Mercê com a sua fadiga literária que lá virá tempo, em que se lhe dê o aplauso, que agora se lhe nega. E estimorei que Vossa Mercê descubra em mim algum préstimo nas ocasiões do seu serviço. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho ao 11 de setembro de 1758.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina, e de Melo.

[fl. 47] Muito Reverendo Senhor João Baptista de Castro,

Não desmaie Vossa Mercê na fadiga literária pela falta de prémio, e de louvores que se dão aos escritos; porque isto é um pão nosso de cada dia. O Doutor António Ribeiro Sanches, que hoje assiste em Paris, e um dos grandes génios que se fizeram famosos fora da barbaridade da nossa Pátria, em uma carta sua que tive o correio passado se acham estas palavras: “E tendo Vossa Mercê adquirido já os aplausos merecidos, ainda dos estrangeiros, não deve desanimar-se de continuar nesta nobre, e tão pouco seguida carreira da verdadeira glória por não ser correspondido; porque sempre foi o fado dos que utilizaram o universo dos homens, serem as suas cinzas as que receberam os prémios, e os louvores”.

O mesmo digo a Vossa Mercê; pois ainda que em Portugal se não olhe para a útil empresa do seu *Mapa*, estou persuadido que há de ser estimada dos estrangeiros. O nosso Silveira quando saiu em Portugal com a sua excelente obra dos comentários da Escritura se fez tão pouco caso dela, que só serviu de se embrulharem nas tendas os adubos; mas indo acaso para fora do Reino se fez tão estimável que tem conseguido repetidas edições, e então é que abrimos os olhos para lhe darmos os louvores que ela merece. Eu não sei que os partidários do picante quereriam que Vossa Mercê dissesse mais do Prior de S. Cristóvão, sendo tudo enfático quanto Vossa Mercê diz das suas ações. Ele está muito bem servido no *Mapa*, e mui justamente, suposta a rusticidade com que se houve com Vossa Mercê.

Aqui saiu agora da impressão um dos meus papéis que remeto a Vossa Mercê, e lhe peço me dê notícias de Manuel Cardoso, porque há muitos meses que não tive carta sua; e ainda não sei o motivo de exercitar comigo esta ingratidão, sem embargo de lhe ter escrito várias vezes, que todas ficaram sem reposta.

Vossa Mercê pode contar sobre a minha vontade tudo o que for do seu serviço. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos Montemor-o-Velho ao 21 de outubro de 1758.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Mello

3.

[fl. 48] Senhor João Baptista de Castro,

Todos os homens bons têm levado o conceito de que é muito estimável a fama póstuma: conceito impresso pela mesma natureza, e que serve de uma das provas da immortalidade da alma; porém sendo este desejo bem natural, e que se conhece na maior parte dos homens, se vai a falar verdade, eu lhe não descubro algum fundamento; porque a alma separada do corpo, se lhe não dá de que a memória se converta também em cinza. Já eu disse na Égloga 4 da minha *Bucólica*:

*Quanto mais que me aproveita,
depois de morto, essa fama,
se já não vive sujeita
a alma à língua, que infama;
nem aquela, que deleita*

*Se acaso desses louvores
fosse a alma consolada,
inda assim; mas são erros,
porque a alma de parada
discursa em coisas maiores.*

Mas é preciso ir com as opiniões comuas, por nestas nos apedrejarem.

Eu não conheço o Autor do *Mundo em seco*, nem o das *Borbulhas da língua portuguesa*, e menos o Poeta da Comédia: *Guardada está a razão para quem a há de comer*; porém os títulos são famosos, e estes bastam para correrem todos a eles como gato a tripas. Tal é o nosso génio, e pedantaria! Eu sei que prometi a Vossa Merce um papel, porém já me não lembra qual era; pois por umas coisas esquecem as outras, e aqui há bastantes em que cuidar sobre a minha banca: avise-me Vossa Mercê do papel, em que eu lhe falei para cumprir a minha palavra. As Novenas dos Santos são livrinhos, que há muito tempo se têm levantado com a moda: eu sou muito levado do nosso santo Português, e agradeço a Vossa Mercê o favorecer-me com a sua trezena.

A desculpa de Manuel Cardoso não satisfaz nada ao rompimento que me fez da sua correspondência: ele teve razão, porque a minha não deixa de ser enfadosa. Tem prometido a diversas pessoas, que o arguíram desta incivilidade, de me escrever, e nunca o fez, e não é novo que faça agora o mesmo. Eu já me contentava com que ele me mandasse os papéis, que lá tem meus; pois para faltar a esta restituição não pode haver desculpa.

Estimarei que possa ter alguma ocasião em que sirva a Vossa Mercê, que Deus guarde muitos anos Montemor-o Velho ao 6 de novembro de 1758.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Mello

4.

[fl. 49] Muito Reverendo Senhor João Baptista de Castro,

Sinto que Vossa Mercê tenha padecido moléstias, e que esta fosse a causa de me não dar até'gora as suas Letras, porque é certo que as estimo muito. Eu também há poucos dias que me levantei da cama, a que me levaram umas terríveis sezões, que rebati com a água de Inglaterra, e ainda fico bem pouco convalescido.

Agradeço a Vossa Mercê a remessa do elogio, que não vem a provar mais, do que a miséria, em que se acham as boas letras do nosso Portugal, fazendo-se caso de semelhante Autor que foi a Roma desacreditar a Nação, como de lá se me escreveu; e também mostra o talento de António da Costa Freire pelo modo, com que dele fala na gazeta, se é que o não fez por escárnio: Enfim na nossa Pátria não há mais que um pedantismo universal, e um gosto totalmente depravado; e o pior é que lhe não vejo algum jeito de isto ter emenda. Não posso dilatar-me mais por causa da minha fraqueza, e de qualquer sorte fico às ordens de Vossa Mercê a quem Deus guarde muitos anos Montemor-o-Velho aos 27 de setembro de 1759.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo

Se houver novas de Manuel Cardoso estimarei que Vossa Mercê mas dê.

[fl. 16] Senhor Francisco de Pina e de Melo

As razões com que Vossa Mercê me conforta não somente são bastantes para serenar a minha desconfiança, mas de algum modo servem de a lisonjear, igualando-me Vossa Mercê com os queixosos que têm maior merecimento e justiça. Porém não obstante as belas razões de Vossa Mercê não sei que diga a esta fama póstuma, que tão má é de apetecer, segundo nos quer persuadir Feijó, inda que seja para confirmar um Paradoxo.

Tenho-me eu com o Autor do *Governo do mundo em seco*, que é um pobre Bacharel, o qual não tem mais livros que uma Bíblia, e uma Prosódia, e contudo está agora imprimindo um tratado das *Borbulhas da Língua Portuguesa*, a que ajunta uma exposição de *Vilico iniquitatis* do Evangelho e uma comédia intitulada: *Talhada está a razão para quem há de comer*: cuja notícia de tal miscelânea, só pelo convite dos títulos tem metido em grande expectação aos curiosos de semelhantes ridicularias.

Eu por hora, amigo e Senhor não estou com ânimo de continuar o meu *Mapa*, suposto ter junto [fl. 16v] suficientes materiais com indizível fadiga; mas pelo que tenho experimentado não são os nossos Portugueses merecedores de que nenhum nacional se desvele neste tratado e assim me voltei outra vez a

*Ler Livros de geolhos
Divinos que mal entendo;
mas fossem dignos meus olhos,
de cegar sobre eles lendo.*

como bem diz o nosso Sá de Miranda. Este santo projeto me animou a compor uma *Vida do Senhor S. José*, e seu Patrocínio, a qual já está muito adiantada; mas antes sairão a público os motivos para o amar, e a sua Novena. Nestas devoções é que cuido; e pesame não ter mais tempo para continuar a 2.^a parte da *Vida de Cristo*, ou os *Atos dos Apóstolos* e estabelecimento da Igreja de que tinha escolhidos aparatos, antes do estrago do terremoto.

Deus Senhor Nosso nos dê saúde, vida, e graça, e Vossa Mercê a mim muitas ocasiões em que experimente a minha boa vontade em o servir. Lisboa, 16 de setembro de 1758.

De Vossa Mercê muito venerador
João Bautista de Castro

**CARTAS DE FRANCISCO DE PINA E MELO
A MANUEL DE FIGUEIREDO**

1.

Senhor Manuel de Figueiredo,

Há muito tempo que conheço o nosso Portugal sepultado na mais intolerável rusticidade de não responderem alguns homens às cartas, que se lhe escrevem, especialmente os Ministros, que subiram aos Tribunais com os sapatos ainda sujos no lodo da sua origem: em todas as Nações polidas não se falta nunca a esta civilíssima recompensa; e eu tenho pelo espírito mais bárbaro ao que se agrada desta miserável grosseria; e assim não podia praticar o que abertamente condeno; porque a cortesia tem menos desordens, que aquelas paixões, com que dizia Ovídio: *Video meliora, proboque deteriora sequor*.

Estimo que Vossa Mercê se agradasse das duas respostas, que dei aos reparos feitos ao *Triunfo da Religião*; ainda que têm algum sal, e pimenta, foi-me preciso meter-lhe outros adubos mais doces, por não sair tão picante, como os Críticos mereciam; porque um homem de bem deve sempre sustentar o carácter de um Escritor sisudo quando pega na pena.

A crítica é boa, se se encaminha à utilidade pública, e a dar o devido peso às Obras, para que os Leitores se não enganem, e adquiram erros nos seus estudos em lugar de uma proveitosa instrução; porém este modo de criticar, que é louvar o bom, e acusar o mau, ainda se não aprendeu nas nossas Escolas, porque nenhum dos nossos Mestres gosta de mel, e de manteiga. Não temos crítica, que não seja filha da inveja, ou da emulação; e o melhor despique, que podiam ter estes Críticos para contentar estes dois terríveis afetos, era fazer outras Obras melhores, que aquelas, que condenam: é fácil o criticar, difícil o compor pela grande distância, que vai da prática à especulação.

Agradeço a Vossa Mercê muito o dar-me o gosto de ler estas Poesias, que me remete; e não posso deixar de confessar que Vossa Mercê tem um génio muito especial para o estilo pastoril; pois não carecendo do sublime as Oitavas, fiquei muito mais satisfeito com as duas Obras rústicas; porém peço a Vossa Mercê que me não obrigue a interpor o meu juízo sobre estes Poemas, nem sobre aqueles, com que quer favorecer-me; pois além de reconhecer que não tenho capacidade para ser bom Juiz, têm-me sucedido vários desastres com vários reparos, que me obrigaram a fazer em outras composições; pois de uma expressão moderada e sincera sempre resultou uma inimizade quase irreconciliável: o que posso dizer com verdade é que a substância destas Poesias é excelente, e tirando-lhe Vossa Mercê algumas vozes, que não se admitem na pureza da nossa língua, como “oferenda”, “languir”, etc. e tal, ou qual verso menos cadente, e que não fere na sexta sílaba, o que é indispensável, parece-me que ficarão livres de toda a censura: “Peitos descaídos, e saborosos beijos” são termos, que talvez os nossos Censores não queiram consentir, porque a ignorância se tem feito muito escrupulosa.

Eu não sei se Vossa Mercê fez bem em dar vinte anos à especulação Poética, devendo-os dar à prática; pois com ela é que melhor se consegue a facilidade, e o bom conhecimento da Poesia; e ainda que ao princípio se fazem maus versos, quem tem génio vem a fazê-los bons pelo uso: o melhor modo de os fazer é ter muita continuação dos Poetas Latinos, e dos Vulgares; escolhendo os melhores, e os mais naturais; e ao depois fazer muito por imitá-los até constituir um carácter próprio de poetizar, e formando de várias espécies um todo, aonde com o espírito dos outros se venha a fazer um homogéneo, e próprio entusiasmo. A Poesia necessita de um grande, e profundo estudo; e como esta

arte vale tão pouco na nossa Província, eu dissera que se não exercitasse com esta aplicação, e quando muito por divertimento. Desejo que Vossa Mercê me ocupe no seu serviço quando lhe tenha algum préstimo, e lhe mando por ora esses papéis para gastar alguns instantes vagos; e no de folha verá Vossa Mercê o que eu disse sobre a minha *Balança*, e novo Método de estudar: há outro papel, que se está imprimindo muito maior do que este sobre a defesa da mesma *Balança*, que se intitula *Conferências expurgatórias*. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos. Montemor-o-Velho a 14 de abril de 1759.

Muito obrigado, e servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

2.

Bem foi que chegassem a salvamento os papéis, que remeti a Vossa Mercê, que muitas vezes sucede padecerem seus naufrágios no correio; e fico mui satisfeito de que Vossa Mercê se agradasse deles; e eu também gostei muito de ver os de Vossa Mercê, porque na substância não tem coisa, que não seja digna de louvor. Os reparos, que lhes podem fazer os escrupulosos, têm fácil emenda, de que Vossa Mercê mesmo pode ser o censor. No gosto, e arrebatamento, que Vossa Mercê encontra na Poesia, eu dissera a Vossa Mercê o que dizia o famoso António Rodrigues da Costa ao Conde do Vimioso, hoje Marquês de Valença, na censura, que fez dos seus Epigramas;

Illud tamen maxime considerandum, omnia, quae facimus hominus, aut esse ad vitam necessaria, aut voluptatem tantum spectare: illa quomodocumque facta sint, usui sunt: haec nisi perfecta sint, despectui. Inter ea, quae tantum voluptati dicantur praecipua est Poesis, ideoque si paulo a summo decessit, vergit ad imum Sustine tantisper impetum adolescentiae tuae, et habebis te ipsum, si quid opus erit, tui ipsius castigatorem peridoneum, nec alieno indigebis auxilio.

O que não basta para eu deixar de alcançar o favor das suas Obras, porque não me suponha tão escrupuloso como alguns Aristarcos do nosso Portugal, que comumente censuram, e não empreendem; e suposto que eu tenha feito propósito de não parecer engenhoso com livro alheio, pelos desgostos, que me têm entrado em casa sobre a minha sinceridade, não deve Vossa Mercê castigá-la, privando-me de tão gostosa leitura.

Vossa Mercê acharia muito que admirar no Teatro Grego, porque esta Nação levou os Poemas Dramáticos ao maior auge, e perfeição, que podia conseguir o entusiasmo Poético; porém as suas traduções não desempenham toda a bondade destas Poesias: o que podíamos suprir com as Tragédias de Corneille, e Racine, se eles se não apartassem tanto das regras de Aristóteles, querendo dissimular as dificuldades desta Poesia com novos preceitos desconhecidos da antiguidade. O acerto não tem senão um caminho, quem se aparta dele precisamente há de caminhar pelo erro.

O Camões, e o Lopo são mui dignos de que estejam sempre abertos na banca de Vossa Mercê. Do Sá não se pode tirar mais do que a substância: dele diz D. Francisco Manuel – “Poeta até o umbigo, os baixos prosa” – A Lopo da Veiga foi-lhe mal a fecundidade: Diogo Bernardes não tem bom senão o que furtou de Camões.

Dos Poetas vulgares, exceto bem poucos, quase nada se pode tirar: na falta dos Gregos são os melhores os Latinos: este é o melhor estudo da Poesia, ainda que nem todos são bons: Virgílio é o primeiro: os Franceses não querem que Ovídio seja o segundo pelo muito que adianta o furor poético; porém este Poeta pela sua doçura é mui digno de não sair nunca de cima do bofete: Juvenal, Catulo, Tibulo, Lucrécio, Pérsio, lidos com cautela são admiráveis; Pérsio também entra nesta conta: o Séneca trágico, Lucano, Claudiano, Estácio, etc. já não fazem comparação com estes. Nos Romances é Góngora um portento nos versos pequenos: Quevedo no jocoso é incomparável. O moderno D. Eugénio Gerardo colocou a Poesia Lírica na eminência do Pindo; e não é menos no joco-sério. Como Vossa Mercê segue a Poesia por divertimento, não fará caso do pouco fruto, que dela se tira na nossa província: os outros estudos, como Jurisprudência civil e Canónica, Medicina, etc. ainda produzem suas utilidades, porque são ciências mercenárias: os Poetas não têm outra grinalda que a das folhas de louro, que só foram frutíferas na idade de Augusto, e na de Luís o Grande de França.

Torno a afirmar a Vossa Mercê que no verso de onze sílabas é indispensável que deixe de ferir na sexta, isto é, que esta deixe de ser aguda; e todo o verso hendecassílabo, que assim o não fizer, precisamente há de estar errado: se eu tenho alguns nas minhas Poesias, como Vossa Mercê diz, que não cumprem com esta lei, estão errados todos os que se apartarem dela; e eu desejo que Vossa Mercê me insinue alguns desta qualidade, porque confessarei o erro ingenuamente.

Por reduzir esta matéria à brevidade possível, deve Vossa Mercê reparar em que temos três espécies diferentes de sílabas com acentos, umas, que se chamam graves, outras agudas, outras esdrúxulas. As graves têm acento na penúltima sílaba, como “entendimento”, as agudas o têm na última como “inteleção”. As terceiras na antepenúltima, como “ondívago”, e “hendecassílabo”, sempre uma destas sílabas, que se detém em cada uma das dicções, deve ficar na sexta; e para o verso ser totalmente formoso querem também os Críticos, que ele fira não só na sexta, mas na quarta, e na oitava sílaba; mas para ter cadência só se atende ao preceito de ferir na sexta. Aos nossos versos se lhes pode dar a medida com a mesma diversidade de pés, de que usaram Gregos, e Latinos, como Vossa Mercê pode ver na *Poética* de Luzán; mas para as primeiras instruções da sua medida bastará a advertência de ferir na sexta. É o que posso dizer a Vossa Mercê sobre esta matéria, visto se dignar de me perguntar: e em todas as mais do seu serviço tem sempre pronta a minha vontade. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos. Montemor-o-Velho a 28 de maio de 1759.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

3.

Estimo que me explicasse de sorte, que Vossa Mercê reconhecesse a dúvida, que podia haver sobre o preceito, que se tem dado à sexta sílaba; porque estas coisas melhor se dizem do que se escrevem: eu não deixei de nomear a Vossa Mercê a Fr. Luís de Sousa, e António Ferreira por não serem dignos de imitação; mas porque nem todos os Autores se podem trazer diante dos olhos: também pudera nomear-lhe, ainda que antigo, a Bernardim Ribeiro, que tem expressões excelentes, e admiráveis pensamentos. Dos vulgares Castelhanos pudera juntamente distinguir alguns: entre os nossos Portugueses é portentoso o meu Jorge de Montemor, especialmente na fábula de *Píramo e Tisbe*: Góngora não tem semelhante no Lírico: D. Eugénio Gerardo os venceu a todos nesta Poesia, e não é menor na joco-séria.

O Soneto de Vossa Mercê me parece que está muito genérico; pois se pode aplicar vagamente a toda a pessoa, que se quiser louvar: o terceiro verso do primeiro terceto devo dizer a Vossa Mercê que não está bom; porque o verbo “caie”, ou cai⁴, como Vossa Mercê escreve, faz duas sílabas, e aqui não cabia mais do que uma, e por este modo fica de doze. Nesta mesma equivocação caiu o famoso Miguel da Silveira no seu *Macabeu* com a palavra “caos”, que também deve ter duas sílabas, e ele a usa repetidas vezes com um. Eu emendei o verso desta sorte – “Sobre a roda fatal sente o desgosto” – “caie de desgosto” fazia melhor hipotipose; porém é melhor que se perca esta imagem do que faltar-se à constância do verso. O Soneto é o Poema mais difícil da Poesia entre as obras pequenas: são raríssimos os que são bons havendo infinitos. D. Luís de Ulloa tem um excelente nas suas obras, e ainda não deixa de ter defeito: o nosso Bacelar fez um à morte da Senhora D. Maria de Ataíde; que não há outro melhor no nosso idioma: é terníssimo o de Garcilaso, que principia “Ay dulces prendas”, etc., e também é boa a imitação, que lhe fez o Camões no seu “Alma minha”, etc., e é mal-empregado que principie por uma cacofonia: o de Jacob, e Raquel é o melhor, que têm as suas *Rimas*. Tem excelentes pensamentos o que começa “Porque quereis, Senhora, que ofereça”, porém está muito lânguido.

Eu estou envergonhado de me declarar tanto com Vossa Mercê; quando me consta por muitos meus amigos de Lisboa o desprezo, que faz das minhas trovas a nova Arcádia Lusitana, de que Vossa Mercê é um tão digno Consócio; e admira-me de que Vossa Mercê queira ouvir um homem, que está em tão pouca conta nesse sublime Congresso; que bem pudera advertir que para ser bom não era necessário dizer mal dos outros. Os que reconhecem a dificuldade da Arte, e génio poético perdoam, e não acusam as produções, que saem deste divino entusiasmo: eu bem sei que todo o motivo destas acusações é quererem que os Poetas de Portugal sigam a simplicidade Francesa; porém os que adquiriram as brancas em um contínuo estudo, têm para eles maior autoridade os antigos que os modernos; e à vista de tantos Poetas de espírito, que produziu o Pireu, e o Lácio não valem nada os Despréaux, os Rousseaux, os Racines, os Corneilles, etc., e eu não tenho visto de Poeta Francês coisa alguma, que me contente senão aquele Soneto de Monsieur Desborreaux, que principia – “Grand Dieu, tes jugements sont remplis d’équité”, etc. Despréaux tem uma boa Epístola às vitórias de Luís XIV; por sinal que acaba naquele verso – “Je t’attends dans deux ans aux bords d’Hellespont”, que ouvindo o Conde Bussi Rabutin, disse extemporaneamente – “Tan, ta, ra, ra, ton ton ton”.

⁴ “Cahe”, no texto de 1815.

Vossa Mercê perdoará as minhas tontices, de que Vossa Mercê tem a culpa, pois me obriga a proferi-las; e me dará sempre muitas ocasiões de servi-lo. Deus guarde a Vossa Mercê muitos anos, a 25 de junho de 1759.

Muito obrigado servidor de Vossa Mercê
Francisco de Pina e de Melo.

**CARTA CRÍTICA DE FRANCISCO DE PINA E MELO
AO DOUTOR JOÃO GOMES FERREIRA**

Meu amigo e Senhor

Sempre fico contentíssimo, quando recebo carta de Vossa Mercê, e muito mais vindo acompanhada com a notícia da sua boa disposição. Não se pode dizer, que são novos elogios com que Vossa Mercê ilustra as minhas trovas, e lhes dá o merecimento, que elas não têm; porque há muito que Vossa Mercê me honra com estes aplausos: o que só pode ter desculpa com o afeto de Vossa Mercê. Vossa Mercê se agrada da descrição da vida campestre, e talvez que ela não alcance este favor senão pela sua mesma rusticidade, achando-se nela o que dizia Ovídio:

Conveniat rebus nomina quoque suis.

Aqui notará Vossa Mercê um admirável impulso da Providência, permitindo que Vossa Mercê me louve ao mesmo tempo que têm saído contra mim tantos Aristarcos do nosso Reino, que se têm convertido em momos, não só para atassalharem as minhas Poesias, mas as minhas prosas. Ainda que elas fossem melhores sempre me havia de consolar com o sucesso, que teve a *Ilíada* de Homero na boca daquele animal que se não pode nomear sem pedir perdão aos circunstantes.

Dizem que os críticos mais cruéis que têm saído a campo são os famosos Pastores da nossa Arcádia Lusitana: e tendo notícia, que a maior parte destes senhores se acham ainda naquela idade que rosto anima – com tinta vegetante o seu prelúdio – parecia-me que seriam necessários uns bigodes postiços para fazerem o papel de censores. Imitando o Autor do *Novo Método* com o nome de Barbadinho.

Lástima é, que as crianças que caem aos pés das Parteiras lhes nasçam logo as barbas! E ainda é pior para acrescentar a monstruosidade, que com as barbas lhe venham logo os dentes para morderem na clava de Hércules. Clava tão dura, que todos os que a mordem saem feridos e com os beiços ensanguentados.

Eu quando ouvi, que se estabelecia uma nova Academia em Portugal, seria para que os seus Pastores cultivassem os brejos incultos, e agora vejo que acrescentam espinhos nas terras maninhas.

Vossa Mercê cuidará que eu me mortifico com estas empresas dos engenhos da nossa era. Posso dizer a Vossa Mercê que desejo rir-me, e que mo impede a lástima que sempre tenho destas e de outras ninharias; e por mais que pretendo fazer a figura de Demócrito, sempre ajunto as sobrancelhas, e fico com o semblante de Heraclito. Que coisa mais digna de chorar-se, do que um menino que ainda fede aos cueiros, queira empunhar a vara censória e queira ser Mestre antes de ser discípulo. Porém, saiba Vossa Mercê que ainda crianças, como são estes nossos novos Poetas, e que lhes é necessário trazerem babadouro para não sujarem a camisa, ainda assim imitam a velhacaria de Tibério, de quem se disse:

Aliut in lingua promptum – Aliut in pectore clausum.

Pois aquele mesmo Árcade de que Vossa Mercê me manda uma obra neste correio, e que entre eles parece que faz a primeira figura, me está consultando quase todas as semanas sobre as suas Prosas e Versos, pedindo-me que lhas emende, com a maior eficácia, e posso encarecer a Vossa Mercê o que não tenho feito por modéstia própria.

Enfim, este ajuntamento é uma Francesada, que intentou passar a moda dos vestidos para a Eloquência; e que por falta de espírito e de verdadeiro conhecimento desta faculdade empreendem constituir um novo método, em que até as saloias possam ser espirituosas e discretas. Isto sucede, e sucederá a todos aqueles, que chegando à raiz do Pindo não se esmorecem com a altura do Monte, mas não podem levantar os olhos para a elevação do seu cume. E como não têm asas pretendem que todos sejamos répteis para arrastarmos o peito pela terra. Miserável Pedantaria, e que não merece outra vista mais que a do desprezo.

Deixe Vossa Mercê caminhar esta gente sobre as suas muletas, que a posteridade há de fazer justiça, posto que os besouros queiram sufocar as vozes da fama com o seu importuno zunido. Vossa Mercê agradecerá da minha parte às pessoas que se opõem a esta cascavelada toda a mercê que me fazem: O correio é grande, e por isso me não posso demorar mais com Vossa Mercê a cujas ordens fico etc.

Francisco de Pina e de Melo

**CARTA DE FRANCISCO DE PINA E MELO
AO CONDE DE OEIRAS, JOSÉ SEBASTIÃO DE CARVALHO E MELO**

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor,

Tomei a confiança de fazer esse epitalâmio que remeto a Vossa Excelência, e não sei se uma lira tão desconcertada era digna de um assunto tão sublime. A oferta não condiz com o desempenho; mas ao que não pode apresentar aromas, não se lhe devem desprezar as espigas, porque o preço das vítimas está mais na devoção, que na pompa.

Além da fraqueza, e dos erros da versificação, que ninguém melhor, que Vossa Excelência os conhece, não deixará de haver alguns na formalidade das árvores, que não pude conferir com pessoa mais hábil, do que eu, nestes estudos, porque depois da morte do Senhor Conde da Ericeira, de meu primo Martinho de Mendça, do P. D. António Caetano, e de Joseph Freire de Monterroio, não conheço outros, de quem se possa confiar uma decisão genealógica; e ainda nestes havia bastante variedade, especialmente quando era necessário procurar entre as sombras dos séculos mais escuros a origem das famílias.

Se o epitalâmio for digno de que Vossa Excelência lhe ponha os olhos, vai para parte, aonde se purifique destes defeitos, que se não podiam evitar em uma terra tão inculta, como a desta Aldeia, da qual se pode também dizer tudo o que Ovídio suspirava na barbaridade do Ponto:

*Siqua videbuntur casu non dicta Latine,
In qua scribebat barbara terra fuit.*

Fico como devo aos pés de Vossa Excelência, com o mais profundo respeito. Deus guarde a Vossa Excelência muitos anos: Montemor-o-Velho a 3 de dezembro de 1763.

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Oeiras
Seu mais afetuoso, e fiel criado
Francisco de Pina de Sá e de Melo

CARTAS DE FRANCISCO DE PINA E MELO
A FREI MANUEL DO CENÁCULO

1.

[fl. 374]

Meu amigo e senhor. Desde o princípio da semana passada caí na cama com um defluxo, acompanhado de bastante febre, de que ainda fico pouco convalescido; e a maior moléstia que me tem dado, é não ter lido nem escrito até'gora coisa alguma; e ainda agora faço estas duas regras sem poder, e só por sustentar a estimável correspondência de Vossa Reverendíssima, a quem beijo a mão pelos favores que lhe devo, e pelo conceito que faz da minha aplicação, que na verdade é bem inútil por mais que a benevolência a queira solenizar, e dar-lhe maior valor do que ela merece.

Não era necessário que Vossa Reverendíssima tivesse lido o que diz de mim o Abade de Sever, porque a sua grande penetração teria alcançado, que depois de grandes fadigas literárias, de que tirei bem pouco proveito, ou pela minha rudeza, ou porque as ciências que se fundam na opinião, não podem produzir alguma utilidade, reduzi todo o meu estudo à Ética e ao dogma; o que se não acha muito bem explicado na Biblioteca de Diogo Barbosa, pois até me não acertou com a Pátria, pois sendo serrano, me fez camponês; e de umas coisas pudera dizer mais e de outras menos, de feito bastantemente comum em quase todos os Dicionários.

Eu reputo a Ética de Aristóteles melhor que a de Platão só pela parte de que este fez a sua abstrata, e a do seu Discípulo é concreta. Aristóteles regulou-se mais que o Mestre pelo coração do Homem: contudo se me perguntarem se é boa a moral de Aristóteles, direi que o não é para a Religião Ortodoxa, porque é demasiadamente humana; e também poderei dizer que muitos santos Padres [fl. 374v] a tiveram por bastantemente perigosa para a mesma Religião; pois dispondo todos os preceitos éticos pelo coração humano, os faz independentes do seu principal objeto, que é o mesmo Deus único fim a que devemos dirigir todas as nossas ações; e por esta causa entendeu Santo Agostinho (voto e grande peso) que a Ética de Platão com todo o entusiasmo de que a acusam é muito melhor que a do Estagirita, e chega a dizer que se Platão vivera como os Apóstolos tivera a sua Ética convertido grande parte do Mundo.

Eu estimo muito ouvir da boca de Vossa Reverendíssima que a Teologia especulativa a reputa hoje como o seu xadrez, e que se pode contar entre os brincos especulativos; porém as suas matérias como as julgo bastantemente cansadas, não dissera a nenhum dos meus amigos que se divertisse com elas; pois para brinco são muito sérias; e para sérias são muito inúteis: Enquanto se brinca com fadiga se pode estudar com desafogo a Teologia Positiva, expositiva, dogmática, e Polémica.

Pelo que toca a Raimundo Lullo, vejo-o condenado, e defendido; e basta a defesa do papel que Vossa Reverendíssima me mandou para procederem os mal intencionados com mais cautela nas suas acu[s]ões: eu quando vejo estas questões no teatro, sempre me inclino para a parte mais piedosa; porque o demais é ser verdugo; mas ainda que sempre desejo livrar-me da infâmia de carrasco, nunca me meto na ousadia de querer ser juiz: Lá se avenham os Dametas e os Menalcas com os seus argumentos [fl. 375] amebeus que eu acho melhor, que o de Paris, o ofício de Palémon.

Vossa Reverendíssima não pode deixar de dizer que é muito do seu gosto a *Art de penser*, tendo-o lido dos melhores espíritos do nosso século. O seu Autor bem poderá ser Arnauld, ou Nicole, ou outro algum de Porto-real, família que tem dado tanta glória a sua Pátria; porém o P. Rapin, que sem embargo de ser Peripatético, faz dela um grande elogio

a atribui a Pedro Mounyer, Médico de Grenoble; e como este livrinho se viu a primeira vez entre as obras do Padre Fabre Jesuíta, e Rapin é também Jesuíta; parece-me que ele teria melhor razão que o Adicionador de Moreri para dizer e afirmar que este Médico fora o seu Autor, e um homem de tanta clareza, e retidão de juízo aplicado à Medicina não sei como não foi o melhor Médico que teve França.

Estimo que Vossa Reverendíssima se contentasse da verificação do meu Poema: Para contentar o génio Espanhol foi algumas poesias de mais pompa que substância: porém um poema é obra para todas as Nações, e devia ser no estilo que quase todas amam: Por essa causa foi bastante estudo em que a dicção, o termo, a frase, o período, não levasse alguma daquelas sombras a que os Franceses chamam galimatias. A dificuldade estava em sustentar esta clareza em matéria tão delicada como a da Polémica, e que nela não perdesse nada a harmonia, a constância, e a valentia do verso; e sendo esta uma grande dificuldade, havia [fl. 375v] outra muito maior que era satisfazer a todos os preceitos da arte Poética de Aristóteles em um assunto tão novo, e em uma epopeia tão estranha à da *Iliada*, e *Odisseia* de Homero em que este Filósofo fundou as regras da Épica.

Tudo isto vai explicado em um “Prolegómeno” que precede ao Poema que consta de cento e tantas páginas.

O Natal vem perto; e cessam os estudos por um par de dias: era boa ocasião de Vossa Reverendíssima cumprir a palavra de vir abençoar esta sua casa, dando-me no entanto muitas ocasiões de o servir. Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos
Montemor-o-Velho a 19 de dezembro de 1753.

Muito amigo e querente de Vossa Reverendíssima
Francisco de Pina e de Melo

[fl. 376]

Reverendíssimo Senhor Fr. Manuel do Cenáculo,

Meu amigo e senhor do coração. Nosso bom amo D. Joaquim Bernardes me dá neste correio a notícia do Provincialato que a Vossa Reverendíssima se conferiu por nomeação do Padre Geral: presumo que Vossa Reverendíssima se persuadirá do gosto que recebi com esta promoção, pois não desconhece os meus antigos afetos, o quanto me interesse nos seus bem merecidos aumentos, que por maiores que sejam nunca poderão igualar as suas altas qualidades.

O Desembargador Constantino me avisou há tempo que remetesse a Vossa Reverendíssima a lâmina do Retrato do Papa Benedito XIV: fiz toda a diligência por ela, e não foi possível descobri-la: mas como de arrecadada é que estava perdida, apareceu há poucos dias, sem se procurar: Vossa Reverendíssima me avisará pela via, que lha hei de remeter.

Dê-me notícias do Padre João da Anunciação Pomba, e do Mestre Maine; e faça-me o favor de lhe dar muitas recomendações, e de me conceder o gosto de ocupar-me no seu serviço.

Deus guarde a Vossa Reverendíssima muitos anos, Montemor-o-Velho a 11 de abril de 1768.

De Vossa Reverendíssima Muito amigo e mais fiel Venerador
Francisco de Pina de Sá e de Melo

**ORAÇÕES DE FRANCISCO DE PINA E MELO NA ACADEMIA DOS OCULTOS,
SEGUIDAS DE “QUAL É E EM QUE CONSISTE O ESTILO SUBLIME”,
DE PEDRO CORREIA GARÇÃO (NA MESMA ACADEMIA)
(1751-1755)**

PRÁTICA
(Conferência de 28 de abril de 1751)

[fl. 70] Que pode articular um pato do Mondego entre os Cisnes do Tejo? Com a mesma perturbação se achariam as aves do Cefiso nas margens do Meandro: Eu me considero como a Coruja, que lançada por hum estranho arrojo à Claridade do dia, não sabe aonde procure a Noite para sair do seu deslumbramento. Costumado às sombras da minha soledade me cega a multidão dos Resplandores: Passo da Caverna de Morfeu para a Casa do Sol, aonde encontro, com a admiração, o que Ovídio não alcançou com o fingimento: sustentam o palácio de Apolo não as sublimes colunas dos Carbúnculos, mas quantos Astros poéticos rodeiam este científico, e esplêndido Círculo. Aqui se dilata o Oceano da Sabedoria; aqui o Mundo das belas Letras: Aqui supera o artifício a matéria, unindo-se a natureza com a arte: Aqui preside finalmente outra Divindade mais ilustre, que Febo; que querê-la imitar na sua eclíptica seria outra ousadia maior que a de Faetonte.

Com o benéfico influxo dos seus raios de que vegetam as flóridas estâncias de Minerva: cheios estão os Alegretes das flores da Retórica; e armadas as Rosas de Silvas se convertem os bicos em agudezas.

Quanto mais me considero nesta bendita Representação dos Elísicos, mais me persuado incapaz de uma Memória que me arrancou das águas do [fl. 70v] Letes; pois não tenho impulso, que não pertença ao esquecimento: Porém de que me admiro se estas são as Virtudes da Vara de Mercúrio? Quem poderia tirar uma alma do seu profundo letargo, senão aquela força, com que se orbicula no caduceu a imagem da Eloquência? Quem podia banhar de luzes a minha escuridade, senão aqueles reflexos que temperam as abas do galero em um divino semblante?

Quem podia dar-me alento para subir a uma altura tão imensurável, senão aquelas asas, que se batem na eficácia dos talaes? Não se diga que os indignos não voam, quando há Deidades, que os patrocinam. Tanto mais viva se me faz esta consideração quanto maior deve ser o meu agradecimento: Mas que palavras serão bastantes a tão alto desempenho? Eu adoro o benefício, e só posso reconhecê-lo com o silêncio.

Disse Francisco de Pina e Melo

LOUVAR A POESIA
(Conferência de 18 de julho de 1751)

Foi presidente Francisco de Pina e Melo

Problema: Qual juiz está mais em perigo de faltar à justiça o amigo ou o inimigo da parte.

[fl. 90] Oração do Presidente na Conferência de 18 de julho

Se houvera Águias para conduzir Espíritos à eminência de Parnaso, assim como os houve para arrebataram Ganimedes às alturas do Olimpo nem este Ilustríssimo congresso estranharia hoje a minha exaltação, nem eu me confundiria no rapto com que sulco as esferas, aonde só um alto preceito poderá alentar a minha cobardia, ou desculpar o meu atrevimento.

No frontispício da tribuna de Minerva serve de brasão aquela ave noturna, que alegoriza a fadiga das ciências, ou que desempenha as sentenças de Ovídio que não descansa em brando leito de sabedoria: Esta poderia ser outra ave, que se atrevesse a imitar a sua Rainha, se os seus giros pudessem competir com os seus intentos, ou se as suas pestanas forem capazes de sofrer os resplandores: Já sei que me não servirá de alcândora a lança, quando necessito da guerra, nem me [fl. 90v] conduzirá o Egicla (sic) sobre as asas dos Cisnes, pois naquela remontada claridade, não saberá a carranca de Medusa transfigurar em estátuas os homens, quando o semblante de Febo espiritualiza os bronzes, e faz sensíveis os mármore.

Porém eu me vejo no cume e reconheço a distância, que vai de uma região celeste a um domicílio terreno e parece que ainda duvido da parte em que me colocou a fortuna, ou do impulso, que me elevou a tão excelsa, e luminosa tranquilidade.

Na porta deste métrico Palácio descubro um leão rompente em ação, não só de a cometer, mas de subir. Se este Príncipe das montanhas tivera asas, ninguém melhor felicitaria o meu arrojado sobre as suas espáduas ilustrando-se com mais esta circunstância a magnificência da Mouraria, aonde não há prenda, nem virtude, que não tenha patrono.

Batendo umas plumas do Espírito bebendo os raios de Apolo, e voando nesta generosa fera, poderia representar-se um grifo que não só servisse de novo timbre à pompa do escudo, mas de enigma à minha inesperada presidência.

[fl. 91] Não temeria que se deslumbrasse em tantos reflexos: ainda melhor do que a Águia fitaria a vista no semblante do Sol comunicando-me este símbolo da perspicácia, ou da vigilância o privilégio de estar com os olhos abertos, quando me parece que sonho a minha felicidade.

Assim era preciso para descortinar desta Etérea elevação todos os prodígios que se representam em tão dilatado planisfério sem que a distância dos séculos, ou os fumos do entusiasmo os desfigurem, na alteração, na memória, ou no pensamento.

Daqui reconheço o Músico da Trácia suspendendo os rios, aplacando as tormentas, comovendo as serras, e domesticando os brutos.

Daqui ao Citarista de Aónia dando movimento aos penhascos para qualificar a muralha de Tebas.

Daqui ao Hércules Gálico, não como o Tebano vencendo ferozmente os monstros com a fulminante clava, mas atraindo as povoações com as áureas cadeias da sua língua. Tão vivamente se figuram estes portentos da [fl. 91v] Harmonia, que os oferecem ainda mais os exemplares, que a memória.

Quando eu vagava sem assunto pela determinação do Oráculo, não quis acaso mas providência que me confrontasse com tão milagrosos objetos para não ter escolha entre a

cítara de Amplion e a lira de Orfeu, pois em tanta suavidade, em tão harmónico concurso não pudera aceitar outro argumento mais que os louvores da Poesia, tão próprio deste lugar, que nele é que se funda toda a sua existência.

Mas ainda me encaminha o arrojo da minha Ideia? Bem que me desculpem os impulsos do génio, como me poderá salvar a dificuldade do empenho? Serei talvez como um novo Prometeu que subindo à quarta esfera pretenda arrancar os raios do luminoso planeta para servir nas solidões do Cáucaso de outro lastimoso exemplo?

Referir os elogios de uma profissão tão soberana seria numerar todas as areias das praias, dividir todas as luzes do firmamento, reduzir todo o Oceano a uma concha.

[fl. 92] A Poesia é o idioma dos Deuses que a mesma natureza influiu na primeira idade do mundo: Primeiro que historiadores houve Poetas, porque os homens falaram em verso antes que se conhecesse a prosa.

Por isso Platão chama os poetas filhos, e intérpretes das deidades de que tomou o nome Ovídio o conceito de que estava Deus na sua inteligência quando se arrebatava com o seu entusiasmo. (sic)

Que juízo merece um ímpeto canoro que nem é arte para os preceitos, nem ciência para os discursos, nem faculdade para os exercícios, sendo somente um esplendor divino, como lhe chama Lactâncio?

O quanto reconheceram esta dádiva celeste os tempos dourados ainda nos longes da antiguidade estão fumegando os mármore frígios na *Ilíada*, e os campos latinos na *Eneida*.

Pode Troia fazer ditosa a sua desgraça com o canto de Homero, e Roma felicitar a mudança da Monarquia com a Música de Vergílio: O Xanto já não murmura da vingança da [fl. 92v] Grécia, nem chora o Tibre a irrupção do Lácio depois que um, e outro Poeta exaltou o Ílion, e enobreceu o Capitólio. Contenderam sete cidades pela Pátria do primeiro, levantava-se o Povo Romano à presença do segundo.

Licurgo tão austero nos seus estudos mandou levantar estátuas de bronze a Ésquilo e Sófocles. Arcádio, e Honório a erigiram a Claudiano: Augusto deu a Prefeitura do Egipto a Cornélio Galo: Domiciano conferiu a Sílio o consulado: Alexandre entre o furor das suas armas livrou a casa, e família de Píndaro.

Hoje o mundo está com mais jactância de político se reputa a Poesia por loucura na nossa Lusitânia. Julgamos por demência o furor poético quando todas as nações o avaliam por um indulto celeste: Que maior demonstração de estarmos ainda sepultados nas sombras do Ocidente.

Contendem em Portugal todas as artes, e ciências pelo prémio, e pela fadiga [fl. 93] dos estudos; só a Poesia não entra no circo por ser infrutífera a coroa de louro. Ó quantas saudades nos faz o Rein[a]do de Augusto, quando; com melhor arte que a hermética convertia em ouro os versos de Virgílio: se fossem deste metal as grinaldas de Apolo mudariam de profissão as escolas, e de conceito as Musas, bem que se maculassem na indignidade de atenderem menos à fama que ao interesse.

Mostrando-se as outras Províncias mais ambiciosas, que a nossa, sempre nos arguiram desta nossa avareza por lhe não chamar barbaridade. Em todo o orbe político estiveram ardendo as labaredas do Pindo como provam na Itália os Dantes, os Petrarcas, os Garinos, e os Tassos: Na Espanha os Menas, e os Veigas: Na França os Corneilles, os Molières, e os Racines. Bem vejo que também temos no nosso Portugal um Luís de Camões, um Gabriel Pereira, um António de Sousa, um Vasco Mouzinho, e que até às mulheres se estendeu [fl. 93v] esta preciosa chama como se viu em Violante do Céu, e em Bernarda Ferreira: Mas eu não me queixo de uma Idade de Ouro. Lamento-me de um Século de Ferro, aonde a um Exmo. e grande Conde de Tarouca e ao da Ericeira, a um

Júlio de Melo e um Manuel de Sousa Moreira lhe foram necessárias outras prendas, e qualidades para sustentarem a estimação deste ilustre bem que desprezado o exercício, quando no mesmo tempo florescia Voltaire em França, a quem esta nação chamava seu novo Apolo, e Poppe em Inglaterra, a quem Jorge segundo mandou dar cem mil cruzados pela tradução da *Iliada*.

O mesmo instituto da nossa academia acaba de verificar este pensamento, pois tomando o nome de Académicos Ocultos parece que se envergonham de saírem ao Teatro da Sorte com um empenho tão mal reputado.

Mas de quem? Será mordacidade o dizê-lo?

[fl. 94] O assunto jocoso desta Conferência pode ser que o diga, sem que me tenham por Silografo⁵ o valer-me de expressão alheia para proferi-lo. Todos os que julgam que Pão é mais estimável que Apolo, provarão na monstruosidade das orelhas a desgraça de Midas.

Dizia um mancebo a Aristóteles que não podia perceber a harmonia de Número: Ó quantos mancebos, e velhos a desconhecem. Não se julgue pois, por nous (sic) de que eles a desestimem. O que fazem os raios de sol nos olhos bastardos fazem os alentos poéticos nos ânimos rústicos: os resplandores, para uns são Lux para outros deslumbramento, a sonori[da]de a uns atrai como aos Delfins, a outros enfurece como aos Áspides. Não é culpa do Luzeiro, ou da doçura, é desconcerto da vista, ou da alma.

Se as feras da Trácia eram tão políticas, e as penhas de Tebas tão sensíveis que se persuadiam da consonância, que consequência [fl. 94v] podemos tirar, dos que se enfadam com a música.

Sem vergonha o não digo, que a razão de algum não ser por versos excelente. É não se ver prezado o verso e rima, que quem não sabe a arte não a estima.

É tempo senhores de sairmos qual outro Teseu deste tenebroso labirinto, deixando vencido ao Minotauro da Ignorância, ou da Rusticidade.

Desvançam-se estas injuriosas sombras com os ardores de Hilicona e nunca melhor do que hoje podemos passar ao hemisfério das Luzes estando colocado este nobre congresso em um lugar tão eminente, que pode alcançar a diferença que vai do Tártaro ao Olimpo. Ponhamo-nos manifestos e risquemos o apelido de Ocultos nas lâminas da memória.

As alturas não podem [fl. 95] estar escondidas, nem nos astros, que cingem esta dourada circunferência devem como os cometas porem-se umas vezes patentes, outras retirados, pois o seu giro não é como fingem os Astrónomos modernos muito além dos pontos da nossa vista, pela distância dos círculos, porque o cume do Parnaso tanto tem de inacessível como de manifesto.

Não sejamos como os silenos de Alcibíades, que dissimulavam as preciosidades no desconcerto, ou na ficção dos aspetos: conhecemos publicamente a nossa nobilíssima aplicação; pois com tão alto patrocínio já se não desmentirá na desatenção a inveja e virá a mesma dificuldade a servir de estímulo, ou de exemplo.

⁵ Silógrafo.

3.
QUAL É E EM QUE CONSISTE O ESTILO SUBLIME
por Pedro Correia Garção, 1755⁶

[fl. 170] Como vós mesmos Ilustríssimos, Excelentíssimos, sapientíssimos senhores; me assignastes a matéria do presente discurso, estais obrigados a desculpar os erros, que descobrir nele a vossa perspicácia: mandais-me que diga qual é, e em que consiste o estilo sublime? Para eu adquirir a glória de obedecer-vos, basta-me, que sinceramente exponha o limitado conhecimento, que tenho desta delicadíssima teórica; mas para satisfazer à vossa expectação, era-me preciso ter o espírito de Longino, de Cícero, e de Quintiliano. Era-me preciso ter sacrificado toda a minha vida a este género de estudo. Era-me preciso ter já vencido mais tempo de vos ouvir, e que as vossas lições tivessem acabado de polir a rudeza do meu talento. Vejo-me destituído de todas estas circunstâncias: Mandais-me que discorra sobre o estilo sublime: Venho obedecer-vos: forçosamente hei de errar: corra por vossa conta a minha apologia.

O estilo sublime⁷ é aquele modo de falar, mais elegante, e majestoso, com que os Poetas, e Oradores, não só dão a quem os ouve ou lê, uma simples ideia, do que eles pretendem narrar, ou persuadir; mas com que chegam a penetrar os corações dos ouvintes, a mover as paixões mais rebeldes, a arrebatam os ânimos, e a pôr-nos em uma espécie de êxtase, que nos transporta fora de nós mesmos. E este poderoso efeito da eloquência consiste em uma harmoniosa colocação de palavras magníficas, de esplêndidas sentenças, e de pensamentos sublimes, e extraordinários.⁸ Aqui é aonde têm lugar as mais atrevidas figuras da Retórica, as Apóstrofes, as Hipérboles, as Transições imprevistas, as Mudanças dos Números, dos Tempos, e das Pessoas, as palavras estrangeiras, e enfim tudo aquilo que concorre para nos adquirir uma faculdade de anunciarmos as ideias, que concebemos, com locução diversa da vulgar.

Não quero por isto dizer, que não pode haver sublimidade de pensamentos independente da pompa das frases. Todos sabem, que Longino tratou esta matéria no inestimável livro do sublime, que nos ficou daquele grande retórico; e ninguém ignora os evidentes exemplos, que ele produz para demonstração da sua doutrina; mas é igualmente certo, [fl. 170v] que se o sublime no discurso pode existir independente do estilo magnífico; o estilo sublime, não pode subsistir, sem a grandeza dos pensamentos.

Antes de entrar na discussão do meu assunto, quero-vos mostrar um exemplo daquele género de sublime, que brilha, e que arrebatam, sem o auxílio da pompa da retórica, antes pelo contrário parece, que toda a sua valentia consiste na simplicidade, (ficará mais sensível a diferença, que há entre um, e outro sublime) são as últimas palavras, com que Jacinto Freire conclui a *História da Vida de D. João de Castro*. Querendo este grande historiador mostrar o desinteresse, a independência, e a gradeza d'alma, com que D. Álvaro, filho daquele ilustre português, serviu à Pátria, e ao Príncipe nos mais altos empregos da Monarquia, sem abusar, nem da autoridade, nem do favor do soberano, acaba com estas poucas, mas riquíssimas palavras “Foi do conselho do Estado, e único Veador da fazenda; e entre cargos tão grandes, acabando valido, morreu pobre”.

Eis aqui o verdadeiro sublime do pensamento independente da grandeza do estilo. Que mais podia dizer aquele historiador, ainda que se servisse de toda as figuras da

⁶ As notas apresentadas constituem anotações no manuscrito.

⁷ *Decol. Rhet. cap. 7 §1 Lam. Art. de parl. L. 4 cap. 9 Long. Sublim. Aristot Poetic cap. 23 idem Retor. Lib. 3 cap. 2. Boil. tom. 3 Reflex. 10 Adisi. no Espretad. Jul. Caes. Scul. Poet. L. 4 cap. 2 pg. 421 Minturn. Poetica Lib. 4 Cavaleant. Lib. 5 p. 334.*

⁸ *Long. no Livro do sublim.*

Retórica? Ainda que escolhesse as mais soberbas frases? Tão longe estava de dar mais luz ao pensamento, que o faria menos sensível, menos ativo, e menos sublime.

Já vedes, senhores, que não é este o sublime, de que só devo tratar; mas também daquele, que consiste na nobreza da expressão, na composição, na colocação das palavras com harmonia, magnificência, e dignidade. Esta é uma das cinco origens, que o mesmo Longino assigna ao sublime; e elas têm entre si uma tal correspondência, que falando de umas, não poderei deixar de tocar nas outras.

Assim como o sublime do pensamento não se pode alcançar, sem uma natural facilidade de falar com graça, e com elegância⁹; da mesma sorte o estilo sublime vem a ser frouxo, e violento todas as vezes, que no Poeta, ou no Orador lhe falta este raríssimo talento, que é mais uma dádiva do Céu, do que efeito do estudo. A tão inestimável qualidade acompanha outra, que não é menor; quero dizer, uma elevação de espírito, que suscita, e que fornece pensamentos elevados, e [fl. 171] maravilhosos¹⁰; sem esta nobre virtude ninguém espere, que a posteridade lhe leia os seus escritos: com efeito é impossível, que um homem, que toda a sua vida teve pensamentos baixos, e humildes, possa jamais conceber ideias magníficas. Os gentios dalgumas partes d' África colocam nos seus Altares certas figuras enormíssimas, a quem tributam a adoração, que negam ao Supremo Criador do Mundo: costumados a não verem nada extraordinário, mais do que alguns monstros horrorosos, não podem conceber maior ideia da Divindade, nem dar melhor figura aos Ídolos, que veneram.

É preciso pois, que o Orador, ou o Poeta tenha uma certa grandeza de espírito capaz de produzir pensamentos grandes, e maravilhosos, e uma natural propensão para se explicar com termos nobres, e magníficos: Todos sabem, que Homero, e Virgílio devem a este talento a sua eternidade: O nosso Camões foi quase igual a estes grandes homens na sublimidade do estilo: assim a disposição, ou economia da Fábula correspondesse à grandeza da dicção: Para prova, do que digo não é necessário mais, do que abrir *Os Lusíadas*; em qualquer parte se topam exemplos desta grandeza d'alma, e sublimidade de estilo, como se pode ver no episódio do Cabo da Boa Esperança, que é enquanto a mim, o pedaço mais sublime daquele poema.

*Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece*

*Tão temerosa vinha, e carregada,
Que por nós corações um grande medo,
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo:
Oh potestade, diz, sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mor coisa parece, que tormenta?*

*Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta, e válida,*

⁹ Long. loc. cit.

¹⁰ Long. loc. cit.

[fl. 171v] *De disforme, e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida:
Os olhos encovados, e a postura
Medonha, e má, e a cor terrena, e pálida,
Cheios de terra, e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.*

*Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
Cum tom de voz nos fala horrendo, e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo,
Arrepiam-se as carnes, e o cabelo,
A mim, e a todos só de ouvi-lo, e vê-lo.¹¹*

Não vos parece, senhores, que estais vendo rasgar-se uma tenebrosa nuvem, e largar sobre as enfurecidas ondas, que cercam aquele Promontório, um gigante de grandíssima estatura, de medonho aspeto, falando com um tom de voz pavoroso, que parece sair do abismo das águas? À vista deste espetáculo, quem deixaria de assustar-se, de tremer, e de desmaiar? Entra o gigante a falar, tudo são ameaças, e presságios funestos, e espantosos! Quem se atreveria a responder-lhe? Não era preciso um coração magnânimo? Só para ouvi-lo, e vê-lo? Mas a grandeza d'alma, com que o Camões tinha nascido, não podia deixar de mostrar a sua força neste conflito; por isso Vasco da Gama, não deixa acabar os prognósticos da visão, levanta-se, interrompe-os, fala-lhe, e pergunta-lhe, quem é?

*Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado,
Lhe disse eu: quem és tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?*

Mas esta elegante pintura do Promontório, não teria tão grande força para mover a admiração, se a elevação do espírito, com que o Poeta ideou esta soberba imagem, não fosse acompanhada da grandeza da locução: A Hipérbole, a Metáfora, as Imagens, e as palavras magníficas, são as matérias, de que [fl. 172] se compõe este majestoso edifício, grande, inimitável, enfim sublime. Voltaire, falando desta passagem dos Lusíadas, confessa que isto é grande em todos os países¹².

A nobreza da expressão é uma das qualidades mais essencial do estilo sublime; com efeito a pompa das palavras é a que dá toda a luz aos pensamentos elevados¹³: ela os faz majestosos, e brilhantes: são as palavras nobres, as que entrando pelos ouvidos, chegam ao coração, penetram, movem, e arrebatam. São relâmpagos, que rasgando as nuvens, fazem mais espantosos os ecos dos trovões, e mais formidável a veemência dos raios; sem elas não só ficariam os pensamentos menos elegantes, mas impercetíveis: Do mesmo ouro, que por si só é uma matéria riquíssima, se fazem peças mais, ou menos preciosas, devendo-se à habilidade do buril, o excesso da estimação.

¹¹ *Canto 5 Est. 37*

¹² *Voltaire Tom. 1.º p. 331.*

¹³ *Long. loc. cit.*

Na Poesia ainda é mais necessário este artifício; porque sendo o fim de um poeta épico, por exemplo, mover a admiração, como o pode fazer com palavras ordinárias, ou plebeias? Às vezes se acha um pensamento, que a estar decorado com pompa e nobreza de termos, seria admirável, e pela falta de elevação de estilo fica desprezado, e reduzido à classe de ordinário. Para prova disto, não é preciso mais, do que tomar qualquer passagem sublime do Virgílio, ou do Camões, e mudar-lhe os termos nobres substituindo-lhe os comuns, e ordinários; e ver-se-á, que o pensamento, ou a imagem perde toda a sua força, e valentia.

Consiste pois a nobreza da expressão em usar das palavras mais nobres, e majestosas, menos vulgares, e menos plebeias; e aqui contra a opinião de muitos autores; mas não dos de maior autoridade, têm lugar as palavras estrangeiras^{14 15}.

O maior argumento que fazem os fautores deste prolixo sistema é, que consistindo a beleza da expressão na clareza das frases, e a clareza das frases na propriedade dos termos, se se introduzirem palavras estrangeiras, ficará o discurso confuso, e impercetível, e por consequência intolerável; Mas isto não é tão regular, como parece à primeira vista: Eu sou um dos que confessam, que o uso reiterado de palavras de outra língua fará a oração escura, e o estilo pueril; mas daqui não se segue que servindo-se um Poeta de outro dialeto, com prudência, e parcimónia, não fique o discurso muito mais elegante, e majestoso, contanto, que os termos adotados, sejam mais [fl. 172v] enérgicos, ou mais nobres, e que se não possam suprir com outros próprios. Ninguém dirá, que a Metáfora, a Apóstrofe, o Hipérbaton, e as outras Figuras, se devam banir da Retórica; Mas quem fizesse, por exemplo, um poema carregado destas figuras, faria uma obra estranha, e abominável; pintaria o Reno; mas fora do seu lugar.¹⁶

Se recorrermos à antiguidade, acharemos a Homero cheio de diferentes dialetos e com vários termos estrangeiros. Virgílio não se envergonhou de usar das palavras “Gaza, e Mapalia” uma Persiana, e a outra Cartaginense. Horácio tem muitos mais helenismos, isto é, modos gregos de frasear. O Milton, que é hoje as delícias da nação inglesa, nação que nesta matéria se pode dizer que tem o primeiro voto, é abundante de termos estrangeiros, de latinos, de helenismos, e de hebraísmos, e o que mais é, que não teve pejo de se servir de palavras já antigas, só para dar um carácter mais respeitável ao seu poema¹⁷. Camões tem inumeráveis palavras transportadas da língua latina; e ele falava muito bem a portuguesa: enfim este foi, e será sempre o método, que praticam os grandes poetas, aqueles, que sabem levar o idioma, em que escrevem a um ponto de sublimidade; aonde não chegam os espíritos vulgares.

Para que vós, senhores, não imagineis, que eu pretendo estabelecer paradoxos, tende a paciência de ouvires Aristóteles “A expressão nobre, diz ele, e que se afasta dos modos de falar plebeus, é a que se serve de palavras emprestadas, chamo palavras emprestadas às palavras das línguas estrangeiras.....para fazer pois que a expressão não seja nem plebeia, nem baixa, é preciso recorrer às palavras estrangeiras.....Para ficarmos convencidos da beleza, que dão à dicção estas expressões figuradas, contanto que sejam convenientes, e bem colocadas, e insertas com proporção, não é preciso mais, do que tomar os versos de uma epopeia, ou de uma Tragédia, e mudar-lhe os termos, se

¹⁴ Arist. *Poet. idem Retor. Caval. cant. p. 336 lib 5 da Retor. Demetro Phalar. Lib. de Elocut. p. 74 et per totum lib.*

¹⁵ *Com tanto que sejam derivadas da Latina.*

¹⁶ Na margem: “pintaria muitas vezes o Reno mas quase sempre fora do seu lugar”.

¹⁷ *Adss. Speet. tom. 4*

em lugar das palavras estrangeiras, e de todas as outras figuras lhe substituírem as palavras próprias, ver-se-á, que é verdade o que temos avançado”¹⁸¹⁹.

Nem se responda que a língua grega era mais suscetível destes adornos, do que a língua portuguesa; pois não há coisa mais sabida, e menos contestável, do que ser a língua grega muito [fl. 173] mais rica, e abundante do que a portuguesa; e se os gregos não por necessidade, mas para fazer mais nobre a sua dicção, se serviam de dialetos estrangeiros, nós, que temos a necessidade; porque não havemos de nobilitar os nossos poemas ao menos com o latino?

²⁰Muitos querem, que este texto do Aristóteles, se deva entender dos diversos dialetos, que tinha a língua grega, como ático, jónico, eólico, etc.; Mas, o mesmo Aristóteles, se explica mais claramente na sua Retórica “Com efeito, diz ele, assim como se encontra, não sei o que avista dos estrangeiros; que se não encontra à vista daqueles, que vemos todos os dias, o mesmo é na dicção; por esta razão pois será justo disfarçar um pouco o modo de falar, e vesti-lo, digamo-lo assim à estrangeira; porque tudo, o que vem dos estrangeiros parece admirável; ora tudo, o que é admirável agrada, e recreia”²¹.

Vestir o modo de falar à estrangeira, não pode ser outra coisa mais, do que usar palavras emprestadas de outras línguas. A estas passagens do Aristóteles, manda o célebre Addison os escrupulosos ma pureza da língua; e eu me não posso dispensar de vos repetir, o que ele diz “Os que não gostam desta elevação de estilo, e costumam ridicularizar um poeta, assim que ele se afasta das comuas formas de expressão, farão bem em irem ver, como Aristóteles trata um antigo poeta, chamado Euclides, pela sua insípida facécia, em semelhante ocasião. Driden costumava chamar a esta casta de homens os seus Proso-Críticos”²².

Não consiste pois o Barbarismo, e a confusão nas palavras novas, ou estrangeiras quando estão colocadas com energia, e elegância; no abuso é que está o defeito. Horácio, que foi um dos poetas, que falava bem Latim, tratando esta matéria, pergunta – Por que razão se há de negar esta licença a Virgílio, e a Vário, se se concedeu a Plauto, e a Cecílio; e porque motivo se há de ele inibir de enriquecer a sua língua, como fez Catão, e Énio?²³ Eu não sei o que estes escrupulosos da pureza da língua responderiam a Horácio; mas parece-me, que há igual razão para nós adotarmos as palavras latinas, à que tinham os romanos [fl. 173v] para se servirem dos termos gregos.

É pois evidente, que as palavras estrangeiras concorrem para a sublimidade do estilo, contanto, que sejam usadas com parcimónia, e derivadas da Latina: e se na prosa fazem o mesmo efeito, é o que não examino agora, por não entrar em maior labirinto; mas confesso, que nesse caso, sou muito mais escrupuloso; pois o orador, basta que mova, e instrua, o poeta é preciso, que além disto, se faça admirar, revestindo a sua expressão de uma nova gala, majestosa, e sublime.

Mas assim como a nobreza das palavras, a pompa das figuras, e todos os outros adornos da dicção, colocados no seu lugar, e com dignidade, são os que fazem o estilo sublime, assim estas mesmas galas da eloquência, postas sem ordem, sem necessidade; e sem uma recíproca correspondência, degeneram em frialdade, fazendo o discurso pueril,

¹⁸ Arist. Poet. Cap. 23 da Tradução de Dacier. Literalmente do Grego “A virtude da dicção é preclara sem ser humilde, a mais clara é certamente a que se serve das palavras próprias, mas é humilde: a grave e diferente da vulgar, é a que se serve das palavras peregrinas”: chamo peregrinas, as palavras estrangeiras, etc.

¹⁹ Id. Dacier trad. de Arist. cap. 22 da Poet.

²⁰ Vide Gravin. della Trag.

²¹ Arist. rhetor. Lib. 3 cap. 2

²² Adiss. speetet. (ou sputet.)

²³ Horat. de Art. Poet.

e abominável, vindo a cair o Poeta, ou o Orador no defeito da inchação, e no de ficar impercetível, fazendo uma louca ostentação de palavras estrondosas, e ininteligíveis, que apenas agradam aos ignorantes, ou aos, que estão infestados do mesmo gosto. Este é o vício ordinário, dos que, não tendo nenhum talento para a nobilíssima Arte da Poesia, querem fazer versos daqueles, a que chamam cultos: desejam escrever em estilo sublime; mas como não sabem até aonde chega a medida desta grandeza, amontoam palavras sobre palavras, hipérbolos inverosímeis, circunlocações enfadonhas, sem união, sem ordem, e sem significação: não reparam, que as vitórias, nem sempre se deveram ao maior número dos soldados; mas que a boa ordem é que ordinariamente conseguiu toda a glória do triunfo.

Com efeito a economia, com que se devem dispor as figuras, e os mais adornos da expressão em um poema, ou em um discurso, é o segredo d'Arte que não chegam a perceber, senão os grandes poetas, e oradores: falar muito, é a coisa mais fácil, que há; dizer muito, falando pouco, e às vezes calando, é um mistério, que só chega a compreendê-lo, quem entra no santuário das musas. Fingindo Virgílio, que Eneias descera aos infernos, diz que ali se encontrara com a sombra da desgraçada Dido: Eneias fica trespassado de compaixão, vendo, que era certa a morte da Rainha; protesta-lhe, e jura-lhe pelos deuses, que a deixara, obrigado dos mesmos deuses; confessa-lhe, que não imaginou, que a sua [fl. 174] ausência lhe pudesse influir semelhante desatino: pede-lhe, que não fuja; por ser aquela a última vez, que os destinos lhe permitem a ocasião de falar-lhe. Como se haveriam neste lance os poetas ternos, de que há tanta abundância, e que andam mendigando expressões amorosas, e açucaradas do Metastásio, do Guarini, e do Marino, que julgam, que o último esforço da poesia consiste em falar de amores; e em atribuir este idioma às personagens, que introduzem nos seus poemas, ainda que seja Catão, ou César? Parece-me, que nenhum deixaria de lhe chamar ingrato, perjuro, falso, e fementido: isto não uma só, mas repetidas vezes. Agora vejamos como Virgílio livrou a Eneias de semelhante injúria. Dido voltou o rosto: pôs os olhos no chão, e as palavras de Eneias, fizeram nela tão pouca impressão, como se fosse de mármore.

*Illa solo fixos oculos aversa tenebat,
Nec magis incepto vultum sermone movetur
Quam si dura silex, aut stet Marperia cautes.*

Quem não vê quanto é mais sublime o silêncio de Dido, do que tudo quanto se podia dizer a este respeito?

As imagens, ou ficções, a que também chamam pinturas, são qualidades principais do estilo sublime; não falo só das imagens da Retórica; mas também das poéticas, tomadas em sentido mais particular, que são, como diz Longino, quando por um entusiasmo, ou movimento extraordinário d'alma, parece que vemos as coisas, de que falamos, ou quando as pomos diante dos olhos, de quem as ouve.

Esta é a divisa, com que a natureza costuma assinalar os verdadeiros poetas.

Parece-me, que neste género de imagens, é inimitável Virgílio: são tantas, tão sublimes, e tão maravilhosas, as que se encontram, a cada passo, na sua Eneida, que eu me não atrevo a dizer qual é a mais sublime: qualquer delas basta para servir de exemplo; tão fácil fora o imitá-las.

*Panduntur portae: juvat, et Dorica castra,
Desertosque videre locos: littusque relictum
Hic Dolopum manus, hic faevus tendebat Achilles*

[fl. 174v] *Classibus his locus: hic acies certare solebant.
Pars stupet innuptae donum exitiale Minervae,
Et molem mirantur equi.....*

Com efeito não só parece, que Virgílio vê abrir as portas da cidade, saírem os troianos, correrem a ver o campo, que tinham abandonado os gregos, e pasmarem, vendo a grande máquina do cavalo consagrado a Minerva, antes nos parece, que não é Virgílio; mas sim um daqueles mesmos troianos, que nos está mostrando o quartel dos Dolopes; aonde acampava Aquiles: o lugar, em que estiveram surtos os navios: a Praça d'Armas, aonde se exercitavam as tropas, e a monstruosa fábrica do fatal cavalo.

Camões, que é um religioso imitador de Virgílio, assim como Virgílio o foi de Homero, também se serviu deste artifício para encher de magnificência o seu poema: no episódio dos doze de Inglaterra tem pinturas maravilhosas.

*Mastigam os cavalos escumando,
Os áureos freios com feroz semblante:
Estava o sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rígido diamante.*

.....
*Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboiço;
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço.*

.....
*Picam de esporas, largam rédeas logo
Abaixam lanças, fere a terra fogo.*

*Dos cavalos o estrépito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece,
De quem os olhos se alvoroça, e teme:
Qual do cavalo voa, que não deve,
Qual co cavalo em terra dando geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.*

[fl. 175] Não só parece, que o Camões está vendo o combate; mas ninguém lerá tão sublime pintura, que não fique transportado fora de si; e imaginando, que está vendo, o que o poeta descreve. Este é um dos mais suaves encantos da poesia, com que ela nos surpreende (sic), e nos arrebatava: assim quando vemos um quadro nos deleitamos com o engano da vista; parece-nos, que estamos dentro de um magnífico templo: admiramos a concavidade do texto: o relevo dos frisos, e das cimalthas; a valentia das estátuas: parece-nos, que podemos entrar pelas naves; e se pomos a mão no painel, achamos tudo plano; sendo precisa a reflexão para nos desenganarmos.

Não devo entrar na explicação das figuras concernentes ao estilo sublime; porque então seria necessário fazer deste discurso um tratado completo de retórica: basta advertirmos, que todas as figuras, que concorrem para fazer majestoso o modo de falar, são próprias para a grande locução; contanto, que não fiquem amontoadas, sem ordem, nem necessidade; porque desse modo concorrem mais para descobrir o artifício, e fazer

o discurso violento, do que para exaltar a magnificência do estilo. Uma nau, cheia de apetrechos bélicos; mas sem arrumação, deitados a granel pelo tombadilho; na ocasião do combate, faria o mesmo, que se estivesse em lastro. Mas como o Tratado do Sublime de Longino, traduzido por Boileau, de um livro, que hoje anda pelas mãos de todos, nele poderemos ver as figuras, que concorrem para a sublimidade do estilo; e se isto não bastar, Aristóteles, Demétrio Falério, Cícero, e Quintiliano, pagam muito bem o trabalho de serem lidos.

Não posso, contudo, deixar de dizer alguma coisa a respeito da harmonia, e composição das palavras; por ser esta uma circunstância, sem a qual não pode haver estilo sublime: consiste esta harmonia, na airosa colocação das mesmas palavras; e aonde se faz mais sensível, é nos versos comparados com a prosa; com efeito qualquer pensamento por maravilhoso, que seja, brilha menos na prosa, do que no verso: não nos arrebatam, nem nos persuade com tanta veemência, e eficácia: antes pelo contrário, um pensamento menos nobre, e que nada tem de grande, pela harmonia do verso, adquire um certo, não [fl. 175v] sei quê, que nos agrada, e que nos deleita: por isto é que os retóricos cuidam tanto em assignar regras para a medição de períodos, querendo muitos, que a boa prosa, deva ser uma contextura de diferentes versos: o que não é dificultoso mostrar praticado pelos melhores oradores. Um arquiteto não basta saber desenhar os pedestais, as colunas, os capitéis, e todas as outras partes da arquitetura separadamente, para dizermos, que fez o risco de uma soberba fachada; é preciso, que ajunte a este talento, o de sabê-las unir com proporção, e com elegância, que é o, em que consiste a perfeita simetria: de sorte que de todas elas, resulte um frontispício majestoso: ora esta simetria, é certamente insensível para os, que não entendem d'Arte; e contudo, só ela é quem nos arrebatam, nos suspende, e nos admira; e isto mesmo sucede na harmonia das palavras. É uma quinta-essência do bom gosto, que só pelo reiterado uso de ler os melhores oradores, e poetas se pode adquirir; semelhante aqueles remédios espiritosos, que se evaporam, se pretendemos analisá-los.

Enfim, senhores, assim como para se desenterrar a imensa quantidade de ouro, que hoje circula por todo o mundo, e que se pode dizer, que é o sangue das repúblicas, e dos impérios não bastou saber-se, aonde estava subterrado este preciosíssimo metal, mas foi preciso, que a indústria dos homens, com incansável trabalho, abrisse as minas, e revolvesse os rios mais arrebatados, para satisfazer a sua ambição, e viverem com abundância, e opulência; da mesma sorte não é bastante saber qual é, e em que consiste o estilo sublime, é preciso estudar um meio de consegui-lo, ainda que seja com trabalho; Ora entre todos os, que apontam os retóricos, nenhum é melhor, que o da imitação, e nenhum mais agradável à nossa natureza: tudo, o que aprendemos é imitando: se deixarmos de imitar, deixaremos de saber: nascemos com língua, e não falamos, senão depois, que chegamos à idade de imitar a quem ouvimos: e se é preciso este estudo para simplesmente falarmos, para falarmos com estilo maravilhoso como o faremos sem imitar?

Deve pois o poeta e orador, que quiser, que a sua memória seja eterna viver sobre os livros; quero dizer, familiarizar-se, com aqueles ilustres homens, que fizeram tão venerável a Antiguidade. Homero, Sófocles, Demóstenes, Anacreonte, Virgílio, Horácio, Cícero, e os mais, cujas obras estimam os doutos, como preciosísimos [fl. 176] tesouros da poesia, e da oratória: estes se devem ler de dia, e de noite, com prolixa reflexão, estudando descobrir-lhe as mais notáveis belezas; e quando alguém quiser compor um discurso em prosa, ou em verso, fazer como recomenda Longino, esta reflexão, como diria Homero isto, que eu digo? Como faria Virgílio esta pintura? Ou que diriam eles se

me ouvissem? E vendo, que o seu estilo se parece, ou iguala com o de algum daqueles grandes autores; que tiver elegido para modelo, pode entregar ao público os seus escritos.

Tenho dito, senhores, o que me pareceu bastante para se conceber alguma ideia do que é, e em que consiste o estilo sublime: obedeci-vos como pude: se foi mal, vós tendes a culpa; porque me encarregastes de um assunto muito pesado para as minhas forças; e agora creio, que se abusasse mais tempo da vossa atenção, nem a obediência, nem o preceito, poderiam servir-me de desculpa.

Disse Pedro António Correia Garção